



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**LUCAS ANDRADE DOS SANTOS**

**“EM QUE A RAÇA PRECISA DE DEFESA?”  
A FRENTE NEGRA DA BAHIA (1932-1934)**

Salvador  
2018

**LUCAS ANDRADE DOS SANTOS**

**“EM QUE A RAÇA PRECISA DE DEFESA?”  
A FRENTE NEGRA DA BAHIA (1932-1934)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Mestre em História.

Área de concentração: Escravidão e Invenção da Liberdade.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iacy Mata Maia

Salvador  
2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SANTOS, LUCAS ANDRADE DOS SANTOS  
EM QUE A RAÇA PRECISA DE DEFESA / LUCAS ANDRADE  
DOS SANTOS SANTOS, Jacilene Conceição de Silva. --  
Salvador, 2018.  
110 f. : il

Orientador: JACY MATA MAIA MAIA .  
Dissertação (Mestrado - HISTORIA) -- Universidade  
Federal da Bahia, UFBA, 2018.

1. FRENTE NEGRA. 2. ASSOCIATIVISMO. 3. NEGRO. 4.  
RAÇA. I. Silva, Jacilene Conceição de. I. , JACY MATA  
MAIA MAIA. II. Título.



ATA-PARECER SOBRE TRABALHO FINAL DE PÓS-GRADUAÇÃO

NOME DO ALUNO		MATRÍCULA	NÍVEL DO CURSO
Lucas Andrade dos Santos		215117213	Mestrado
TÍTULO DO TRABALHO			
"Em que a raça precisa de defesa? A frente negra da Bahia (1932-1934)"			
DISSERTADOR	ASSINATURA	CPF	
Iacy Maia Mata - orientadora	Iacy Maia Mata	668.667.235-15	
Wlamyra Ribeiro Albuquerque (UFBA)			
Petrônio José Domingues (UFS)			

ATA

Aos vinte e três dias de agosto de dois mil e dezoito, nas dependências da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), foi instalada a sessão pública para julgamento do trabalho final elaborado por Lucas Andrade dos Santos, mestrando do Programa de Pós-graduação em História Social do Brasil. Após a abertura da sessão, a professora Iacy Maia Mata, orientadora e presidente da banca julgadora, deu seguimento aos trabalhos, apresentando aos demais examinadores. Foi dada a palavra ao autor, que fez sua exposição e, em seguida, ouviu a leitura dos respectivos pareceres dos integrantes da banca. Terminada a leitura, procedeu-se à arguição e respostas do examinando. Ao final, a banca, reunida em separado, resolveu pela APROVAÇÃO do aluno. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão e lavrada a presente ata que será assinada por quem de direito.

PARÉCER GERAL

A BANCA RESOLVEU POR UNANIMIDADE APROVAR O TRABALHO E CONSIDERANDO A RELEVÂNCIA DO TEMA ASSIM COMO A QUALIDADE DA PESQUISA INDICAR A PUBLICAÇÃO DESTA DISSERTAÇÃO, APÓS REVISÃO PARA CORREÇÃO DE QUESTÕES PONTUAIS.

SSA, 23/08/2018. Assinatura do aluno:

Lucas Andrade dos Santos

SSA, 23/08/2018. Assinatura da orientadora:

Iacy Maia Mata

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Iacy Mata Maia (orientadora)  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

---

Prof. Dr.<sup>a</sup>. Wlamyra Ribeiro de Albuquerque  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)

---

Prof. Dr. Petrônio José Domingues  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

À minha eterna vovó Belinha!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal da Bahia e pela a sua nobre missão ao longo da sua existência. Ao Programa de Pós-Graduação em História da UFBA, por essa oportunidade, em especial às contribuições do grupo de pesquisa Escravidão e Invenção da Liberdade, liderado por esse exemplo a ser seguido, professor João.

Ao Grupo de Trabalho Pós Abolição e Emancipações, da Anpuh, e suas instigantes contribuições, em especial a minha querida Ana Flávia.

Agradeço muito à minha banca, “banca dos sonhos!” Professor Petrônio, pela disposição e contribuição ímpar em me apresentar o universo da Frente Negra. A minha querida professora Wlamyra e sua determinante contribuição na pesquisa. E a professora Iacy. Eu ganhei uma orientadora, uma amiga, uma colega e exemplo de cidadã e profissional a ser seguido. Eternamente grato!

Agradeço também aos professores e professoras, com as quais muito aprendi neste curso, por ter tido a oportunidade de participar das disciplinas sob seus comandos: Gabriela, Laura, Iacy, Wlamyra, Zacarias, Milton e Maurício.

Aos funcionários do Arquivo Público da Bahia, do Memorial Arlindo Fragoso, da Escola Politécnica da Ufba, do Arquivo Histórico Municipal de Salvador, da Biblioteca Pública do Estado da Bahia e da Biblioteca Isaias Alves.

Aos meus colegas do programa e a minha turma pela amizade e consideração: Raul, Nete, Leo, Fabiano, Jorge, Kelly, Débora, e um agradecimento em especial à turma da linha de pesquisa de Escravidão e Invenção da Liberdade: Jel, Simony, Manu, Karina e Lucas.

Aos meus colegas e professores do “tempo” da Graduação, em especial à pró Vilma, e aos queridos Joaci e Guerra.

Aos meus alunos da educação básica, que ao mesmo tempo, me tiram e me dão fôlego nessa jornada, bem como meus colegas de escola.

Aos muitos amigos e amigas que são parte importantíssima dessa jornada: Jilmar, Marcelo, Giovanna, Claudinha, Hélio, Leda, Maurício, Gil, Sandra, Uiles, Sancho, Hilário e Thiago.

Agradecimento especial a minha família querida e abençoada: mamãe, papai, irmãos, irmãs, tios, tias, à “primaiada” toda!

Tempo Rei!  
Oh Tempo Rei!  
Oh Tempo Rei!  
Transformai as velhas formas do viver!

Gilberto Gil (1984)



## RESUMO

Na presente dissertação, analiso a trajetória da Frente Negra da Bahia, que existiu em Salvador entre os anos de 1932 e 1934. Apresento também parte da trajetória de Marcos Rodrigues dos Santos, principal liderança da FNBa, além de alguns outros componentes que também a compuseram. Os anos 1930 foram deveras especiais para a história da República Brasileira, desse modo, buscar uma compreensão cada vez mais rica desse panorama histórico se apresenta como um requisito importantíssimo para entender melhor as relações de poder aí estabelecidas, as posturas dos trabalhadores diante daquele quadro, uma sociedade marcadamente hierarquizada e racializada e as suas reações. Uma rica tradição de associação por identidades sociais e de cor, junto com o sucesso da Frente Negra Brasileira (1931-1937), fatalmente potencializou a fundação da FNBa, que teve sua agenda concentrada principalmente na instrução, na política e nas eleições de maio de 1933 e na assistência social, com destaque para atuação de Departamento Feminino nessa atividade. Através de uma busca expressiva nos jornais de grande circulação de Salvador, em alguns periódicos da chamada “imprensa negra”, bem como na documentação judiciária e cível do período no APEB, consegui avançar significativamente nas discussões sobre a FNBa. Sua existência entre 1932 e 1934, sua aproximação com o integralismo na Bahia e sua inserção entre os trabalhadores e seu mundo, fomentando uma pauta racializada, não só entre as suas associações de classe, como em seus bairros, podem ser elencados como as principais contribuições que a Frente Negra da Bahia ofereceu, ao longo de sua existência, além de ter proposto ressignificações sobre a história do Brasil, com destaque para a positivação e o protagonismo negro nesse processo.

Palavras-chave: Frente Negra da Bahia; Associativismo negro; Raça.

## ABSTRACT

In this dissertation we analyze the trajectory of the Frente Negra da Bahia, which existed in Salvador between 1932 and 1934. We also present part of the trajectory of Marcos Rodrigues dos Santos, the main leadership of the FNBA, as well as some other components that also composed it. The 1930s were very special for the history of the Brazilian Republic. In this way, seeking an ever richer understanding of this historical panorama presents itself as a most important requirement to better understand the relations of power established there, the positions of the workers before that picture, a markedly hierarchical and racialized society and its reactions. A rich tradition of association with social and color identities, coupled with the success of the Frente Negra Brasileira (1931-1937), fatally potentiated the founding of the FNBA, whose agenda focused mainly on education, politics, and the May 1933 elections, in social assistance, highlighting the work of the Women's Department in this. Through an expressive search in the newspapers of great circulation in Salvador, in some periodicals of the so-called "black press", as well as in the judicial and civil documentation of the period in the APEB, I was able to make significant progress in the discussions on FNBA. Its existence between 1932 and 1934, its approach to integralism in Bahia and its insertion among the workers and their world, fomenting a racialized agenda, not only among its class associations, but also in its neighborhoods, besides having proposed resignifications on the history of Brazil, highlighting positivation and black protagonism in this process, can be described as the main contributions that the Black Front of Bahia contributed throughout its existence.

**Keywords:** Frente Negra da Bahia; black associativism; race.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

APEB: ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DA BAHIA

BPEB: BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA

FNB: FRENTE NEGRA BRASILEIRA

FNBa: FRENTE NEGRA DA BAHIA

AIB: ALIANÇA INTEGRALISTA BRASILEIRA

SPD: SOCIEDADE PROTETORA DOS DESVALIDOS

COB: CENTRO OPERÁRIO DA BAHIA

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da primeira edição do jornal *A Voz da Raça*, lançado em março de 1933

Figura 2 – Francisco Solano Trindade

Figura 3 – Agripino Nazareth

Figura 4 – Sede da Sociedade Protetora dos Desvalidos

Figura 5 – Convite da Frente Negra da Bahia enviado ao Interventor Juracy Magalhães

Figura 6 – Comissão da Frente Negra da Bahia que visitou o jornal *A Tarde* em novembro de 1932

Figura 7 – Ismael Ribeiro dos Santos

Figura 8 – Caricatura de Marcos Rodrigues dos Santos, publicada pelo jornal *A Tarde*, no dia 04 de abril de 1933

Figura 9 – Capa do jornal *O Imparcial* do dia 26 de março de 1933

Figura 10 – Marcos Rodrigues dos Santos

Figura 11 – Durval Dionisyo da Silva

Figura 12 – Igreja da Ajuda

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	13
<b>CAPÍTULO 1: DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA À FRENTE NEGRA DA BAHIA</b> .....	18
1.1 <b>A Frente Negra Brasileira</b> .....	18
1.2 <b>As Associações Homônimas</b> .....	22
1.2.1 <b>Frente Negra Pelotense</b> .....	22
1.2.2 <b>Frente Negra Pernambucana</b> .....	23
1.2 <b>A Bahia dos 1930: do golpe à Constituinte</b> .....	25
1.2.1 <b>As eleições de maio de 1933 na Bahia</b> .....	27
1.3 <b>“Quando todos se dispersam... Os homens de cor formam a frente negra da Bahia”: algumas considerações sobre raça na Bahia de 1930</b> .....	28
1.4 <b>“Na Guarda Civil da Pauliceia, não se admitem homens de cor”: ecos da Frente Negra Brasileira na Bahia</b> .....	32
1.5 <b>“Em que a raça precisa de defesa?” O lançamento da Frente Negra da Bahia</b> .....	35
<b>CAPÍTULO 2: “EM MEIO A PAPÉIS ELEITORAIS E DISCÍPULOS JÁ MADUROS”: MARCOS RODRIGUES DOS SANTOS E OS FRENTENEGRINOS</b> .....	45
2 <b>Marcos Rodrigues dos Santos: uma trajetória</b> .....	46
2.1 <b>“A vida foi difícil, mas sempre consegui trabalho”</b> .....	46
2.1.2 <b>“Aí fundei a Frente Negra”</b> .....	53
2.1.3 <b>“Só eu sou negro na Bahia!”: a cor na política</b> .....	57
2.1.4 <b>Marcos Rodrigues dos Santos: um negro brasileiro</b> .....	64
2.2 <b>Os Frentenegrinos</b> .....	69
2.2.1 <b>Durval Dionisyo da Silva</b> .....	70
2.2.2 <b>Outros “discípulos já maduros”</b> .....	72

<b>CAPÍTULO 3 “CONTRIBUIÇÃO DA RAÇA NEGRA NA FORMAÇÃO NACIONAL”- A FRENTE NEGRA DA BAHIA: UMA TRAJETÓRIA .....</b>	<b>75</b>
<b>3.1 Frente Negra da Bahia: uma incursão .....</b>	<b>75</b>
<b>3.2 “Vai ser fundado um partido político” .....</b>	<b>80</b>
<b>3.3 “O que mais satisfaz no momento é a maneira carinhosa com que alfabetiza” .....</b>	<b>87</b>
<b>3.4 “ As Centuriãs e as Decuriãs”: o Departamento Feminino .....</b>	<b>90</b>
<b>3.5 “CONTRIBUIÇÃO DA RAÇA NEGRA NA FORMAÇÃO NACIONAL” ....</b>	<b>95</b>
<b>Considerações Finais .....</b>	<b>103</b>
<b>Fontes .....</b>	<b>105</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>106</b>

## INTRODUÇÃO

“Em que a raça precisa de defesa”? “A Frente Negra, por quê”? “Temos nós a Frente Branca”? Essas foram algumas perguntas que os jornais de grande circulação de Salvador fizeram na ocasião da fundação da Frente Negra da Bahia (FNBa), como contestação à emergência de uma associação de trabalhadores onde a afirmação da cor preta era o principal critério de participação. Dessa forma, investigar a trajetória da FNBa, associação que existiu em Salvador, entre os anos de 1932 e 1934, é a principal matéria desta dissertação. Apresento também parte da biografia de Marcos Rodrigues dos Santos, principal liderança da Frente Negra da Bahia, assim como de alguns outros sujeitos que a compuseram.

Foi na minha atuação como professor de história da educação básica que *cheguei* à Frente Negra Brasileira (FNB) e FNBa, ao buscar conhecer e entender cada vez mais os movimentos antirracistas e as suas contínuas tentativas de luta em prol da emancipação plena da população negra no Brasil.

A Frente Negra da Bahia é uma das “filhas” da Frente Negra Brasileira (1931-1937), maior representante do vigoroso associativismo negro da primeira metade do século XX no Brasil, e obviamente do movimento negro brasileiro. Mas essa “paternidade” não cabe somente à FNB. As associações por identidades sociais e de cor na Bahia remontam às irmandades religiosas, passando pelas mutuais, desembocando na FNBa. A Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD), primeira associação civil negra do Brasil, é um exemplo desse processo, sendo criada a partir da Irmandade de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos, em 1851, e ainda atuante no século XX.<sup>1</sup>

A produção acadêmica sobre a Frente Negra da Bahia é interessante e instigante, a começar pelo registro de Thales de Azevedo, em *As Elites de Cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social, classes sociais e grupos de prestígio* (1953)<sup>2</sup>. O estudo faz parte do Projeto Unesco, onde o tema das relações raciais tinha papel de

---

<sup>1</sup> As discussões acerca dos conceitos *associativismo negro* e *movimento negro* e as bibliografias sobre o tema serão apresentadas no decorrer do trabalho. Sobre a SPD ver: Lucas Ribeiro Campos. “Sociedade Protetora dos Desvalidos: mutualismo, política e identidade racial em Salvador (1861-1894)”, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2018).

<sup>2</sup> Thales de Azevedo. *As Elites de Cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social, classes sociais e grupos de prestígio*. Salvador: Eufba: EGBA, 1996.

destaque, seguindo a ideia da harmonia das relações raciais, há tempos forjada no Brasil, e sistematizadas pelo também acadêmico Gilberto Freyre a partir da década de 1930. Desse modo, ao minimizar “os movimentos negros” na Bahia, com relativas críticas à FNBa e as suas ações voltadas para aglutinação da população negra em Salvador na década de 1930, o trabalho de Thales de Azevedo trouxe noções iniciais sobre a associação.

Mas as produções sobre a FNBa tiveram destaque durante a década de 1990, com a publicação de Consuelo Novais Sampaio, *Poder e Representação: o legislativo na Bahia na segunda República, 1930-1945*, onde a autora refletiu sobre as disputas em torno do legislativo no Estado, com relativo destaque para a atuação das elites políticas do período. Ao apontar as mudanças no panorama político-partidário e eleitoral, ocorridas a partir dos anos 1930, a autora salientou as mobilizações de alguns grupos classistas, como a participação da Frente Negra da Bahia no pleito de 1933.<sup>3</sup>

Anos depois, Jeferson Barcelar publicou um artigo intitulado *A Frente Negra Brasileira na Bahia* (1996), com o intuito de suscitar a discussão sobre o tema, além de fazer uma reflexão sobre a trajetória da Associação e suas principais atividades, como a instrução e a assistência social. O artigo deu destaque a sua participação nas eleições de 1933 e suas dificuldades em se solidificar politicamente em Salvador, haja vista a FNBa ter encontrado um certo ambiente de *harmonia racial*, que ia de encontro aos seus princípios de enfrentamento ao racismo de modo mais explícito, com uma candidatura racializada.<sup>4</sup>

Da mesma maneira, Kim Butler deu continuidade à discussão em *Freedom Given Freedom Won* (1998). Butler analisou as formas de militância e resistência dos afro-americanos no pós-abolição, apontando o caso de São Paulo e Salvador, argumentando que, em Salvador, a aglutinação dessa população se deu em torno de práticas culturais e religiosas africanas, dando destaque ao Candomblé. A historiadora, assim como Barcelar, apresentaram aspectos bastante pertinentes da trajetória da FNBa e sua dinâmica.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Consuelo Novais Sampaio. *Poder e Representação: o legislativo na Bahia na segunda República, 1930-1945*. Salvador: AleBa, 1985.

<sup>4</sup> Jeferson Barcelar, “A Frente Negra Brasileira na Bahia”, *Afro-Ásia*, n. 17, (1996), pp. 73-85.

<sup>5</sup> Kim D. Butler. *Freedoms given, freedoms won: afro-brazilian and post-emancipation: São Paulo and Salvador*. New Jersey: Rutgers University Press, 1998.



Um certo limite dos pesquisadores em seus escritos sobre a FNBA se deu ao presumirem “vigor” econômico à consciência político-racial, ao relacioná-la com a situação da FNB, em São Paulo, onde, segundo a bibliografia que trata do tema, a imigração europeia e o estabelecimento de uma ordem capitalista mais plena implicou diretamente num modelo de combate ao racismo mais incisivo, por parte da população negra, por isso a importância de uma profunda reflexão.<sup>6</sup>

Ademais, os avanços qualitativos da historiografia têm permitido conhecer cada vez mais a história da luta antirracista no Brasil, especificamente, os estudos do campo do pós-abolição, que sob influência direta da militância e da história social da escravidão e do trabalho, vêm buscando captar as experiências das populações negras como protagonistas e não como pano de fundo da história da nação.<sup>7</sup> Esses estudos, em geral, têm sido operados com a contribuição de um conceito muito caro para as pesquisas do campo: raça. Sobre os estudos onde raça é questão central das pesquisas, podemos citar *O jogo da Dissimulação*, de Wlamyra Albuquerque. Ao investigar o período do desmantelamento da escravidão no Brasil, a autora nos demonstrou como esse processo veio acompanhado de uma intensa racialização das relações sociais, como mecanismos de salvaguarda de hierarquias. Entretanto, como a própria autora mostra, os significados de raça assumiram as proporções convenientes aos grupos que a ela reportavam, e, desse modo, negociações, conflitos e perspectivas de cidadania foram forjadas pela população negra.<sup>8</sup>

Neste sentido, os estudos de Petrônio Domingues sobre o associativismo negro também são chaves-mestras para essa pesquisa, ao demonstrar contextos deveras adversos para a população negra, e a sua saliente habilidade em promover uma cultura política que revertesse, ou ao menos minimizasse, esse quadro, através do fomento à instrução, assistência social e atividades recreativas, com vistas à integração e à promoção de cidadania. Em *“Um templo de luz”: Frente Negra Brasileira e a questão da educação*, a ênfase esteve nos processos formativos da FNB em sua sede, São Paulo. Já em *Esses intemoratos homens de cor: o associativismo negro em Rio Claro (SP) no*

---

<sup>6</sup> Discussão pertinente em: Florestan Fernandes, *A integração do negro na sociedade de classes*. (2 volumes). 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1978. Ver também: Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, *Racismo e Antirracismo no Brasil*, São Paulo, 34, 2009.

<sup>7</sup> Wlamyra Albuquerque, *O Jogo da Dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

<sup>8</sup> Exemplos significativos da historiografia mencionada será apresentada no decorrer da dissertação.

*pós-abolição*, o autor mostrou a dinamização do associativismo negro no Estado de São Paulo, tomando o caso das mobilizações da população negra naquela cidade, com destaque para a atuação da delegação da Frente Negra Brasileira, demonstrando que a consciência e o ativismo político-racial dependiam da necessidade de se combater o quadro de espoliação da população negra, onde esta estivesse.<sup>9</sup>

Os trabalhos discutidos acima ajudaram a formular as questões que orientam essa pesquisa: Por que não seria possível um modelo de ativismo racial em Salvador, tal qual ocorreu com a FNB, em São Paulo? Como se deu a atuação da FNBa, além do que já sabemos? Em que medida sua atuação contribuiu para o fortalecimento das lutas da população negra no período? Por que a sua atuação se deu e um curto espaço de tempo – 1932 a 1934? Quais as suas concepções de raça? Em que medida seria válido estudar a trajetória de Marcos Rodrigues dos Santos, líder da Frente Negra da Bahia, bem como de outros membros dela? De modo que as respostas foram encontradas num intenso diálogo entre a bibliografia e as fontes.

Quanto às fontes, não houve diferença no que geralmente ocorre nos estudos sobre associativismo. Foi fundamental considerar o que os autores que pesquisaram a FNBa anteriormente já haviam consultado, os principais jornais de grande circulação de Salvador, *A Tarde*, *Diário da Bahia*, *Diário de Notícias*, *O Estado da Bahia* e *O Imparcial*, disponíveis na Biblioteca Pública do Estado da Bahia. Entretanto inovei no sentido de ampliar o recorte temporal observado, de modo que hoje sabemos que sua existência se deu entre os anos de 1932 e 1934, e não somente entre as últimas semanas de 1932 e o decorrer de 1933, conforme bibliografia apresentada.<sup>10</sup> Ainda nos periódicos, a busca de informações na chamada imprensa negra também foi relevante, especialmente os jornais *A Voz da Raça* e *O Clarim da Alvorada*, periódicos que estavam em atuação no período e que também fizeram registros importantes sobre a FNBa e sua liderança.

Ao tentar observar a possibilidade de diálogo com o Estado e da sua atuação oficialmente, recorri à documentação disponível no Arquivo Público do Estado da

---

<sup>9</sup> Petrônio Domingues, “Esses intemoratos homens de cor: o associativismo negro em Rio Claro (SP) no pós-abolição”, *História Social*, n. 19, (2010), pp. 109-134. Petrônio Domingues, “Um templo de luz: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação”, *Revista Brasileira de Educação*, v. 13. n. 9, (2008), pp. 517-534.

<sup>10</sup> Ver Barcelar, Op. Cit. (1996).

Bahia (APEB), especificamente à Secretaria do Governo e a Seção Judiciária, e consegui bons resultados dessa busca, pois encontrei uma Ação Executiva de Arrematação de bens contra a FNBa, assim como seu Regimento Interno, além das trocas de correspondência entre a Interventoria e a Associação, fontes inéditas e determinantes para ampliação dos horizontes sobre a FNBa, como veremos nas páginas a seguir.

No capítulo 1, apresento alguns pontos da FNB e sua dinâmica, que teve uma influência direta na fundação da Frente Negra da Bahia, apresentada sumariamente à luz do panorama do contexto histórico baiano. Para tal, recorro à bibliografia e aos jornais de grande circulação de Salvador, para captar os impactos do início das atividades da FNBa e algumas noções do ambiente racial da Bahia durante a década de 1930.

No capítulo 2, apresento uma parte da trajetória de Marcos Rodrigues dos Santos, a principal liderança da Associação, e de mais alguns componentes que também tiveram participação ativa não só na FNBa, como em outras associações em Salvador. Observando a relevância desses sujeitos através da “grande imprensa”, busquei e encontrei informações importantes sobre os mesmos no APEB, como inventários e certidões, que foram fundamentais para a construção das reflexões apresentadas.

No capítulo 3, apresento uma trajetória mais detalhada da FNBa. Além de ter feito uma busca expressiva sobre o tema entre os anos de 1932 e 1934, na “imprensa negra” e nos jornais de grande circulação de Salvador, encontrei informações preciosas no APEB, como as trocas de correspondência entre a Associação e o Estado, e o seu Regimento Interno. Algumas dessas fontes eram até então desconhecidas pela historiografia, e que revelou novas informações sobre a FNBa, como a sua aproximação com a Aliança Integralista Brasileira (AIB).

## CAPÍTULO 1

### DA FRENTE NEGRA BRASILEIRA À FRENTE NEGRA DA BAHIA

Este capítulo tem o objetivo de apresentar alguns pontos da história da Frente Negra Brasileira e a influência que esta exerceu na dinamização do associativismo negro no Brasil. Grande exemplo desse processo foi a criação de associações homônimas, como a Frente Negra da Bahia, principal matéria da dissertação, que será introdutoriamente apresentada neste capítulo também, à luz do contexto histórico da década de 1930, ambiente profundamente especial para compreender aspectos fundamentais das relações raciais aí estabelecidas.

#### 1.1 A Frente Negra Brasileira

A Frente Negra Brasileira é uma das maiores representações da história do associativismo negro no Brasil.<sup>11</sup> Surgiu como continuidade das experiências de luta contra o racismo e por promoção de cidadania protagonizadas por ativistas negros e forma parte do que amplamente pode ser chamado de movimento negro brasileiro.<sup>12</sup>

O surgimento e o destaque da atuação dão FNB se dão num dos momentos mais cruciais da República brasileira, a década de 1930, com destaque para a primeira metade

---

<sup>11</sup> A expressão associativismo negro é usada por Petrônio Domingues para se referir ao fenômeno do associativismo, ocorrido no desabrochar da República brasileira. Ver: Petrônio Domingues, “Esses intemoratos”, pp. 109-134. Sobre associativismo, ver: Cláudia Viscardi, “O estudo do mutualismo: algumas considerações historiográficas e metodológicas”, *Mundos do Trabalho*, v. 2, n. 4, (2010), pp. 23-39; Cláudio Batalha, “Relançando o debate sobre o mutualismo no Brasil: as relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos à luz da produção recente”, *Mundos do Trabalho*, v. 2, n. 4, (2010), pp. 12-22.

<sup>12</sup> Amílcar Pereira Araújo justificou sua opção pelo conceito “movimento negro” para se referir ao histórico processo de luta da população negra brasileira por melhores condições de vida, onde o associativismo negro desenvolvido a partir da República foi uma parte importantíssima. Após essa reflexão, o autor se dedicou à questão central da sua pesquisa: a trajetória do movimento negro contemporâneo no Brasil a partir da década de 1970. De modo que o conceito movimento negro, ao passo que abarca nossas discussões, é hegemonicamente atribuído ao que Pereira chamou de movimento negro contemporâneo. Amílcar Araújo Pereira considera “movimento negro organizado como um movimento social que tem como particularidade a atuação em relação à questão racial. Sua formação é complexa e engloba o conjunto de entidades”. Amílcar Araújo Pereira. “O mundo negro: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)”, (Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2010), p. 81; É importante mencionar também que, quem primeiro utilizou o termo movimento negro foi a Frente Negra Brasileira. Pereira. Id., *Ibid.*, p. 97.

desta, em meio aos ajustes e desajustes do período, como foi o próprio evento *Revolução de 30*.<sup>13</sup>

O golpe de Estado, logo em 1930, e a emergência de partidos políticos com forte penetração nacional são exemplos de fatos de um contexto nacional e de uma sociedade cada vez mais politizada em muitos sentidos – como o político-partidário e o ideológico – e em muitos setores sociais. A Aliança Integralista Brasileira, de tendência fascista, e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), de tradição comunista, foram dois dos principais movimentos que aglutinaram tradições ideológicas relevantes no período.<sup>14</sup> De maneira que as posturas tomadas pelos grupos eram resultado de suas leituras e posicionamentos, como de fato foram as posturas da FNB. Acumulando uma experiência de cultura política considerável no associativismo negro desenvolvido durante a Primeira República, e na perspectiva de ampliar as formas de reivindicação de cidadania e de luta contra o racismo, a Frente Negra Brasileira surgiu, tanto como consequência, quanto como protagonista direta desses processos.<sup>15</sup>

Felizmente existem pesquisas e discussões consolidadas sobre a FNB, sua história e sua dinâmica, discussão antiga e que ao longo do tempo tem tido ganhos qualitativos.<sup>16</sup> Essas discussões não passaram despercebidas, tanto pela literatura produzida pela militância, quanto pela produção acadêmica e suas *escolas*. De modo geral, apresentam sua trajetória, suas interpretações, sua pauta, a atuação da sua militância, os fretenegrinos e as fretenegrinas e seus impactos na sociedade. A pauta

---

<sup>13</sup> O debate em torno do golpe de Estado em 1930 e sua dinâmica é rico e tem oferecido possibilidades de interpretações instigantes, como as análises de Cláudia Viscardi, que chama a reflexão sobre a importância a força do movimento liderado por Getúlio Vargas em torno das continuidades, todavia sem negar de modo algum as forças políticas e sociais de renovação, como o associativismo negro, por exemplo. Cláudia Viscardi, *O Teatro das Oligarquias: uma revisão da política do café com leite*, Belo Horizonte, 2012. Ver também: Dulce Chaves Pandolfi, “Os anos 1930: as incertezas do regime”, in Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado (org.), *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo, do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015).

<sup>14</sup> Id., *Ibid.*

<sup>15</sup> Ver Jéssica Graham, “A virada antirracista do Partido Comunista do Brasil, A Frente Negra Brasileira e a Ação Integralista Brasileira na década de 1930”, in Flávio Gomes e Petrônio Domingues (org.), *Políticas de Raça: experiências e legados da abolição e do pós-emancipação no Brasil*, São Paulo, Selo Negro Edições, 2014.

<sup>16</sup> Desde o jornal *A Voz da Raça*, periódico oficial da Frente Negra Brasileira, já foram identificados textos sobre sua história. Como exemplo, temos o texto intitulado “O que pretendiam os fretenegrinos com o nome Frente Negra Brasileira”, de autoria de Marcos Rodrigues dos Santos, principal liderança da Frente Negra da Bahia, na edição 62 de fevereiro de 1937. Essa discussão também continua muito bem explanada em: Pereira, “O mundo negro”; ver também: Petrônio Domingues, “Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos”, *Tempo*, v. 12 n. 23, (2007), pp. 100-122.

congregava elementos e ações que tinham como objetivo geral a melhoria da qualidade de vida da população negra, dado o histórico processo de espoliação que enfrentavam na sociedade brasileira.

Para desenvolver os projetos específicos, a FNB criou vários departamentos: o Jurídico-Social, o Médico (ou de Saúde), o de Imprensa, que era responsável pela publicação do jornal *A Voz da Raça*; o de Publicidade (ou de Propaganda), o Dramático (ou Artístico), o Musical, o Esportivo, e o de Instrução.<sup>17</sup>

Dentre os vários departamentos existentes, o de Instrução foi o mais expressivo. Ao ofertar processos formativos formais, como a alfabetização, a Associação idealizava um projeto para a população negra com vistas ao seu desenvolvimento intelectual, sua integração no processo produtivo da nação e a superação da sua marginalização:

Eduquemos mais e mais nossos filhos, dando-lhe uma educação e uma instrução de acordo com as suas aspirações. Assim, contemplaremos, também, negros artistas, negros doutores, negros cientistas, mais em harmonia com nosso progresso.<sup>18</sup>

Fonte imprescindível para entender melhor o que foi a Frente Negra Brasileira, o jornal *A Voz da Raça*, nesse fragmento, nos dá uma boa noção do que nos parece ser sua principal percepção sobre instrução e educação: uma emancipação plena para a população negra, com vistas à ocupação dos espaços que lhe fossem convenientes. Foi em sua sede, instalada na cidade de São Paulo, que suas experiências com os processos formativos puderam ser melhor observados e onde atingiram maior sucesso.<sup>19</sup>

Essa situação foi possível principalmente por conta da quantidade de sócios que a Associação possuía, passava de milhares, o que garantia uma estrutura de funcionamento suficiente para a sua manutenção, bem como para a formação de delegações, concentradas principalmente nos Estados da região Sudeste. Suas delegações, também conhecidas como filiais complementavam sua estrutura, garantindo assim a nacionalização e a projeção das suas propostas, especialmente a politização

---

<sup>17</sup> Domingues, Op. Cit, (2008), p. 522.

<sup>18</sup> *A Voz da Raça*, 28 de outubro de 1933, p. 2.

<sup>19</sup> Domingues, Op. Cit, (2008).

racial da imensa população negra brasileira.<sup>20</sup> Assim que a abertura de filiais também era uma das suas ações de destaque.



Figura 1 – Capa da primeira edição do jornal A Voz da Raça, lançado em março de 1933. Fonte: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

<sup>20</sup> Id., Ibid. Optei por usar o termo Associação também para se referir a Frente Negra da Bahia, conforme Patrônio Domingues assim também o usa em suas pesquisas sobre o associativismo negro.

## 1.2 As Associações homônimas

O impacto e a influência da Frente Negra Brasileira atingiram seus objetivos de nacionalização através das suas delegações. Em alguns casos, como foi o caso da Frente Negra Pelotense, da Frente Negra Pernambucana e da Frente Negra da Bahia, essas “filiais” na verdade foram associações homônimas, visto que não foram instaladas como delegações sob a direção da sede. As três já foram objetos de estudo mais sistematizados, o que nos permite traçar um certo panorama das suas atuações.

### 1.2.1 Frente Negra Pelotense

O associativismo negro no Rio Grande do Sul, no contexto da primeira República, foi muito positivo e atuante, acompanhando uma *lógica* nacional de mobilização da população negra. Muito bem examinada por Ana Beatriz Loner, a Frente Negra Pelotense foi criada no dia 10 de maio de 1933, por trabalhadores da cidade de Pelotas, congregando o acúmulo de experiência de cultura política de luta contra o racismo e de afirmação racial naquela cidade, cidade de pujança econômica destacada no Rio Grande do Sul, assim como de vigor político também intenso, especialmente por parte da sua classe trabalhadora e sua destacada luta por direitos.<sup>21</sup>

Seu programa e suas ações não se distanciavam de uma pauta que, em certa medida, era hegemônica no associativismo negro, com relativo destaque para processos formativos através de palestras e conferências, atuação das mulheres na Associação e também para a instrução, tema que chegou a suscitar uma proposta de alteração do seu nome para Frente Educacional Pelotense:

Entre os seus objetivos destacavam-se: congregação da etnia, “ministrando-lhes ideias, ensinamentos nobres e altruísticos”, realizar palestras, conferências e ações tendentes a elevar o homem negro; organizar bibliotecas e cursos de alfabetização, além de “pleitear a admissão de elementos de cor aproveitável nos ginásios”.<sup>22</sup> (grifos da autora)

---

<sup>21</sup> Ana Beatriz Loner. “Classe Operária: Mobilização e organização em Pelotas (1888-1937), (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul), 1999, p. 400.

<sup>22</sup> Id., Ibid., p. 401.



Ana Beatriz Loner não encontrou mais informações sobre a Frente Negra Pelotense após o ano de 1936, supondo que as atividades se encerraram naquele momento, não resistindo às dificuldades de manutenção da Associação. Ainda segundo Loner, a experiência da Frente Negra Pelotense foi um salto qualitativo na trajetória de associativismo da população negra do Rio Grande do Sul, especialmente por intentar pela politização racial e, pela via da instrução e da educação, e lutar por avanços na cidadania.<sup>23</sup>

## 1.2.2 Frente Negra Pernambucana

A presidência da Frente Negra Pelotense foi ocupada por Miguel de Barros, liderança de referência na militância negra gaúcha, que participou do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro ocorrido em Recife, Pernambuco em 1934. A sua participação no Congresso foi fundamental para a formação da Frente Negra Pernambucana, como informa Loner:

Gustavo Rodrigues Lima, filho de José Vicente, relata em entrevista que o gaúcho Barros, “o Mulato”, veio para Pernambuco e quando chegou aqui fez contato com Solano Trindade e com José Vicente para criarem a Frente Negra Pernambucana.<sup>24</sup> (grifos da autora)

Ao participar do Primeiro Congresso Afro-Brasileiro, Miguel de Barros teve contato com importantes lideranças da militância negra pernambucana, fortalecendo as conexões transregionais que a Frente Negra Brasileira proporcionara. Segundo Fátima Aparecida, os ajustes para a plena instalação da Frente Negra Pernambucana foram feitos entre 1934 e 1936, entretanto, no ano de 1937, especialmente por conta do Golpe de Estado, houve a sua transformação em Centro de Cultura Afro-Brasileiro.<sup>25</sup>

A autora não identificou diferenças na sua pauta e nas suas ações, tanto entre as “Frentes Negras” existentes no Brasil, quanto entre sua mudança de nome, ou seja, trata-se de uma pauta que tem em vista a emancipação da população “através da

---

<sup>23</sup> Id., Ibid.

<sup>24</sup> Fátima Aparecida Silva, “A Frente Negra Pernambucana e sua proposta de educação para a população negra na ótica de um dos seus fundadores: José Vicente Rodrigues Lima – Década de 1930”, (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará), 2008, p. 46.

<sup>25</sup> Id., Ibid.

conquista das oportunidades e garantias sociais [...] principalmente pela educação”.<sup>26</sup> Destaque também se faz para a atuação de Solano Trindade, reconhecido militante afro-brasileiro, atuante em várias frentes de militância racial, com bastante destaque na poesia e no teatro, sendo um dos fundadores do Teatro Popular Brasileiro.<sup>27</sup>

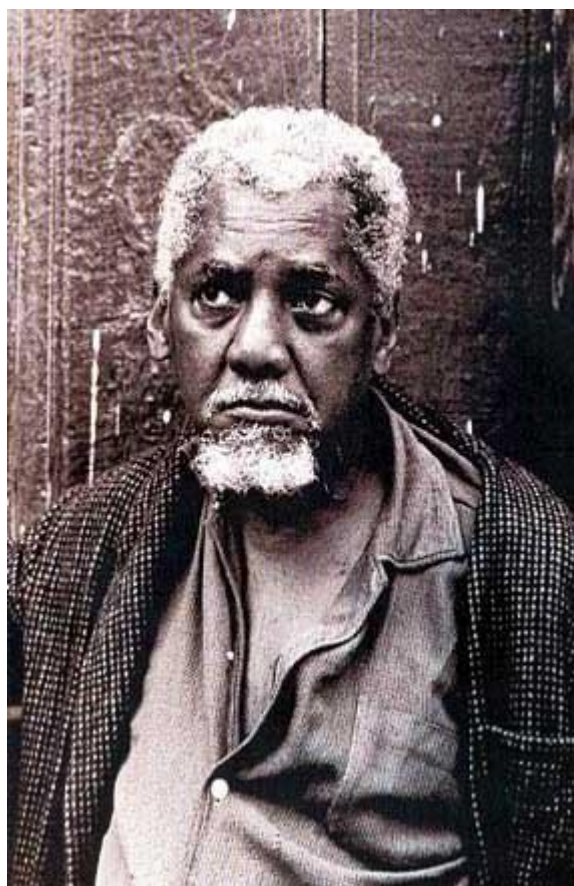


Figura 2 – Francisco Solano Trindade  
Fonte: Museu Afro Brasil

\*\*\*

Nos estudos sobre a FNB, como um todo, a Frente Negra Pelotense, a Frente Negra Pernambucana e a Frente Negra da Bahia são as associações homônimas mais estudadas e conhecidas. Ao apresentar essa incursão sobre a situação de Pelotas e Pernambuco,

---

<sup>26</sup> Id., Ibid., p. 55.

<sup>27</sup> Ver Maria do Carmo Gregório, “Solano Trindade e as marcas do seu tempo”, in Flávio Gomes e Petrônio Domingues (org.), *Experiências da Emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)*, São Paulo, Selo Negro, 2001.

algumas considerações sobre suas experiências são pertinentes de serem apontadas aqui. Cronologicamente, a primeira Associação das três a funcionar foi a Frente Negra da Bahia, principal objeto de estudo desta pesquisa. A FNBa foi criada em novembro de 1932, existindo até 1934, enquanto a segunda foi a Pelotense, existente entre os anos de 1933 e 1936; ao passo que a terceira foi a Pernambucana, existente entre 1934 a 1937.

A Frente Negra Brasileira de fato influenciou na mobilização dos afro-brasileiros em torno da militância racial, não se limitando aos *centros* políticos da nação, como o centro-sul representara; a instrução e a educação, principal ponto da agenda da FNB, também foi um assunto que perpassou por todos os casos; essas pequenas diferenças temporais entre as mesmas, de algum modo influenciaram em seus programas, pois, se no caso da Bahia, a mobilização em torno das eleições para a Constituinte de 1933 foi um elemento muito influente para sua mobilização, nas outras duas experiências, os processos eleitorais não emergiram como matéria de pauta de destaque e aglutinação.

Ao apresentar seus pontos de convergência e divergência, não pretendo hierarquizar as experiências, mas principalmente dar mais ênfase ao debate em torno das “Frentes Negras” no Brasil, movimentos singulares para os espaços onde ocorreram. Quanto ao caso da Bahia, veremos com mais detalhes esses processos.

## **1.2 A Bahia dos 1930: do golpe à Constituinte**

Com a nomeação do tenente Juracy Magalhães para a Interventoria, em 1931, o mesmo deu início a um processo de negociação com grupos políticos para levar a cabo a *revolução* e a governabilidade no Estado:

Pragmático, Juracy preferiu fazer suas apostas na conquista do apoio popular e das representações civis, governando interinamente à margem das correntes políticas. Evidentemente que o diálogo político não fora deixado de lado, mas engenhosamente, Juracy pôs em prática uma estratégia de ação que o colocava no centro das negociações, eliminando os intermediários. Isso, ao mesmo tempo em que contribuía para garantir o estabelecimento de novas alianças, favorecia a sua aproximação com as diversas correntes políticas do Estado.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Patrícia Carneiro Santos Moreira de Carvalho. “Juracy Magalhães e a construção do Juracismo: um perfil da política baiana”, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2005), p. 32.

Patrícia Carneiro de Carvalho sintetiza muito bem como foi a atuação da Interventoria no sentido de consolidar o controle político do Estado. Para garantir sua hegemonia política, o interventor deu continuidade às mesmas práticas executadas pelos tradicionais grupos políticos, que a pouco tempo haviam sido destituídos do poder, inovando apenas na neutralização das diferenças existentes entre eles. De modo que os ajustes e desajustes com as elites políticas foi um dos fatores fundamentais para a construção de suas bases.<sup>29</sup>

Se entre os grupos políticos que dominavam o cenário político-partidário na Bahia, a movimentação em torno dos ajustes provocada pelo novo contexto foi intensa, entre os trabalhadores baianos o movimento não foi diferente. Estes também tinham uma participação muito significativa nas atividades políticas, principalmente porque essa participação estava ligada diretamente à luta por promoções de cidadania e direitos através do associativismo e dos sindicatos.

Aldrin Castellucci, em sua pesquisa sobre o Centro Operário da Bahia, durante a Primeira República, apresentou um panorama bastante proveitoso sobre a contribuição dos operários baianos na constituição dos governos desse período. A sua pesquisa demonstra o quanto o operariado baiano teve participação direta na construção das bases de apoio às eleições e, conseqüentemente, dos governos; e tinha suas leituras e posições político-partidárias de sustentação e oposição às lideranças políticas, ou seja, experiências de cultura política para se posicionarem conforme suas conveniências, como fora durante a Primeira República.<sup>30</sup>

No pós-1930, especialmente durante a Interventoria de Juracy Magalhães (1931-1937), momento da existência da Frente Negra da Bahia, esse modelo de construção de bases políticas, envolvendo alianças e relações de clientelismo entre elites políticas e setores da classe operária, não sofreu alterações estruturais. O cenário político potencialmente contribuiu para a ampliação das formas de participação e de luta dos trabalhadores na política formal da nação, através de algumas inovações políticas, tais como: a criação e a estruturação da justiça eleitoral, normatizando o voto feminino, o

---

<sup>29</sup> Essa discussão corrobora com a tese de que a Revolução de 1930 não operou transformações tão significativas na estrutura estatal e na sua operação político-partidária. Para mais informações ver: Viscardi, Op. Cit. (2012).

<sup>30</sup> Aldrin A. S. Castellucci. *Trabalhadores e Política no Brasil: do aprendizado do Império aos sucessos da Primeira República*, Salvador, EDUNEB, 2015.

voto secreto; a representação classista; a existência de partidos provisórios, que permitiram a ampliação da participação de grupos políticos com menor número de pessoas nas atividades políticas formais, sendo a FNBA resultado desse processo também.<sup>31</sup>

### **1.2.1 As eleições de maio de 1933 na Bahia**

As eleições de maio de 1933 para a Constituinte materializaram, de modo muito nítido, o ambiente de disputas existente em toda a nação. Como foi apontado acima, ao passo que os acordos políticos eram ajustados, as campanhas e as disputas aconteciam. Sucedeu que, na Bahia, sob a liderança do interventor Juracy Magalhães, o PSD – Partido Social Democrático, foi o grande vitorioso das eleições de maio de 1933, elegendo vinte candidatos para a Assembleia Constituinte. A LASP – Liga de Ação Social e Política, grupo que concentrou a oposição ao interventor no Estado, conseguiu eleger dois candidatos. Quanto à participação dos trabalhadores, Fontes assim analisou:

Nas eleições de 1933, para a Assembleia Nacional Constituinte, frações do trabalhismo participaram de modo relativamente organizado, organizando-se em volta da Ação Social Política Proletária. Influenciada por Juracy Magalhães, essa articulação tinha por base as direções e lideranças dos sindicatos oficializados [...] O candidato apresentado foi Agripino Nazareth, mas o seu prestígio entre os sindicalistas não foi traduzido em votos suficientes para elegê-lo. Todavia o episódio serviu para estreitar os laços do Ministério do Trabalho com as organizações sindicais do Estado.<sup>32</sup>

A Ação Social Política Proletária, também conhecida como Liga de Ação Social Proletária, aglutinou parcela importante de trabalhadores, contando inclusive com a participação de membros da Frente Negra da Bahia também. A referência a frações do trabalhismo a que José Raimundo se refere está ligada a uma parcela dos trabalhadores

---

<sup>31</sup> Ver José Raimundo Fontes, “A Bahia de todos os trabalhadores: classe operária, sindicato e política (1930-1947)”, (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1996), p. 144.

<sup>32</sup> Id., Ibid., p. 157. O pleito de maio de 1933 para a Constituinte na Bahia voltará a ser discutido no decorrer do trabalho.

baianos que participaram do pleito nesse grupo, assim como à corrente do trabalhismo, bastante fomentada pela Interventoria.<sup>33</sup>

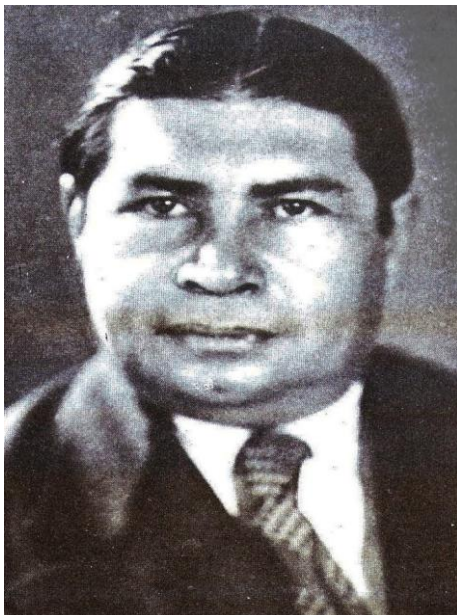


Figura 3 – Agripino Nazareth, candidato da Liga de Ação Social Proletária.  
Fonte: *O Patativa*

Os três grupos mencionados acima foram os grupos políticos que tiveram destaque no processo eleitoral para a Constituinte. Meses após as eleições de maio de 1933, a nova Constituição foi promulgada, prevendo eleições nos estados para o executivo e o legislativo estaduais, para que estes elaborassem suas constituições estaduais. As eleições de 1934 marcaram a consolidação do poder político do presidente Getúlio Vargas, no âmbito nacional, assim como de Juracy Magalhães frente às lideranças políticas no Estado da Bahia.

### **1.3 “Quando todos se dispersam... Os homens de cor formam a frente negra da Bahia”: algumas considerações sobre raça na Bahia dos 1930**

---

<sup>33</sup> O tema da Ação Social Política Proletária ainda será retomado na pesquisa. A discussão mais pertinente sobre o trabalhismo no Brasil está em: Ângela de Castro Gomes. *A invenção do trabalhismo*, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005. Para mais informações sobre o trabalhismo na Bahia ver: Fontes, Op. Cit., (1996).

Para as nações da América Afro-Latina, os anos a partir de 1930 foram um período não mais de branqueamento, mas de “amorenamento” (...) novas formas de participação política e cidadania (“amorenamento” político) e construção de novas identidades nacionais que, em vez de negar e procurar obliterar a história da mistura racial da região, abraçou-a como a essência de ser latino-americano (“amorenamento” cultural).<sup>34</sup> (grifos do autor)

George Andrews argumenta, de modo pertinente, sobre o porquê do “amorenamento” político a partir dos anos 1930 na América Latina. Diminuição significativa da imigração europeia para a região, crise do modelo agroexportador que sustentava boa parte da estrutura econômica das nações e fomento da industrialização, assim como o crescimento demográfico da população negra, foram exemplos de fatores preponderantes para a adoção de práticas políticas e econômicas nacionalistas. Trabalhismo e corporativismo são exemplos dessas práticas políticas para o caso do Brasil no período, o que implicou diretamente numa maior atenção por parte dos governos para as populações negras aí estabelecidas havia séculos, e que continuamente reivindicavam promoção de cidadania para si.

Desse modo, a valorização da mestiçagem pareceu uma estratégia político-racial bastante perspicaz por parte das elites políticas e intelectuais, especialmente por tentar neutralizar as históricas tensões raciais existentes, possivelmente potencializadas por influência dos regimes fascistas e suas apologias raciais e ultranacionalistas, em ascensão na Europa, e que também exerceram uma influência considerável na América Latina.<sup>35</sup>

O título da seção traduz muito do ambiente racial da Bahia nos 1930, pois se refere ao título de uma das reportagens que noticiaram o lançamento da Frente Negra da Bahia. Ao se referir à dispersão de “todos”, o jornal chama a atenção para alguns assuntos que estavam em voga no período: divergências ideológicas, disputas político-

---

<sup>34</sup> George Reid Andrews. *América Afro-Latina, 1800-2000*, São Carlos: EdUFSCar, 2014, p. 187.

<sup>35</sup> É importante salientar que a valorização da mestiçagem não pode ser entendida somente como estratégia hegemônica das elites, ou seja, de modo vertical, ainda que sua influência tenha sido determinante. Tiago de Melo Gomes, ao analisar o Teatro de Revista no Rio de Janeiro na década de 1920, nos deu uma contribuição ímpar sobre o protagonismo dos artistas populares cariocas e suas considerações, onde o tema da mestiçagem era a grande tirada das suas atuações. Ver: Tiago de Melo Gomes, *Um espelho no Palco: identidades sociais e massificação da cultura no Teatro de Revista nos anos 1920*, Campinas, Editora da UNICAMP, 2004.

partidárias, além de um “chamado à reflexão” quanto a uma possível dispersão, expressão que também toma contornos de “desatenção” e “omissão” da sociedade quanto às ações políticas dos “homens de cor” na Bahia.<sup>36</sup>

Dentre os destaques da reportagem, emerge a reação de “surpresa” perante a “novidade”, o surgimento de uma Associação organizada sob o viés racial em Salvador. Corroborando com as tentativas de neutralizar as tensões raciais, ao argumentar em favor da ausência de “distinções” na Bahia, os jornais de grande circulação de Salvador foram uma baliza considerável para captar aspectos do ambiente racial na Bahia, e obviamente do cenário nacional, além de traduzirem muito bem a ideologia de harmonização da nação construída desde o Império.<sup>37</sup>

Ainda quanto à surpresa diante da novidade da Associação recém-criada em novembro de 1932, vale ressaltar que, em setembro daquele mesmo ano, o próprio *A tarde* noticiava a comemoração do centésimo aniversário da Sociedade Protetora dos Desvalidos. Segundo Lucas Campos, esta é a primeira associação civil negra do Brasil, fundada em Salvador, onde um dos critérios para participação era a afirmação da cor preta, assim como a natureza da sua existência estava na manutenção dos homens de cor, pontos de pauta da Frente Negra da Bahia também, portanto, não se tratava de uma novidade de fato.<sup>38</sup>

A abolição da escravidão foi um marco significativo da crescente racialização das relações sociais no Brasil, como tentativa de dar continuidade a hierarquias sociais secularmente impostas e, naquele momento, tão agudamente questionadas.<sup>39</sup> Desse modo, o associativismo por identidade e de cor, como ocorreu com a Sociedade Protetora dos Desvalidos, se apresentaram como mecanismos fundamentais de reação ao contínuo processo de espoliação pela qual a população negra passava. De modo que o ambiente racial na Bahia, quando da ascensão da Frente Negra Brasileira e da própria FNBA não destoava do que vinha sendo posto: intensas e tensas negociações para reverter um histórico quadro de privações para a população negra.

---

<sup>36</sup> Quando todos se dispersam... os homens de cor formam a frente negra da Bahia, *A Tarde*, 24 de novembro de 1932, p. 2.

<sup>37</sup> Ver debate em: Lília Moritz Schwarcz, *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>38</sup> Na verdade, a Sociedade Protetora dos Desvalidos foi fundada em 1851, resultado de um conflito ocorrido na Irmandade de Nossa Senhora da Soledade Amparo dos Desvalidos, esta fundada décadas antes. Ver debate em: Campos, Op. Cit., (2018).

<sup>39</sup> Argumento ricamente debatido em: Albuquerque, Op. Cit., (2003).



Longe de pretender apresentar um cenário do ambiente racial da Bahia da década de 1930 como um todo, esta seção busca mostrar o que Andrews chamou de “amorenamento”, ou seja, a defesa da ideia de uma nação, que ao valorizar a mestiçagem e igualdade de oportunidades, em muito tentou mascarar uma realidade que a Frente Negra da Bahia escancarou.<sup>40</sup>



Figura 4 – Sede da Sociedade Protetora dos Desvalidos, Largo do Cruzeiro de São Francisco  
Fonte: Lucas Campos

---

<sup>40</sup> Discussão pertinente sobre o ambiente racial na Bahia em: Guimarães, Op. Cit., (2009).

#### 1.4 “Na Guarda Civil da Pauliceia, não se admitem homens de cor”: Ecos da Frente Negra Brasileira na Bahia

##### A FRENTE NEGRA EM AÇÃO

Queiram ou não, os homens de cor são tão brasileiros quanto os homens brancos... Ninguém é culpado da impureza da gente brasileira que não tem ainda um tipo definido.

No caso, cabe a responsabilidade, aos que, assenhorando-se das nossas terras, mandaram para cá gente de cor.

É injustificável, portanto, o separatismo que, à socapa, se vem efetuando, dos homens pretos dos brancos.

Em São Paulo, porém, as coisas assumiram grandes proporções, por isso mesmo que receberam o “verdictum” oficial.

Na Guarda Civil da Pauliceia, não se admitem homens de cor. Em compensação, observa-se uma norma muitíssimo perigosa. Enche-se a Guarda de estrangeiros, para o que, mais das vezes, não se observam as normas legais vigentes.

Os homens de cor, todavia, já tomaram atitudes. Dirigiram um memorial ao interventor, protestando contra o absurdo esbulho dos seus direitos.

Achamos razoáveis as suas pretensões, até porque os negros têm sido elementos baluartes cooperadores da brasilidade.

O azulado céu de nossa pátria cobre, indistintamente brancos e pretos, que são iguais perante todas as leis e perante Deus.<sup>41</sup> (grifos do autor)

Quando ocorreu a fundação da Frente Negra da Bahia, no segundo semestre, em Salvador, em 1932, a Frente Negra Brasileira, em São Paulo, já era uma Associação consolidada e atuante. Um fato que também comprova esse argumento é justamente a reverberação nacional da sua atuação, conforme atestou a notícia do *Diário da Bahia* em janeiro de 1932. O texto trata de um evento que ganhou certa notoriedade nacional, que foi a mobilização da FNB contra a proibição de contratação de negros para trabalharem na Guarda Civil de São Paulo. A mobilização surtiu efeito e acabou vitoriosa, apresentando sinais significativos da importância da militância negra.<sup>42</sup>

Ao passo que o jornal criticava a postura racista da Guarda Civil de São Paulo, também não escapava dessa perspectiva, ao denunciar a relação entre “inferioridade dos homens de cor” e sua capacidade laboral, assim como ao afirmar a “impureza da gente brasileira”, como exemplos. Essa questão remete à política de imigração europeia e branqueamento, que, no momento daquele episódio, em 1932, já tinha sofrido ações

---

<sup>41</sup> A FRENTE NEGRA EM AÇÃO, *Diário da Bahia*, 12/01/1932, p. 2.

<sup>42</sup> Ver o assunto em: Flávio Gomes, *Negros e Política (1888-1937)*, Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 62.

normativas e restritivas. O texto, ao alertar para o perigo de se “encher” a Guarda Civil de estrangeiros, chamava à reflexão sobre aspectos ligados aos trabalhadores estrangeiros: a ocupação de postos de serviço em detrimento da oferta de emprego para brasileiros, ou seja, a ação do próprio Estado em dificultar a inserção da população negra no mercado de trabalho; e a xenofobia contra o imigrante, historicamente associado ao movimento operário e ao sindicalismo.<sup>43</sup>

Em julho de 1932, houve novos ecos e caloroso debate em torno da Frente Negra Brasileira e da formação da Frente Negra da Bahia:

Frente Negra Brasileira

Começa, afinal, a se desenvolver a propaganda em favor do negro no Brasil, com a instalação da “Frente Negra Brasileira, de Ação Política e Social da Raça”.

Trata-se, incontestavelmente, de uma iniciativa que não pode deixar de conquistar as simpatias de todos os brasileiros, tendo em consideração os grandes serviços prestados pela raça africana ao nosso país.

[...] O negro, por mais de uma vez, provou as suas qualidades superiores de caráter e de bravura, em ímpetos assinaláveis de rebeldia e altivez [...] Basta lembrar da epopeia formidável de Palmares [...]

E se isso tudo não bastasse, bastaria de certo, a iniciativa formidável da Frente Negra Brasileira [...]. Já com ramificações neste Estado, esta sem dúvida destinada a ter a repercussão e a acolhida de que é merecedora.<sup>44</sup> (grifos do autor)

A construção de uma memória e de uma narrativa sobre o protagonismo da população negra ganha destaque nesse artigo, onde a Associação foi retratada de modo positivo e também foi anunciado ineditamente a sua presença na Bahia. Ainda na mesma edição do dia 09 de julho de 1932, na página 8, foi divulgada a primeira atividade da Frente Negra da Bahia em Salvador:

**“O negro e seus serviços prestados ao Brasil  
UMA CONFERÊNCIA SOBRE ASSUNTO, NO CENTRO  
OPERÁRIO**

Em obediência ao seu programa de defesa da raça negra, a “Frente Negra Brasileira de São Salvador”, recentemente instalada, fará realizar nessa capital, uma série de conferências, relativas à “Ação Política e Social da Raça”. Domingo, 10 do corrente, às 7 horas da

---

<sup>43</sup> Ver: Ângela de Castro Gomes, *A invenção do trabalhismo*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. Ver também: Andrews, Op. Cit., (2014).

<sup>44</sup> Frente Negra Brasileira, *Diário da Bahia*, 09/07/1932, p. 2.

noite, no Edifício do Centro Operário, terá lugar a primeira palestra, devendo falar o sr. Marcos Rodrigues dos Santos, inspetor geral no Estado, sobre o tema: “O negro e os seus serviços prestados ao Brasil”.

Falará ainda, ainda na mesma noite, o cirurgião dentista Euclides Lemos, além de outros oradores.

Para essa conferência, recebemos o convite especial do sr. Marcos Rodrigues dos Santos que veio a esta redação explicar sobre as finalidades daquela instituição.<sup>45</sup> (grifos do autor)

Caso a referida Conferência tenha de fato ocorrido naquele segundo domingo de julho (10 de julho de 1932), essa atividade marcou o início da atuação da Frente Negra da Bahia. A identificação da sua primeira atividade, no Centro Operário da Bahia, aliada à análise da sua trajetória, quase sempre ligada aos mundos do trabalho da “Cidade da Bahia”, é muito significativo para perceber a quem se dirigia e interessava a Associação e sua agenda: aos trabalhadores da Bahia e às suas demandas.<sup>46</sup>

As duas comunicações do dia 08 de julho de 1932 mostram também que a visita de Marcos Rodrigues à redação do *Diário da Bahia* surtiu um efeito considerável. Certamente a sua explanação na redação do periódico sobre os propósitos da Associação recém-instalada em Salvador, sob sua liderança, fomentou maiores reflexões sobre o porquê de uma “Frente Negra” na Bahia.

É interessante observar ainda que foram encontradas notícias sobre os ecos da Frente Negra Brasileira, bem como sobre os primeiros momentos da Frente Negra da Bahia, em julho de 1932, apenas no periódico *Diário da Bahia*. Como temos visto, os periódicos foram uma fonte substancial para o desenvolvimento da pesquisa, e, dos jornais de grande circulação em Salvador, este era o mais antigo em atuação no período, veículo de histórica tradição liberal e envolvimento político. Quanto à cobertura sobre temas ligados à população negra, as abordagens alternavam-se entre o racismo implícito e explícito. Uma análise mais detalhada sobre o lançamento da FNBA mostrará a continuidade do debate, tanto no *Diário da Bahia*, quanto nos outros jornais de grande circulação de Salvador.<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> O negro e seus serviços prestados ao Brasil, *Diário da Bahia*, 09/07/1932, p. 8.

<sup>46</sup> Questões relativas aos mundos do trabalho da cidade de Salvador e sua dinâmica, como o Centro Operário da Bahia, ainda serão examinadas no decorrer do trabalho.

<sup>47</sup> Discussão sobre os jornais de grande circulação de Salvador, em especial sobre o *Diário da Bahia*, bastante pertinente em: Meire Lúcia Alves dos Reis, “A Cor da Notícia: discursos sobre o negro na imprensa baiana (1888-1937)”, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2000).

### 1.5 “Em que a raça precisa de defesa?” O lançamento da Frente Negra da Bahia

Desde o seu lançamento, a FNBA foi amplamente divulgada e noticiada pela imprensa de Salvador, que relatava, além de suas impressões sobre a Associação, notícias sobre suas atividades. De maneira geral, suas atividades eram processos formativos para a população negra, como a alfabetização e cursos profissionalizantes, serviços de intermediação de empregos, assistência social, encontros de sociabilidades e passeatas.

Dez dias após as notícias sobre os ecos da Frente Negra Brasileira na Bahia, assim como o anúncio da sua presença no Estado e da sua primeira atividade em Salvador, o *Diário da Bahia* deu continuidade ao debate que vinha suscitando, agora através de um editorial. A Frente Negra da Bahia assim se autoneameava, apesar dos jornais de grande circulação de Salvador terem usado alguns nomes relativamente parecidos, como fez o *Diário da Bahia*:

A Frente Negra Brasileira de São Salvador

Lemos em um dos nossos órgãos da imprensa a notícia da fundação de uma sociedade intitulada “A Frente Negra Brasileira de São Salvador”. Inquerimos primeiramente, se a dita sociedade tem por invocação ou cargo o São Salvador se ela é assim crismada pela sua criação nesta cidade do São Salvador. De qualquer modo que a encaremos, não lhe achamos procedência justificada, se ela tem os mesmos intuitos de uma sua correlata que foi instituída em São Paulo, como criação nova de um motivo até agora inexistente no Brasil. Daquela dizem que é para a defesa da raça. Mas, por Deus! Perguntamos em que a raça, de que modo, que precisa de defesa? A que se pretende instituir não poderá ser considerada se não como uma imitação da paulista, e esta por sua vez uma imitação infundadamente da divergência racial dos Estados Unidos da América do Norte, sem se lembrarem seus interventores, ou talvez por pouco conhecimento de grafia de que nós estamos nos Estados Unidos do Brasil, que infelizmente também por imitação é assim chamado e adaptou sua forma de governo presidencial, contra todas as suas circunstâncias fundamentais do meio político nacional [...]<sup>48</sup> (grifos do autor)

Lamentavelmente não foi possível identificar o articulista que escreveu o provocativo artigo, onde a surpresa da fundação da Frente Negra da Bahia foi o ponto

---

<sup>48</sup> A Frente Negra Brasileira de São Salvador, *Diário da Bahia*, 19/07/1932. p. 7.

de partida para uma discussão profunda sobre o tema raça e nação, principalmente com a possibilidade da existência de uma Associação organizada sob o critério racial. O *Diário da Bahia* historicamente tinha relações diretas com os grupos políticos, que ora estavam no poder, e ora faziam oposição aos governos, de modo que as preocupações apresentadas no texto revelam muito de uma leitura e de projeto de nação em jogo.<sup>49</sup>

Os termos “não achamos procedência justificada” e “imitação infundadamente da divergência racial dos Estados Unidos da América do Norte” são reveladores de uma formação intelectual e ideologia racial já apontadas no texto, muito próprias do período, que, ao identificar e ou até denunciar o racismo nos Estados Unidos, contrapõe à ideia de improcedência para o caso dos “Estados Unidos do Brasil”, onde o racismo seria inexistente. O clamor “Por Deus!” e a questão que “brinda” o título da dissertação e da presente seção, “Em que a raça precisa de defesa?”, apontam para um certo sensacionalismo e polêmica que passavam a caracterizar a escrita da *grande imprensa*.

Quanto ao reconhecimento da segregação racial existente nos Estados Unidos da América do Norte, não chega a ser novidade, principalmente porque esse fato era o elemento balizador e comparativo com o Brasil, representado como paraíso racial, em detrimento do inferno racial do Norte. Meire Lúcia Reis, ao pesquisar a cobertura de temas relativos à população negra – como a discussão sobre as questões raciais e suas leituras sobre o continente africano – feita pela grande imprensa entre 1888 e 1937 na Bahia, já havia identificado essa questão também. Para Reis, “na ‘cobertura’ da imprensa baiana, os Estados Unidos oscilavam entre país economicamente desenvolvido e intolerante racialmente, o que provocava um efeito positivo sobre a imagem interna do Brasil”.<sup>50</sup> A autora conclui o argumento afirmando que

[...] as muitas formas adquiridas por um discurso veiculado pela imprensa [...] construía a imagem de que o Brasil, e a Bahia em particular, não tinha problema racial. Os jornais abraçaram a valorização do elemento negro sobretudo a partir da década de 30, mas as sementes dessa atitude já haviam sido lançadas desde o início do século XX.<sup>51</sup>

---

<sup>49</sup> Além do trabalho de Meire Lúcia Alves dos Reis, a discussão é bastante relevante em: José Weliton Aragão dos Santos, “Formação da Grande Imprensa na Bahia”, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 1985).

<sup>50</sup> Id., Ibid., p. 80.

<sup>51</sup> Id., Ibid., p. 90-91.

A assertiva “sem se lembrarem seus interventores, ou talvez por pouco conhecimento de Grafia” revela como se estruturavam as hierarquias raciais no Brasil, ao supor e ridicularizar a falta de conhecimento e letramento dos organizadores da Frente. Não por acaso, a instrução e a educação da população negra foram centrais na agenda do movimento. O texto ainda nos faz refletir sobre outras questões, como as incertezas dos primeiros momentos pós-golpe de Estado e sua dinâmica, como a expectativa das tradicionais e *carcomidas* lideranças políticas do Estado e a possibilidade de perda do seu histórico prestígio e barganhas. Frente a esse processo se dava a emergência de novos grupos políticos, como o grupo liderado por Getúlio Vargas, no âmbito nacional, e no âmbito estadual, liderado pelo interventor Juraci Magalhães.

O editorial foi publicado em um momento de efervescência política, com acirramentos das tensões em nível nacional e estadual. Em meio a um constante e visível desenvolvimento da luta dos trabalhadores e em um período marcado por greves e sindicalização, o periódico mostrou-se extremamente preocupado com o que considerava um grande risco representado pela Frente: a racialização da política. Em outras palavras, a estratégia utilizada pelo jornal para desqualificar a organização punha em xeque o porquê do estabelecimento de uma associação de “homens de cor” em Salvador, onde não haveria racismo e, portanto, não existia necessidade para tal. Segundo o diário, só a mimese explicaria a sua fundação na Bahia.

Questão também pertinente a ser discutida é a data do seu lançamento em Salvador. O editorial do *Diário da Bahia*, analisado acima, foi publicado no dia 19 de julho de 1932, mais ou menos quatro meses antes da publicação da maioria das reportagens que noticiaram sua fundação, que ocorreu de fato em 15 de novembro de 1932:

Foi fundada a Frente Negra da Bahia

Está fundada nesta capital a Frente Negra da Bahia, agremiação que se propõe a defender os direitos e interesses de sua classe.

Comunicando-nos essa ocorrência, estiveram ontem nesta redação os srs. Alfredo Jorge de Carvalho, 1º Secretário da referida sociedade, Alexandre Vieira dos Santos 2º Secretário e Álvaro Rocha, membro do Grande Conselho, que, em comissão, nos fizeram cientes da primeira reunião, ontem, da Frente Negra, em sua sede provisória à Rua Ruy Barbosa nº 44 (loja).

A sessão, que foi do grande Conselho, foi presidida pelo Sr. Marcos Rodrigues dos Santos, inspetor geral, e se realizou às 16 horas. Em seguida foram feitas comunicações às autoridades da capital[...] para amanhã, às 17 horas, no mesmo local mencionado acima a reunião em que se tratará da confecção dos estatutos.”<sup>52</sup>

Um ofício da Interventoria endereçado à Associação, datado de 30 de dezembro de 1932, respondeu ao comunicado feito pelos organizadores acerca da existência da Frente, seu lançamento em Salvador e a posse das lideranças:

Senhor Presidente:

Tenho o prazer de em nome do Senhor Interventor, agradecer a comunicação de haver se instalado o grande Conselho dessa Sociedade, que pelos interesses a que se propõe, de certo há de vencer galhardamente.

Aproveito o ensejo para apresentar-vos os protestos de estima e consideração.

Ten. Joaquim Ribeiro Monteiro  
Secretário do Interventor<sup>53</sup>

A mensagem da Interventoria, que faz denotar uma relação cordial, também evidencia uma postura do Estado de ciência da mobilização e das intenções dos trabalhadores através das suas Associações.<sup>54</sup> A histórica tentativa de *militarização* da política por parte do *movimento tenentista* também está atestada, conforme assinatura do tenente Joaquim Ribeiro Monteiro, secretário do interventor e do também tenente Juracy Magalhães.<sup>55</sup>

---

<sup>52</sup> Foi fundada a Frente Negra da Bahia, *Diário da Bahia*, 16/11/1932, p. 8.

<sup>53</sup> Ofício Expedido ao Ilmo. Snr. Presidente da “Frente Negra da Bahia”, Arquivo Público da Bahia, Seção Republicana, Secretaria de Governo, *Ofícios Recebidos e Expedidos*, Caixa 1858, Documento 2035.

<sup>54</sup> Quanto a relação entre a Interventoria de Juracy Magalhães e as Associações do período, ver: Fontes, Op. Cit. (1996).

<sup>55</sup> Ver Mário Cléber Martins Lanna Júnior, “Tenentismo e crises políticas na Primeira República”, in Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado (org.), *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente, da Proclamação da República à Revolução de 1930* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006).



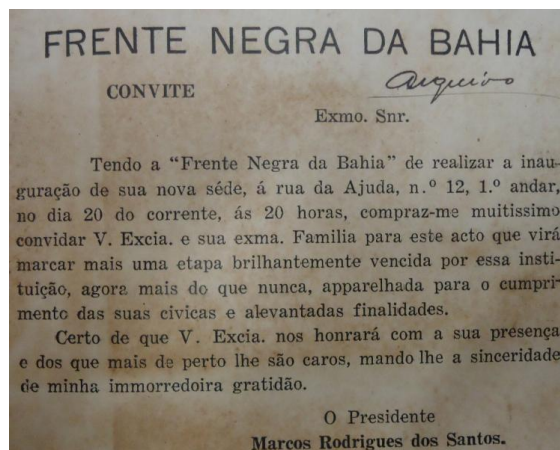


Figura 5 – Convite da Frente Negra da Bahia enviado ao Interventor Juracy Magalhães.  
Fonte: Arquivo Público do Estado da Bahia

A repercussão do lançamento da associação no jornal *Diário de Notícias* foi bem interessante. A pauta do jornal não se diferenciava de uma certa pauta que predominava na grande imprensa baiana, como as preocupações com os rumos das atividades econômicas do Estado e da nação, concepções raciais e as disputas políticas de maneira geral.

O *Diário de Notícias* já circulava em Salvador desde as últimas décadas do século XIX, e não tão diferentes de outros representantes da *grande imprensa* baiana, também estava ligado a grupos políticos que tinham seus interesses. É nesse contexto que a repercussão do lançamento da Frente Negra da Bahia se insere, na opinião de Altamirando Requião, diretor geral do periódico e assinante dos editoriais, escrita no dia 6 de dezembro de 1932:

#### A Frente Preta

1. Muito bem disse o doutor  
Que o “tempo é de nervosismo”,  
Há várias modalidades  
De insano patriotismo.
2. Agita-se um povo inteiro,  
Fervilha o partidarismo.  
Surgem grupos surgem classes  
No mais “nobre” idealismo.
3. A Nação se desagrega,  
Em partículas se esfacela,  
As opiniões se embatem  
Como uma tremenda procela.
4. A espada traça os rumos  
Que a Pátria deve seguir;

Erguem-se vultos pensantes,  
Provectos no discernir.  
5.De toda parte aparece  
De classe um representante:  
Ou é jurista afamado,  
Ou estadista operante.  
6.Já não falamos da técnica,  
Hoje tão vulgarizada,  
Apenas admiramos  
Como está valorizada.  
7.Há grande porção de indústrias  
Assim de artes também.  
Na agricultura e comércio;  
A técnica vai muito além.  
8.Ora imaginem um técnico  
Para cada indústria ou arte,  
Sem os contar na ciência,  
Ou nas façanhas de Marte!...  
9.Mas ainda as frentes únicas,  
Argumentadas com a Preta,  
Esta nova criação,  
Como farsa ou opereta..  
10.Com que irmãos “colorados”  
Neste Brasil liberal,  
Se pretende distinguir  
No futuro “festival”!!..  
11.Mas que ridículo incrível  
De insensata imitação.  
Semeando um preconceito  
Que jamais teve a Nação!!..  
12.A Frente Preta! ... Por quê?  
Temos nós a Frente Branca?  
Quem fez esta distinção?...  
Fale a Frente, seja franca.  
13.Os “colorados” se sentem  
Privados de algum direito?  
No passado ou no presente,  
Feriu-lhes o preconceito?...  
15.É, pois, a tal Frente Preta,  
Uma triste aberração;  
Dos “colorados” modernos,  
É sinistra criação.  
16.E na imprensa da terra  
La um “preto” a verberou  
E agora o Dr. Matta  
A tal Idea esmagou.  
17.Mostrou os dados da ciência;  
Mostrou os fatos da História  
E toda gente percebe  
Como a Frente é irrisória.<sup>56</sup> (grifos do autor)

---

<sup>56</sup> A Frente Preta, *Diário de Notícias*, 06/12/1932, p. 8.

Os artigos diários de capa do “poeta”, no geral, pautavam os *grandes temas* da “agenda brasileira”, como a agricultura, política e indústria, escritos obviamente em formatos de artigos jornalísticos, destoando em muito do gênero poesia, que o mesmo apresentou sobre a Frente Negra da Bahia, na contracapa do jornal, página 8, alguns dias depois da fundação da Associação.

As questões políticas acompanham todo o poema, evidenciando as preocupações e incertezas de alguns grupos políticos – no qual o autor parece se encaixar – assim como as possibilidades de outros grupos, bastante satirizados pelo mesmo. A normatização da representação classista ocorrida no período, e com ela a possibilidade de criação de novos partidos também inquietava e surpreendia o “poeta”, como vimos nas estrofes cinco, seis e oito.<sup>57</sup>

A unidade da nação e os diferentes projetos de nacionalidade em disputa aparecem como preocupação importante para o autor, discutidas nas estrofes um, dois, três e quatro, quando a sátira é endereçada a apontar a existência de diversos modos de pensar a nação e a ameaça representada pelo “insano patriotismo”. Esta, inclusive responsável pela “desagregação e esfacelamento da nação”, provocadas pela intervenção da “espada”, compreendida aqui pela intervenção militar através do Golpe de 1930.

Repetindo o argumento do *Diário da Bahia* e ecoando a ideologia racial hegemônica no Brasil, a fundação da FNBA foi reduzida à mera imitação, uma verdadeira novidade do “Brasil liberal”, onde nunca teria existido o preconceito *de cor*. Mas o autor vai além e questiona, em tom inquisitório, se os idealizadores da Frente se sentiam privados de algum direito, ou se teriam sido vítimas de algum preconceito. Aqui, desnuda-se o que considerava a “insensata imitação”: no Brasil não existia a frente branca – aqui uma referência implícita à segregação racial formal dos Estados Unidos e a organizações explicitamente racistas como a Ku Klux Klan.

Ao reproduzir e corroborar com os postulados de negação do racismo e das hierarquias raciais no Brasil, o “poeta” segue ironizando, questionando e negando a existência de hierarquias raciais. Alguns pontos ainda merecem mais algumas reflexões, como o título “A Frente Preta”, que logo remete ao adjetivo “preta” dado à Associação,

---

<sup>57</sup> Pandolfi, Op. Cit., (2015).

intensificando sua ironia, haja vista a conotação negativa do termo *preta*, em detrimento do seu próprio nome, questão já pontuada a tempos pela historiografia, e assim refletida por Paulina Alberto:

Quando os ativistas na década de 1920 começaram a usar “negros” para se auto-declararem – em vez de dizer “de cor” ou “pretos”, como haviam feito em décadas anteriores – eles estavam reavendo um termo depreciativo como um emblema de unidade racial, em contraste com as identificações com base na cor ou na ascendência parcial africana (como preto ou pardo).<sup>58</sup> (grifos da autora)

Outro ponto ainda está na estrofe 14, quando o jornalista remete a um aspecto muito importante da trajetória das populações negras na América Afro-Latina, que foram os espaços onde a população negra historicamente encontrou vias de ascensão social e política:

14.Clero, toga, farda, beca,  
Tribuna parlamentar,  
Aos “colorados” não chega!  
Que mais querem disputar?<sup>59</sup> (grifos do autor)

Exemplificando os espaços que desde o período colonial foram lugares onde a população negra teve acesso, como a Igreja Católica através das Irmandades, e o Exército, mais uma vez o articulista questiona o porquê do interesse da população negra em ampliar suas perspectivas de cidadania, haja vista que o seu *lugar* na sociedade estava “garantido”.<sup>60</sup>

Refletiremos ainda sobre os reflexos do seu lançamento no jornal *A Tarde*. O periódico foi lançado em 1912, e pertencia ao jornalista Ernesto Simões Filho, notável liderança política baiana durante a primeira metade do século XX, um dos maiores representantes da oposição ao interventor Juracy Magalhães e seu grupo político. Além da reportagem publicada no dia 24 de novembro de 1932, que tratou da visita de alguns

---

<sup>58</sup> Paulina L. Alberto, *Termos da Inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*, Campinas, Editora da Unicamp, 2017, p. 37. Quanto à historiografia que a tempos discute a questão, ver Lília Moritz Schwarcz, *Retrato em Branco e Preto: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*, São Paulo, Companhia das Letras, 2017.

<sup>59</sup> A Frente Preta, 06/12/1932, *Diário de Notícias*, p. 8.

<sup>60</sup> Andrews, Op. Cit., (2014). Ver também Larissa Viana, *O Idioma da Mestiçagem, As irmandades de homens pardos na América Portuguesa*, Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

dos quadros da Frente Negra da Bahia e do seu lançamento, o mesmo novamente pautou a novidade:

#### **Frentes Negras**

##### **Um problema novo – por quê? – Homens de cor e o Brasil – A Bahia e os problemas artificiais – Sentido de uma evolução – impertinência anacrônica**

Cogita-se na Bahia – disseram os telegramas – da formação de uma “Frente Negra”. Decerto a exemplo de S. Paulo, onde há tempos se fez uma “Frente Negra”.

Quer parecer-nos que o problema não existia. Não existia em S. Paulo, seguramente; não existia absolutamente na Bahia. É novo, é imaginado, não é real. Em S. Paulo, afinal, a porcentagem de estrangeiros é considerável, cerca de 40 % da população total, cerca de 50 % da massa trabalhadora. Lá o operário nacional tem às vezes que defender-se do concorrente de outras procedências. A sua organização toma um aspecto cooperativo. É uma sindicalização espontânea – unindo-se para valer. Mas “frentes negras” quase cinquenta anos depois de extinta no Brasil a separação que havia entre brasileiros, não se justificam em face dos sentimentos preponderantes na sociedade e que caracterizam a evolução do país.

Foi sempre um motivo de surpresa e admiração para o estrangeiro a indistinção, que ele achou no Brasil, entre todos os homens, podendo o negro, mercê da sua inteligência, do seu esforço, da sua virtude, atingir livremente os postos mais elevados e os lugares mais cobiçados da hierarquia política, administrativa, comercial. Era assim antes de 1888 e assim foi depois. [...]

A Bahia de Luiz Gama, de Montezuma, de Rebouças, de Manoel Querino, de Elias Nazareth, de Theodoro Sampaio não precisa de “frentes negras” copiadas de outros climas para apresentar ao Brasil a perfeita fraternização dos seus filhos.

Os problemas lamentáveis são os artificiais.<sup>61</sup>

O editorial foi publicado na capa da edição do dia 6 de dezembro de 1932 – no mesmo dia da publicação, no *Diário de Notícias*, do poema antes aqui exposto e analisado. Apresentando o recurso da produção de notícia, através das letras em negrito e em destaque – trata-se de um comunicado enviado da capital federal, como costumeiramente ocorria com os editoriais impressos nas capas das edições pesquisadas, que junto com as notícias do exílio de dr. Simões Filho, Arthur Bernardes e outros políticos, *disputam* a atenção do leitor.

---

<sup>61</sup> Frentes Negras Um problema novo – Porque? – Homens de cor e o Brasil – A Bahia e os problemas artificiais – Sentido de uma evolução – impertinência anacrônica, *A Tarde*, 06/12/1932, p. 1.

Dentre as questões que o texto chama à reflexão, destaco aqui a abolição da escravidão, mencionada duas vezes, como condição de conciliação do trabalhador nacional e o projeto de nação em pauta. E visto que a conciliação e o acordo já estavam firmados havia “quase cinquenta anos”, destaco também o questionamento do periódico quanto à mobilização dos trabalhadores nacionais sob o viés racial. Um aspecto mais profundo nesse ponto é o fato da admissão da possibilidade de alguma mobilização em São Paulo, por conta da imigração europeia, pressupondo conscientização racial aliada à dinâmica daquela política e econômica daquela cidade, em detrimento do caso da Bahia de Luiz Gama e Theodoro Sampaio, por exemplo.

Destaco ainda para a dimensão nacional que o lançamento tomou, ao ponto de merecer um artigo que reforçou o *coro* contra a racialização da luta dos trabalhadores baianos. Reforçando a tese, o texto é finalizado, reafirmando que os problemas mais lamentáveis da nação eram os “problemas artificiais”.<sup>62</sup>

\*\*\*

Os três jornais, em diferente medida e com distintos tons, expressam o temor que a fundação de uma associação em Salvador, organizada sob critérios raciais, representava para o que consideravam a unidade da nação. Acusada de importar “divergências raciais”, de contribuir para “desagregar e esfacelar” a nação, e de ameaçar a “perfeita evolução do país”, a fundação da Frente Negra na Bahia provocou desconforto entre alguns grupos políticos e intelectuais, que tiveram, na grande imprensa, o veículo de expressão da sua insatisfação.

As reações negativas e as críticas ao advento da Frente Negra da Bahia seguramente apresentaram o ambiente adverso que os fretenegrinos e as fretenegrinas baianos enfrentaram, ao projetarem ao menos minimizar esse quadro. Entretanto, quem eram esses sujeitos?

---

<sup>62</sup> Frentes Negras, *A Tarde*, 06/12/1932, p.1.

## CAPÍTULO 2

### “EM MEIO A PAPÉIS ELEITORAIS E DISCÍPULOS JÁ MADUROS”: MARCOS RODRIGUES DOS SANTOS E OS FRENTENEGRINOS

Neste capítulo, abordarei alguns aspectos das trajetórias de Marcos Rodrigues dos Santos (1897-1968), principal liderança da Frente Negra da Bahia, e de alguns dos seus componentes. Darei relativa ênfase a Marcos Rodrigues, especialmente aos momentos da sua vida ligados à sua militância político-racial, fato que seguramente contribuirá nas nossas reflexões sobre as árduas condições de vida do trabalhador baiano ao longo da primeira metade do século XX, e os desafios enfrentados numa sociedade desigual e marcadamente racializada, como foi a sociedade brasileira no contexto do pós-abolição.



Figura 6: Comissão da Frente Negra da Bahia que visitou o jornal *A Tarde* em novembro de 1932.

Fonte: Jornal *A Tarde*

## 2.1 Marcos Rodrigues dos Santos: uma trajetória

A campanha das eleições ocorridas em maio de 1933 para a Assembleia Constituinte fervilhava. Nessa entrevista concedida ao jornal *A Tarde*, Marcos Rodrigues dos Santos, ao evidenciar sua contribuição, bem como a da Frente Negra da Bahia para o pleito, seguramente suscitou o interesse da sociedade baiana em conhecer melhor esse *agitador* e quais eram as suas pretensões:

Sou de Santo Antônio de Jesus, disse. Ali aprendi primeiras letras com a Pró Zizinha, que ainda vive, e o ofício de sapateiro. Mas não eram essas minhas aspirações. Por isso aos 14 anos vim aqui para a capital. A vida foi difícil, mas sempre consegui trabalho. Pertencendo à conferência de São Vicente de Paula pude ser adjunto de Conferente das docas por pedido de D. Henriqueta Catharino, que o fez para atender ao Dr. Augusto Lopes Pontes. Desde então gostava de ensinar a ler aos que não sabiam chegando a reger a Escola noturna da Sociedade de São Vicente da Mouraria. Depois emigrei [...]<sup>63</sup>

### 2.1.1 “A vida foi difícil, mas sempre consegui trabalho”

Pouco se sabe sobre os primeiros anos de vida de Marcos Rodrigues. Nasceu no município de Santo Antônio de Jesus, Recôncavo baiano, em 1897, momento de tensas negociações e conflitos para a população negra daquela região, provocados principalmente pelo fim da escravidão.<sup>64</sup> A entrevista dá algumas pistas que nos fazem refletir um pouco mais sobre esse período de sua vida, como as experiências mencionadas que lhe pareceram significativas, como fora a sua alfabetização e a aprendizagem do ofício de sapateiro. Ao se referir à “Pró Zizinha” como responsável pelo ensino das “primeiras letras”, Marcos Rodrigues maximiza a importância da instrução em sua vida, esta que era a principal bandeira da Frente Negra da Bahia.

---

<sup>63</sup> “Só eu sou negro na Bahia!”, *A Tarde*, 04/04/1933, p. 2.

<sup>64</sup> Para mais informações sobre o pós-abolição imediato, especialmente nessa região ver Iacy Maia Mata. “Os Treze de Maio: ex-senhores, polícia e libertos na Bahia pós-abolição (1888-1889)”, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2002). Ver também Edinéia Maria Oliveira Souza. “Pós-abolição na Bahia: hierarquias, lealdade e tensões sociais em trajetórias de negros e mestiços de Nazaré das Farinhas e Santo Antônio de Jesus (1888-1930)”, (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012). Ver também Giovanna Ferreira Nunes. “História de ingênuos e órfãos tutelados na Bahia (1871-1900)”, (Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia, 2016).



Quanto a sua rede de relações e sociabilidades, além da professora citada, não apareceram outros sujeitos na entrevista publicada pelo jornal.

Entretanto, numa Ação de Retificação solicitada junto ao Tribunal de Justiça da Bahia em 1967, onde o mesmo requereu a correção da data de seu nascimento, pois constava equivocadamente em seu registro de nascimento como sendo dia 20 de maio de 1908, enquanto sua reclamação se referia ao dia 24 de março de 1897, foi possível obter os nomes dos seus pais e avós. A ação foi deferida pela justiça, e de posse dos nomes de seus pais e avós, foi possível buscar algumas informações que ainda não são precisas. Seu pai se chamava Sabino Rodrigues dos Santos, sua mãe Maria Leocádia Rodrigues e suas avós maternas e paternas se chamavam Maria Antônia e Maria Theodora respectivamente.

Sobre a Conferência de São Vicente de Paula que Marcos Rodrigues dos Santos mencionou, trata-se da Sociedade São Vicente de Paulo, fundada em Paris, em 1833, que tinha como finalidade principal as ações de caridade e assistência social, e que tinha uma filial em Salvador, conforme aponta trecho da ata da referida Sociedade:

A finalidade da Sociedade é a **Elevação Espiritual de Seus Membros pela Realização da Caridade**, ou seja, “Servir a Deus na pessoa do pobre...”

A esmola dada indistintamente, sem uma investigação demorada, paciente e criteriosa, poderá ir alimentar um vício ou beneficiar a uma pessoa que tem mais preguiça do que necessidade...

Em nossa cidade existe o Conselho Central Metropolitano da Bahia e 4 Conselhos particulares com 25 conferências, 250 confrades, 300 famílias socorridas com cerca de 500 dependentes.<sup>65</sup>

O estabelecimento da República no Brasil também foi um momento especial para a Igreja Católica no país. O fim do padroado e o crescimento de outros grupos religiosos foram fatos bastante influentes na nação, e que implicou diretamente na perda do histórico prestígio que a Igreja Católica detinha na sociedade brasileira. Uma resposta da Igreja Católica a essa situação se deu através da chamada romanização, movimento católico reformista que, dentre alguns objetivos, tinha na caridade, na assistência social

---

<sup>65</sup> Anexo: Fazer bem o bem que se pode fazer, Atas, Sociedade São Vicente de Paulo, 1926.

e na instrução tarefas principais, o que, de algum modo, repercutira diretamente na dita Sociedade.<sup>66</sup>

A menção de Marcos Rodrigues dos Santos à professora Henriqueta Catarino e ao Dr. Augusto Lopes Pontes intermediando a sua admissão no Porto de Salvador exemplifica um pouco da constituição de seu mundo e suas redes. Pertencendo a uma opulenta família feirense, *Dona Henriqueta*, como era conhecida, talvez seja o grande exemplo de mulher católica engajada com as questões da assistência social e da educação do período, dada a sua obra em vida.<sup>67</sup>

Quanto ao doutor Augusto Lopes Pontes, também era um sujeito de relativo peso político e social, foi um cirurgião-dentista e professor da Faculdade de Odontologia, além de pai do *Anjo Bom da Bahia*, a Irmã Dulce. George Souza ao pesquisar o Círculo Operário da Bahia, deu uma dimensão do peso político de doutor Augusto Lopes Pontes na sociedade baiana, principalmente nas suas relações com trabalhadores e suas associações, como fora o caso das suas relações com o Círculo Operário da Bahia, organização nascida dentro da Igreja Católica, religião professada por Marcos Rodrigues.<sup>68</sup>

São sujeitos que faziam parte das típicas redes de clientelismo que estruturavam em muito as relações entre grupos sociais, onde, ao estabelecer essas relações com trabalhadores e suas redes de sociabilidades, fortaleciam seu prestígio diante da classe trabalhadora, ao passo que esta barganhava melhores condições de cidadania. Para o mesmo período em que Marcos Rodrigues dos Santos foi admitido no Porto de Salvador, durante a década de 1910, Aldrin Castellucci já apontara a relevância das relações de clientelismo, tomando o caso do Centro Operário da Bahia:

---

<sup>66</sup> Não foi encontrado um estudo sistematizado sobre a Sociedade São Vicente de Paulo, mas a organização já fazia parte da estrutura da Igreja Católica na Bahia desde o século XIX. Para mais informações sobre esses processos ver Israel Silva dos Santos. “Igreja Católica na Bahia, a reestruturação do arcebispado primaz, 1890-1930” (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2006). Ver também Jacqueline Hermann, “Religião e política no alvorecer da República: os movimentos de Juazeiro, Canudos e Contestado”, in Jorge Ferreira e Lucília Delgado (org.), *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003).

<sup>67</sup> Para mais informações ver Elizete Passos. *Henriqueta Catharino, 1886-1969*, Salvador, EDUFBA FACED, 2010.

<sup>68</sup> Ver: George Evergton Sales Souza. *Entre o Religioso e o Político: uma história do Círculo Operário da Bahia*, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 1996).

Além disso, os sócios benfeitores, beneméritos e honorários, em sua maioria, comerciantes, industriais, profissionais liberais e políticos tradicionais, tinham muitos “serviços” a “prestar” ao Centro Operário...

Eles desempenhavam um papel-chave na estruturação de uma rede de clientelismo [...] Os favores e benefícios conseguidos para a classe operária e suas organizações em troca de voto e apoio político iam desde assistência jurídica e consultas médicas até isenções de impostos [...] conseguidas através daquelas figuras de prestígio e poder que integravam a máquina política do Centro Operário [...]”<sup>69</sup> (grifos do autor)

Caso o jovem Marcos Rodrigues tenha de fato emigrado do Recôncavo Baiano para a capital aos quatorze anos, tendo nascido em 1897, deve ter chegado em 1911, portanto pôde acompanhar um dos períodos mais especiais da história da classe trabalhadora baiana, que foi a segunda década do século XX. Ainda faltam informações sobre suas atividades como trabalhador do Porto de Salvador, mas as experiências pelas quais a classe trabalhadora passara no desabrochar da *era dos extremos* em Salvador seguramente não passaram despercebidas por suas observações.<sup>70</sup>

Em outro momento, Castellucci, ao investigar a greve geral de 1919 da Bahia, traçou um panorama das condições sociais, econômicas e políticas da cidade de Salvador que ocasionaram de modo mais direto os movimentos grevistas. Carestia de alimentos, baixíssimos salários, ausência de direitos sociais e trabalhistas, aliados a uma crise econômica sem precedentes são alguns exemplos de desafios pelos quais os trabalhadores passaram:

Brasileira, em grande parte feminina e acima de tudo negra, mas nem por isso passiva, a classe trabalhadora de Salvador era, então, uma multidão híbrida, saída da escravidão, formada por homens e mulheres que labutavam nas ruas, proletários fabris, totalmente desprovidos dos meios de produção e tendo como único meio de vida a venda de sua força de trabalho a um capitalista em troca de um salário e trabalhadores manuais empregados em obras de construção civil ou em pequenas oficinas e manufaturas pouco mecanizadas, mas às vezes donos de seus instrumentos de trabalho, o que lhes assegurava uma existência mais digna [...]”<sup>71</sup>

---

<sup>69</sup> Castellucci, Op. Cit., (2015), p. 79.

<sup>70</sup> “Era dos extremos” referente ao século XX. Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos, o breve século XX (1914-1991)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

<sup>71</sup> Aldrin Castellucci, *Salvador dos operários: Uma História da Greve Geral de 1919 na Bahia*, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2001), p. 34.

E como mais um dos milhares de trabalhadores *cidade da Bahia*, no caso, do Porto de Salvador – mais um dos muitos espaços dos mundos do trabalho baiano ocupados majoritariamente pela população negra – Marcos Rodrigues sentira na pele o efeito da conjuntura apontada por Castellucci e participara ativamente, de algum modo, daqueles acontecimentos.

Voltando à entrevista, a referência a sua alfabetização durante seus primeiros anos de vida, bem como seu gosto pelo ensino, “chegando a reger a Escola noturna da Sociedade de São Vicente da Mouraria”, são indícios reveladores da sua ligação com a instrução e como esta confluía para o ponto de pauta mais importante da sua militância político-racial. Quanto a sua emigração, a segunda parte da entrevista explica um pouco mais sobre seu gosto pelo ensino:

Fui alfabetizar em Segueiro do Espinho, Verruga, Encruzilhada. Aí iniciei a minha vida de judeu errante viajando para o norte de Minas, sempre pregando contra o analfabetismo. Desci depois o Jequitinhonha, estive em Cachoeirinha, Canavieiras e Belmonte, voltando a esta capital em 1924. No ano seguinte casei-me. Vendo que ninguém é profeta em sua terra emigrei novamente. Fui para São Paulo. Vicentino que eu sou, consegui empregar-me como fiscal de estrada de rodagem. Fundei uma Conferência de São Vicente e uma escola em Cubatão. Judeu errante sempre, fui depois para Santos, lecionando no Mosteiro de São Bento. Aí fundei a Frente Negra, conseguindo alistar quatro mil negros. Em 1932, apertaram as saudades e vim para a mulata velha.<sup>72</sup>

Professor Marcos realmente *tomou gosto* pelo ensino! O que tem parecido mais plausível é que esse périplo em favor da instrução estava ligado à sua filiação aos vicentinos e às atividades desenvolvidas por essa sociedade. Observando os locais citados, Segueiro do Espinho, Verruga e Encruzilhada, percebe-se que o mesmo seguira um fluxo de uma região do Estado que vinha em um relativo crescimento e desenvolvimento, sendo o projeto da construção da estrada de ferro Ilhéus-Conquista

---

<sup>72</sup> Só eu sou negro na Bahia!, *A Tarde*, 04/04/1933, p. 2. A fala de Marcos Rodrigues chama atenção também para uma consolidada rede nacional da Sociedade São Vicente de Paulo. Para uma noção mais precisa de algumas atividades executadas pela Sociedade, ver Rita de Cássia Marques, “A caridade criando hospitais em Minas Gerais (Brasil) – séculos XVIII-XX”, *Dynamis*, v. 31, n. 1, (2011). Ver também Cláudia Neves da Silva e Fábio Lanza, “São Vicente de Paulo: caridade católica aos problemas sociais?”, *História*, v. 29, n. 1, (2010).

uma grande referência desse processo e que acompanharia, em certa medida, essa trajetória que o mesmo seguiu.<sup>73</sup>

A solicitação de licença da regência da Escola Noturna da Sociedade São Vicente de Paulo em 1926 atesta sua atividade como professor, atividade aliás bastante referenciada, se comparado com sua atividade de solicitador, como também era reconhecido. De modo que a entrevista concedida ao jornal *A Tarde* revela uma narrativa de si de fato personalizada, na medida que, mais que atribuir, determina seu envolvimento com a instrução como aspecto *redentor* e definidor da sua vocação política, militante e profissional.<sup>74</sup>

Nessa perspectiva, Marcos Rodrigues não se distancia de uma longa tradição de militantes negros, que percebia a instrução e a educação como caminho para a *libertação* da população negra. Em recente pesquisa sobre a trajetória de Ismael Ribeiro, Thiago Alberto Santos assinalou esse mesmo aspecto:

Pelos operários, mas também pela “grandeza nacional”, Ismael Ribeiro clamou no Congresso, que contou com a participação do presidente da República, para que “abram-se escolas!”. Na visão do líder operário, era preciso que fossem abertas escolas primárias, artísticas e de ofício, técnicas e profissionais, porque era dessa forma que “[sairiam] dessas trevas medonhas da ignorância, para [tomar] parte do banquete da civilização”. Quando esse líder operário fala em educação como carta de emancipação, temos que considerar sua experiência na escravidão onde, fugindo de uma regra mais ampla, teve acesso à instrução e ao aprendizado de um ofício, fato deveras importante para ele quando passou a viver em liberdade, já que de escravo tornou-se um indivíduo de prestígio social e político, e ainda mais, do ponto de vista econômico, conseguiu acumular um patrimônio considerável durante sua vida.<sup>75</sup> (grifos do autor)

---

<sup>73</sup> Ver Francisco Antônio Zorzo. *Ferrovia e Rede Urbana na Bahia: Doze cidades conectadas pela Ferrovia no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870-1930)*, Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.

<sup>74</sup> Solicitação de Licença, Acta da Sessão Ordinária, Atas (1917-1930), Livro 19, SSVV, 07/03/1926, p. 3.

<sup>75</sup> Thiago Alberto Alves dos Santos. Ismael Ribeiro: “Abram-se escolas!”,

<<http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=192>>, acessado em 01/07/2017.

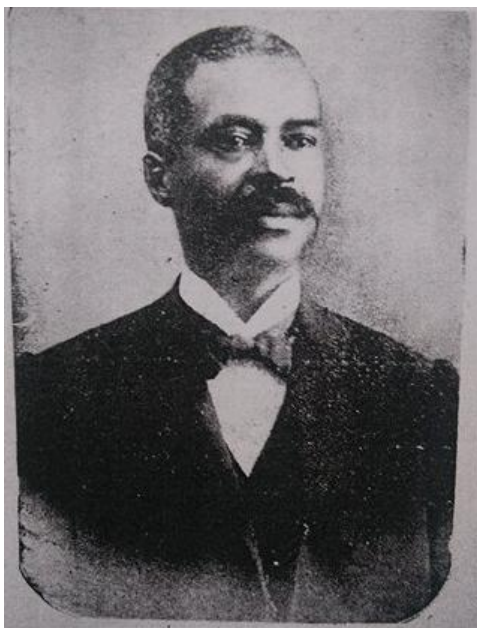


Figura 7 – Ismael Ribeiro dos Santos  
Fonte: Aldrin Castellucci

Segundo Thiago Alberto Santos, Ismael Ribeiro (1854-1931) foi uma das principais lideranças da classe trabalhadora na Bahia do seu tempo, atuando destacadamente no movimento abolicionista, na liderança do Centro Operário da Bahia, bem como no Liceu de Artes e Ofícios da Bahia. Ismael Ribeiro é mais um dos sujeitos que compõem uma histórica tradição de militantes negros que dedicou sua militância na defesa da cidadania para os trabalhadores baianos do seu tempo, para a população negra também, sendo obviamente uma referência de militância para Marcos Rodrigues dos Santos.

Quanto ao norte de Minas Gerais, é uma região banhada pelo Rio Jequitinhonha, este que historicamente servira de elo entre o litoral e os sertões, e que também vinha experimentando notável ocupação dos seus leitos a partir do século XX, principalmente para a criação de gado. O fato de ter sido navegável permitiu a Marcos Rodrigues dos Santos descer o Jequitinhonha no sentido de sua desembocadura, passando por Cachoeirinha, hoje submersa pela barragem da Usina Hidrelétrica de Itapebi, além das históricas Belmonte e Canavieiras.<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> Para mais informações ver Ana Cristina de Sousa. “Povoados de Cachoeirinha e Massaranduba (Vale do Jequitinhonha, Bahia): a relação entre espaço, agentes e contexto sócio-econômico”, (Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2006).

Seu retorno para Salvador, em 1924, foi marcado pelo seu casamento (ainda não foi possível descobrir quem era sua esposa ou primeira esposa) e pelo nascimento de um filho, Geraldo Rodrigues dos Santos, sobre quem Marcos Rodrigues dos Santos faria referência a uma enfermidade mental e à necessidade de certos cuidados especiais. No início do ano de 1926, “o professor Marcos Rodrigues dos Santos, tendo de seguir para São Paulo, retirou-se da escola nocturna”, emigrando para mais uma experiência singular de sua trajetória, como veremos a seguir.<sup>77</sup>

### 2.1.2 “Aí fundei a Frente Negra”

A sua estada em São Paulo foi muito importante para seu engajamento no associativismo negro ali existente. Para além de sua contínua “missão pregando contra o analfabetismo”, através da Sociedade São Vicente de Paulo – que parecia possuir redes nacionais – e do trabalho como fiscal de estrada de rodagem, foi o momento em que Marcos Rodrigues dos Santos passou a fazer parte do grupo dos “homens de cor”, naquele Estado, que tinham uma militância bastante significativa:

Das diversas entidades negras de São Paulo até 1930, o *Centro Cívico Palmares* foi uma das mais importantes, quer pela proposta de elevação política, moral e cultural da “população de cor”, quer pelo grau de organização. Ele foi articulado por um grupo de ativistas (Isaltino Veiga dos Santos, Vicente Ferreira, Raul Joviano Amaral, Marcos Rodrigues dos Santos, entre outros) que estavam dispostos a envergar a luta contra o “preconceito de cor” em uma perspectiva mais política, sem recorrer às atividades recreativas, como os bailes dançantes.<sup>78</sup> (grifos do autor)

Petrônio Domingues investigou momentos interessantes das trajetórias dos irmãos ativistas Veiga dos Santos. Isaltino Veiga dos Santos foi um dos fundadores da Frente Negra Brasileira, e devido a divergências e conseqüentemente sua expulsão da Associação em 1933 – sob a liderança de seu irmão – encontrou espaço para trabalho como jornalista e militância com sujeitos e grupos ligados à Aliança Nacional

---

<sup>77</sup> Solicitação de Licença, Acta da Sessão Ordinária, Atas (1917-1930), 07/03/1926, Op. Cit., p. 3.

<sup>78</sup> Petrônio Domingues, “Constantemente derrubo lágrimas: o drama de uma liderança afro-brasileira no cárcere do governo Vargas”, in Flávio Gomes e Petrônio Domingues (org.). *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*, (Belo Horizonte, Fino Traço, 2014), p. 225.

Libertadora, o que provocou sua prisão pela Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS), em fevereiro de 1936, sob acusação de comunismo e subversão.<sup>79</sup>

Quanto ao seu irmão, Arlindo Veiga dos Santos, Domingues também analisou elementos da sua trajetória, dando destaque a alguns aspectos ideológicos e políticos de suas ações. Arlindo Veiga também foi um dos fundadores da FNB, primeiro presidente dela e também professor na Escola Noturna da Associação. Ainda segundo Domingues, ele é considerado a maior liderança negra monarquista da República, flertando com ideologias como o antissemitismo, anticomunismo e a xenofobia.<sup>80</sup>

Os irmãos Veiga dos Santos são exemplos de militantes do ativo associativismo negro existente em São Paulo na década de 1920, que tinha na sociabilidade um dos principais meios de fortalecimento da integração da população negra dado o lamentável contexto de espoliação desta. E a chegada e integração de Marcos Rodrigues dos Santos nesse grupo se deu justamente em um panorama de ampliação dos modos de militância desse movimento, ou seja, no final da década de 1920 e início da década de 1930, com a emergência da Frente Negra Brasileira (1931). Com a criação desta, a luta contra o preconceito “de cor” tomou moldes políticos mais determinados, ou melhor, houve um ganho muito significativo na percepção da cultura política desses sujeitos, haja vista os aspectos das trajetórias dos Veiga dos Santos, apresentados como exemplo.

E de fato a criação da FNB representou bem a ampliação das formas de reivindicação por melhores condições de cidadania e especialmente de luta antirracista, ou seja, de uma cultura política, onde a luta por direitos passou a representar um componente determinante. Nesse contexto, dentre as ações para o sucesso da sua pauta, a abertura de filiais era um componente dos mais importantes para a Associação, conforme atestou *O Clarim da Alvorada*, em dezembro de 1931:

Santos

Acudiu de um modo surpreendente e invulgar o brado que surtiu de S. Paulo para a unificação das nossas ideologias. E a terra de Quintino de Lacerda não podia ficar alheia a essa forte agitação. Estão à testa da delegação santista os srs. Marcos dos Santos, Dr. Juvenal Ventania e Josias Pedro Leite. Este último é o secretário-geral.<sup>81</sup>

---

<sup>79</sup> Id., *Ibid.*, p. 221.

<sup>80</sup> Id., “O messias negro? Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978)”, *Varia História*, v. 22, n. 36, (2006).

<sup>81</sup> Santos, *O Clarim da Alvorada*, 20/12/1931, p. 3.



Além da nota referente à situação de Marcos Rodrigues dos Santos, toda a página da edição do periódico é dedicada à apresentação e avaliação dos ecos da FNB, com destaque para as atuações das filiais apresentadas, além da de Santos, as do Rio de Janeiro – a ser instalada –, Amparo, Uberaba, São Sebastião do Paraíso, Pinheiros, Bella Vista e Parque Jabaquara. Ainda faltam informações sobre o funcionamento da filial da FNB em Santos, todavia o fato é que, no segundo semestre de 1932, Marcos Rodrigues já estava de volta para a Bahia.

\*\*\*

A *cidade da Bahia* fervilhava naquele segundo semestre. As disputas políticas se intensificavam cada vez mais por conta do novo quadro político-partidário instaurado e as possibilidades de ação dos grupos sociais, naquele contexto de entrada em vigor do Código Eleitoral de 1932, marco singular na ampliação de direitos políticos da sociedade brasileira, que dentre os avanços, normatizava a representação proporcional e de legendas a partir do registro de 100 pessoas.<sup>82</sup>

O que se sabe até então é que as atividades de Marcos Rodrigues dos Santos nesse momento se concentraram na mobilização para levar a cabo a Associação e que, de fato, foi o que ocorreu, com o seu lançamento e publicização durante o segundo semestre de 1932. Observando as publicações dos jornais sobre esse primeiro momento da trajetória da Frente Negra da Bahia, foi possível sacar algumas reflexões, especialmente a partir da resposta de Marcos Rodrigues dos Santos às críticas referentes ao lançamento da Associação no jornal *A Tarde*.

Num denso e erudito artigo de uma seção intitulada Seção Livre, Marcos Rodrigues respondeu a alguns questionamentos do advogado Edgard Matta acerca da Associação.

**Deixe o pobre negro fazer uma forcinha...**

A Frente Negra não é a organização que fez levantar a pena vibrante do Ilustre dr. Edgard Matta, para tão cedo vir a público dizer do que vivo latente em si, pois falar em preconceito no seio do Negro é expor o que existe em seu próprio eu [...]

---

<sup>82</sup> Ver Sampaio, Op. Cit., (1985).

No desporto compreende: pré-bola, natação, ténis, bola ao cesto, pólo, corridas etc.

Na parte beneficente compreende: Assistência médico-dentária e judiciária, alfabetização em geral, escolas noturnas para ambos os sexos e diurnas para crianças, compreendendo jardim de infância, ginástica sueca, passeios pedagógicos etc. E isso constitui a priori da "Frente Negra".

Na ação política, votar no negro, para sua representação no país, constitui a posteriori.<sup>83</sup> (grifos do autor)

Ainda não foi possível localizar o artigo de Edgard Matta que provocou a reação de Marcos Rodrigues dos Santos, mas a resposta lança luz sobre algumas questões: primeiro, sua erudição. Sobre a sua instrução e graduação formal, se foi o caso, não foram encontradas informações, entretanto, Marcos parece ter sido um sujeito formado e informado; percebe-se, mais uma vez, que era um indivíduo que concebia a instrução formal e a educação como eixos centrais de cidadania e emancipação, traduzidos no bom desempenho do corpo, seja do físico, seja do racional; que compreendia a ação política em prol das ações e transformações sociais dentro das formalidades do Estado, mas que perpassava pelo protagonismo do negro na arena pública, ou seja, descreditando das representações políticas existentes até então.

Para tal, a segunda parte do texto se traduz em uma rica contextualização do porquê dessas reflexões e ações.

Eis, meu caro doutor e jovem parlamentar, a razão de ser da Frente Negra, se o crime é o título "Frente Negra", que ao Negro não fere tanto, pois ele há de convir com o mesmo, que deixo de explicar por um segredo racial; mesmo assim, o ilustre autor do "Não Frente Negra"... poderá sugerir o que vos aprouver [...]

Só faço questão que compreenda o Negro, isto, para não haver confusão, pois agora não seremos só votantes, seremos também votados [...]

Caro doutor: — Quem vos pede é o próprio sangue derramado do Negro, por conseguinte dos nossos avós aplique o vosso alto talento nos grandes problemas que envolvem a nacionalidade, sem dúvida nenhuma, ganharíeis muito mais e concorreríeis para a grandeza da terra natal.

Lembro ao jovem criminalista que a melhor oportunidade de se ocupar das "Frentes" já passou, pois os políticos decaídos, com os da finada Aliança Liberal, foi uma frente e no seio daquela organização existia o maquiavelismo, cujas conseqüências deprimentes, a Nação atravessa

---

<sup>83</sup> Deixe o pobre negro fazer uma forcinha, *A Tarde*, 29/11/1932, p. 4.

com dias incertos e com o vosso rasgo psicológico, podereis debelar tão grande mal cuja debacle veio dificultar [...] Não tenhais cuidado com o mal que possa causar a organização dos negros, estes nunca prejudicaram a nossa terra. Ademais, as extremas pretensões, nem sequer são extremas, pois saiba o ilustre parlamentar que a pretensão do negro é por uma condição de viver regularmente e não a de perfeitamente bem. Antes de tudo, devemos trabalhar pelo progresso do nosso Estado e da nossa Pátria estremecida.<sup>84</sup> (grifos do autor)

O certo tom irônico que o autor dá ao texto, especialmente quando se refere diretamente ao “doutor”, ou seja, a quem tem, ou ao menos deveria ter conhecimento suficiente sobre as questões de ordem política e histórica “da nossa Pátria estremecida”, abre precedente para bons chamados à reflexão a respeito dos temas colocados em pauta no artigo, não só por Edgard da Matta como pela maioria da sociedade baiana.<sup>85</sup>

Temas como a prática da desracialização da luta dos subalternos, a crítica à participação e protagonismo político destes como grupo específico, além do tema da memória seletiva também são ressoados. Marcos Rodrigues dos Santos, ao denunciar a negligência da contribuição das populações negras na constituição da nação, assim como as carcomidas práticas políticas que mantinham o status quo, também se apresentava e emergia como mais uma importante liderança política.

### 2.1.3 “Só eu sou negro na Bahia!”: a cor na política

A reportagem do jornal *A Tarde*, publicada no dia 04 de abril de 1933 (ver Figura 8), está inserida no contexto de proximidade das eleições de maio de 1933 para a Constituinte, onde as disputas se acirravam cada vez mais, pois faltavam trinta dias para o pleito. A Frente Negra da Bahia, assim como os outros grupos políticos que também participavam das eleições, também intensificava suas mobilizações, sendo até então um *partido* de base popular que ganhava notoriedade naquela votação. De modo que, como as mobilizações de trabalhadores sempre espantam as elites, as reações assumiam diversas conotações, sendo o deboche através de charges mais uma delas, como instrumentos simbólicos de descrição e negatização dos seus membros e objetivos.

---

<sup>84</sup> Deixe o pobre negro fazer uma forcinha, *A Tarde*, 29/11/1932, p. 4.

<sup>85</sup> Id. Ibid.

# Só eu sou negro na Bahia!..

Sapateiro aos dez annos, o prof. Marcos é a um tempo Vincentino, alfabetizador, advogado e agitador

Raream os typos populares entre nós. Um dos poucos; tomando vulto pelo seu aspecto de agitador, é o "prof. Marcos".

Deve se lhe uma campanha nova. Em quanto os politicos organizam as frentes politicas elle, porque certamente gosou de expressão, fez a "Frente Negra", que considera o orgam de defesa da sua raça e que prepara, ao mesmo tempo, como organização de combate.

Preto bem falante e bem creado, Marcos com o seu labio grosso e a sua fila de dentes alvos, assentou seus arraiaes na rua Ruy Barbosa. Ali vê-se numa placa: "Prof. Marcos R. dos Santos — Solicitador". Foi ali, em meio de papéis electoraes e discipulos já maduros que o "reporter" encontrou o prof. Marcos. Em quanto o Aguiar manejava o lapis, falamos-lhe:

— Sou de Santo Antonio de Jesus, disse. Ali apendi primeiras letras com a prof. Zizinha, que ainda vive e o officio de sapateiro. Mas não eram essas minhas aspirações. Por isso, aos 14 annos vim aqui para capital. A vida foi

difficil mas sempre consegui trabalho. Pertencendo á Conferencia de S. Vicente de Paulo pude ser adjuncto de conferente das Docas por pedido de d. Henriqueta Cucharino, que o fez para attender ao dr. Augusto Lopes Pontes. Desde então gostava de ensinar a ler aos que não sabiam, chegando a reger a escola nocturna da Sociedade de S. Vicente na Mouraria. Depois emigrei. Fui alfabetisar em Sequeiro do Espinho, Verruga, Enerzilanda. Ah! iniciiei a minha vida de judeu errante virando para o norte de Minas, sempre pregando contra o analfabetismo. Descei depois o Jequitinhonha, estive em Cachoeirinha, Cannaviellas e Belmonte, voltando a esta capital em 1924. No anno seguinte casei-me. Vendo que ninguem é profecta em sua terra emigrei novamente. Fui para S. Paulo. Lá, vicentino que sou, consegui empregar-me como fiscal de uma estrada de rodagem. Fundei uma conferencia de S. Vicente e uma escola em Cubatã. Judeu errante sempre, fui depois para Santos, leccionando no theatro de S. Bento. Ali fundei a "Frente Negra", conseguindo alistar



O PROF. MARCOS E A SUA PASTA

quatro mil negros. Em 1932, apertaram as saudades e vim para a Mulata Velha.

## O QUE O PROF. MARCOS PENSA DA CONSTITUINTE

— Você está fazendo eleitores? Marcos?

— Sim. Cerca de 300 estão aqui nos ouvindo.

E bateu na pasta.

Difficuldades de toda ordem impediram de arranjar maior numero. Fica para outra vez.

— Que você acha da Constituinte?

Alongando o beijo grosso, revirando os olhos, o prof. Marcos sentenciou:

— Só eu sou negro na Bahia!..

Mas sou por uma Constituinte bem pensada, com a collaboração de todos os brasileiros, sem odios, esquecidos resentimentos para que o Brasil seja grande, unido e forte.

— Professor, qual a sua maior aspiração?

— Viver como Judeu errante, correndo terras e mais terras... e viva a Frente Negra!..

Figura 8: Reportagem do jornal A Tarde publicada no dia 04 de abril de 1933.

Fonte: Jornal A Tarde

O título da matéria é incontestavelmente chamativo. Como temos visto, o jornal *A Tarde* é um dos principais representantes da chamada *grande imprensa*, onde a produção da notícia é um quesito fundamental. Assim, ao intitular a reportagem com a irônica assertiva de Marcos Rodrigues dos Santos, certamente chamaria atenção para a matéria, bem como conduziria o modo como a leitura deveria ser feita. Sobre o texto da reportagem, seguem alguns fragmentos:

**Só eu sou negro na Bahia!...**

**Sapateiro aos dez anos, o prof. Marcos é a um tempo Vincentino, alfabetizador, advogado e agitador**

Rareiam os tipos populares entre nós. Um dos poucos: tomando vulto pelo seu aspecto de agitador, é o prof. Marcos.

Deve-se-lhe uma campanha nova. Enquanto os políticos organizam as frentes políticas ele, porque certamente gozou de expressão, fez a “Frente Negra” [...]

Preto bem-falante e bem-criado, Marcos com o seu lábio grosso e a sua fila de dentes alvos, assentou seus arraias na rua Ruy Barbosa. Ali vê-se uma placa: “Prof. Marcos R. dos Santos – Solicitador”. Foi ali, em meio de papeis eleitorais e discípulos já maduros que o “repórter” encontrou o prof. Marcos. Enquanto o Aguiar manejava o lápis, falamos-lhes: [...]

— Você está fazendo eleitores? Marcos?

— Sim. Cerca de 300 estão aqui nos ouvindo.

E bateu na pasta.

Dificuldades de toda ordem impediram de arranjar maior número. Fica para outra vez.

— Que você acha da Constituinte?

Alongando o beijo grosso, revirando os olhos, o prof. Marcos sentenciou:

— Só eu sou negro na Bahia!... Mas sou por uma Constituinte bem pensada, com a colaboração de todos os brasileiros, sem ódios, esquecidos ressentimentos para que o Brasil seja grande, unido e forte.

— Professor, qual a sua maior aspiração?

— Viver como Judeu errante, correndo terras e mais terras... e viva a Frente Negra!<sup>86</sup> (grifos do autor)

Segundo a reportagem, o professor Marcos Rodrigues dos Santos é reconhecido como mais um dos tipos populares que *rareavam* o cotidiano, ou seja, se *rareavam* é porque não eram comuns nem frequentes, configurando-se então um fato inusitado, quando o pleito de maio de 1933 para a Constituinte o revelara. Wlamyra Albuquerque,

---

<sup>86</sup> Só eu sou negro na Bahia! *A Tarde*, 04/04/1933, p. 4.

ao analisar os embates entre monarquistas e republicanos nas últimas semanas do Império em Salvador, já se referia à *reação popular* e aos *populares* como sujeitos relacionados ao povo e à rua e que eram notáveis, ou seja, se tornavam muito mais visíveis, imagem que se aproxima em muito à descrição e definição do jornal para Marcos Rodrigues dos Santos.<sup>87</sup>

A descrição continua apontando uma associação entre aspectos físicos e seu comportamento, na medida em que ressalta os lábios grossos associados à sua boa retórica, como se fossem incompatíveis; o tom negativo e pejorativo também se expressa na adjetivação de “preto bem-falante”. Ainda nessa direção, quando responde ao repórter sobre o assunto político mais relevante naquele momento (a Constituinte), a imagem de um *preto* falando “alongando o beijo grosso e revirando os olhos” e a frase “Só eu só negro na Bahia” transmitem ao leitor a representação de um louco, lunático.

A associação entre aspectos físicos dos sujeitos e seu comportamento fazia parte do *modus operandi* das reflexões sobre populações subalternas, bem como ações sobre as mesmas no período. Trata-se de um momento em que o racismo científico já havia formado, informado e deformado intelectualmente uma parcela significativa da sociedade, que reagia negativamente de vários modos às ações da “população de cor”, especialmente quando se tratava de algum questionamento ao *status quo*, no caso em questão, quando das propostas de ação da FNBA lideradas por Marcos Rodrigues dos Santos. Inclusive, a Faculdade de Medicina da Bahia foi o *reduto* nacional do desenvolvimento desse modo de leitura sobre os subalternos, como os criminosos e loucos, associando suas condições, sejam sociais ou físicas, à *degeneração racial*:

O apego aos modelos raciais de análise torna-se ainda mais evidente, na Bahia, com o desenvolvimento da medicina legal. Estes permitirão a utilização mais direta de várias teorias darwinistas sociais, assim como darão a essa escola, pela primeira vez, um papel de destaque no cenário médico nacional.<sup>88</sup>

Quanto aos “papéis eleitorais” poderia ser uma referência às propagandas eleitorais muito comuns para o período, ao semanário que a FNBA publicava desde fevereiro de 1933 ou até de panfletos emitidos pela Associação, como fora o caso de um

---

<sup>87</sup> Ver: Albuquerque, Op. Cit., (2003), p.153.

<sup>88</sup> Schwarcz, Op. Cit., (1993), p. 209.

panfleto com o programa da Frente Negra da Bahia que o jornal *O Estado da Bahia* reproduziu no dia 09 de fevereiro de 1933.<sup>89</sup> Os “discípulos já maduros”, a que fazia referência o jornal, seriam os componentes da FNBa e as suas experiências com a política e com o associativismo, reconhecidos naquele momento, pois muitos dos sujeitos que compuseram a FNBa já haviam participado e ou participavam de alguma outra Associação, grupo ou sindicato, como foi o caso de Alexandre Vieira dos Santos, atuante tanto no Centro Operário da Bahia quanto na FNBa.

Já a charge, desenhada ali *no calor* do momento, entre os “discípulos maduros e os papéis eleitorais” da efervescente Rua Rui Barbosa, nos apresenta, mais que as deformações descritas pelo jornalista, a operação da racialização da política na Bahia dos 1930. A discrepância das formas de Marcos Rodrigues nos mostra como o racismo científico se mostrava esteticamente, construindo uma imagem de incompatibilidade entre cor e política, muito bem dissimulada pelo mesmo ao afirmar que “sou eu só negro na Bahia!”<sup>90</sup>

Contrastando com esse modelo de descrição, o jornal *O Imparcial*, no dia 26 de março de 1933 fez uma reportagem de capa sobre a campanha da Frente Negra da Bahia relativamente propositiva, se comparada com as notícias que negativavam sua atuação.

---

<sup>89</sup> O programa de ação da Frente Negra da Bahia, *O Estado da Bahia*, 09/02/1933, p. 5.

<sup>90</sup> Situação mais ou menos semelhante à de Marcos Rodrigues ocorreu com Monteiro Lopes nas eleições de 1909 para a Câmara Federal no Rio de Janeiro, onde o mesmo enfrentou forte perseguição política e racializada, com inúmeras charges inclusive, ao conseguir votos suficientes para se eleger. Ver: Gomes e Domingues, Op. Cit., (2013).



Figura 9 – Capa do jornal *O Imparcial* do dia 26 de março de 1933.  
 Fonte: Jornal *O Imparcial*

O tema da política dominava aquele contexto, assim como foi com a capa da edição. As três fotografias da página, a do ministro da fazenda, Osvaldo Aranha, a de Marcos Rodrigues dos Santos e sua liderança na campanha da FNBA e a de Adolf Hitler, emergindo à chancelaria da Alemanha ilustram o fato. *O Imparcial* nesse período



apoiava o Integralismo na Bahia, de modo que a aproximação entre os Integralistas e a Frente Negra da Bahia se refletiu exemplarmente na reportagem. Sobre a Associação, ao apresentá-la, o jornal destacou o papel de Marcos Rodrigues.

**A FRENTE NEGRA EM AÇÃO. Seus objetivos sociais – sistema cooperativista**

Está em franco desenvolvimento a iniciativa do sr. Marcos Rodrigues dos Santos em nossa capital. Trata-se da criação da Frente Negra, como se fez em S. Paulo, que dispõe atualmente de uma agremiação congênere, reunindo um contingente considerável de eleitores. Sabe-se que em Santos, a Frente Negra fundou o P. S. Democrático, apoiado por numerosas associações trabalhistas.

A respeito do movimento que está sendo feito na Bahia em favor da agremiação, que na terra paulista logrou êxito assinalável, o sr. Marcos dos Santos fez a esta folha algumas declarações elucidativas do êxito e do progresso de sua arrojada iniciativa.<sup>91</sup>

O fragmento acima, assim como toda a reportagem, destaca a liderança de Marcos Rodrigues no sucesso da Associação, apresentando uma característica muito marcante do Integralismo e como se dava sua atuação. As lideranças no Integralismo tinham um papel muito importante e relativamente destacado, fato ligado a uma visão hierarquizada de sociedade, contrastando diretamente com o “perigo do coletivismo comunista”.<sup>92</sup>

A reportagem ainda chama atenção para a atuação partidária de Marcos Rodrigues e da Frente Negra Santista, ao fundarem o Partido Social Democrático em Santos, partido que na Bahia foi fundado pelo interventor Juracy Magalhães.<sup>93</sup> Ao passo que o jornal nacionalizava a sua atuação, também fortalecia as suas redes nacionais, assim como as bandeiras do Integralismo, um dos primeiros partidos políticos da República com uma inserção nacional mais consolidada na sociedade.<sup>94</sup>

---

<sup>91</sup> A FRENTE NEGRA EM AÇÃO, Seus objetivos sociais – Sistema cooperativista, *O Imparcial*, 26/03/1933, p. 1.

<sup>92</sup> Ver: Marcos Chor Maio e Roney Cytrynowicz, “Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938)”, in Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado (org.), *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo, do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015).

<sup>93</sup> Ver: Laís Mônica Reis Ferreira. “Educação e Assistência Social: as estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em *O Imparcial*, 1933-1937”. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2006).

<sup>94</sup> Ver: Chor e Cytrynowicz, Op. Cit., (2015).

## 2.1.2 Marcos Rodrigues dos Santos: um negro brasileiro

Até agosto de 1933 a liderança da Frente Negra da Bahia estava sob responsabilidade de Marcos Rodrigues dos Santos. Após esse momento, já não presidia mais a Associação, que continuava exercendo suas atividades ligadas a sociabilidades, assistência social e processos formativos, sob o comando de Antônio Bispo da Silveira. *O Imparcial* não apresenta as razões da mudança ou do seu desligamento da presidência da FNBa, apenas menciona sua “ausência” e a continuidade da “iniciativa do grande batalhador prof. Marcos Rodrigues dos Santos” pelo novo presidente, fato que indique a inexistência de algum rompimento nessa alteração administrativa.<sup>95</sup>

Antes do início das suas atividades profissionais na Escola Politécnica da Bahia, no final da década de 1930, Marcos Rodrigues dos Santos foi citado por Humberto de Campos em um artigo de sua coluna no jornal *A Tarde*, intitulado *O Negro Brasileiro*:

Rio, novembro

Uma carta do senhor Marcos Rodrigues dos Santos, chefe-geral da Associação dos Brasileiros de Cor, fundada e mantida por um núcleo de trabalhadores santistas, faz-me voltar, embora um pouco tardiamente, ao problema do negro no Brasil...

O chefe-geral da agremiação de pretos que funciona em Santos está de perfeito acordo comigo sobre a progressiva degradação do brasileiro, e, particularmente sobre o erro político da abolição. Antes da abolição a raça produzia grandes figuras: ...um Rebouças, um Luiz Gama, um Patrocínio... Onde os sucessores de um Theodoro Sampaio ou de um Evaristo de Moraes?... A raça abandonou, pode-se dizer, as poucas mesas de estudo que lhe haviam sido entregues, e saiu para a rua, vestida de “baiana” [...]

E, no entanto, em nenhum outro país, entre aqueles em que a raça negra se aclimatou, o branco lhe oferece tantas e tamanhas oportunidades para a sua transformação em poderosa força social e econômica, no conjunto da coletividade nacional [...]

Isolados porém como os pretos foram votar, a 14 de outubro, nos homens de pele branca, mulata ou cabocla. E que conseguiram com isso? Absolutamente nada. Quando muito, a esperança de uma licença na Prefeitura para, em fevereiro passar o seu “rancho” pela cidade, e permissão para pular três dias e três noites...

O negro brasileiro está, na realidade, se degradando, e vale, hoje, socialmente menos do que no tempo da escravidão [...] Hoje, a raça não se associa senão para dançar [...] Não se ilumina, porém, um só, em que funcione uma escola para as crianças negras. Nem se abre um portão de asilo pelo qual entrem, para não morrerem ao relento, os

---

<sup>95</sup> Associações: Frente Negra, *O Imparcial*, 04/10/1933. p. 2.

pretos velhos. Os negros não têm uma fábrica, uma oficina, um jornal [...]

O sr. Marcos Rodrigues dos Santos, chefe-geral da Associação dos Brasileiros de Cor, declara que eu não sou, na verdade, inimigo dos homens da sua raça. E é um ato de justiça, o seu. Se eu desprezasse o negro, não me ocuparia tanto com ele. Escrevo sobre ele porque desejo arrancá-lo à sua condição atual [...] O branco, sob a alegação de uma falsa fraternidade, está, entre nós, destruindo, pelo descaso, pelo abandono, deixando-o entregue a si mesmo [...]

E que os apóstolos, desviando-o dos caminhos do álcool e da sífilis, o orientem para a coesão, de modo que ele marche, por si mesmo, em breve para o Estudo, para o Trabalho e para a Glória.

HUMBERTO DE CAMPOS (Da Academia Brasileira)<sup>96</sup> (grifos do autor)

Humberto de Campos nasceu em Miritiba, Maranhão, em 1886, mas sua atividade como jornalista começou em Belém, Pará, nos primeiros anos do século XX. Ganhou bastante projeção nacional quando foi morar na capital Federal, na segunda década do século XX, momento em que estreou na literatura, lançando livros de poesias e crônicas, exerceu um mandato de deputado federal pelo Maranhão entre 1927 e 1930, além de dar continuidade a sua principal atividade, articulista de jornais de grande circulação, sendo o jornal *A Tarde* um deles também. Faleceu algumas semanas depois de ter escrito o artigo para o jornal *A Tarde*, quando era presidente da Casa Rui Barbosa, assim como fazia parte da Academia Brasileira de Letras.<sup>97</sup>

O autor, ao fazer a sua reflexão sobre algumas questões referentes à nação e aos “brasileiros de cor”, traz informações muito relevantes para nosso estudo, como a presença de Marcos Rodrigues em Santos, dando continuidade à sua militância no associativismo negro, e a participação dele na Associação dos Brasileiros de Cor, atestando a dinâmica do associativismo negro em Santos, bem como das bases políticas sólidas de Marcos Rodrigues dos Santos na cidade, ao liderar outro movimento.<sup>98</sup> Na entrevista concedida ao *A Tarde* em 04 de abril de 1932, mencionada anteriormente, Marcos Rodrigues dos Santos, ao informar que fundou uma Conferência de São Vicente, uma escola em Cubatão, a Frente Negra Brasileira em Santos, além das aulas

---

<sup>96</sup> O Negro Brasileiro, *A Tarde*, 06/11/1934, p. 3.

<sup>97</sup> Alexandre Caroli Rocha. “O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade”, (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2008).

<sup>98</sup> Petrônio Domingues, “O recinto sagrado: educação e antirracismo no Brasil”, *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 138, (2009).

no Mosteiro de São Bento, apresentou indícios fortes da sua inserção social e política naquela região.

O artigo de Humberto de Campos teria sido em resposta a uma carta de Marcos Rodrigues dos Santos, provavelmente a ele ou ao próprio periódico. Apesar de não termos acesso à carta, nem o contexto exato do porquê ela tenha sido escrita – e razões certamente não faltariam – a condição da população negra naquele momento foi uma questão relevante, inclusive presente na escrita de Humberto de Campos, este influenciado diretamente pelas demandas apontadas pelo líder da Associação, o que nos faz pensar sobre as dimensões que os movimentos populares podem alcançar no debate nacional, chegando até a “sala dos imortais”.

Dentre muitos temas levantados pelo autor, destaco aqui três pontos: a associação entre escravidão e o “erro” da emancipação para o sucesso das ilustres referências para a população negra, desprezando significativamente o ganho da abolição; a contribuição do seu texto, tanto para o debate, quanto para a sustentação da leitura racializada e fatalista do “problema do negro” do seu tempo; e sua colaboração também para a construção de uma imagem romantizada da escravidão, enviesando e inviabilizando em muito uma leitura mais crítica do “problema do negro”.<sup>99</sup>

O fato é que o *imortal* acompanhou um dos momentos mais politizados da história da população negra durante a República brasileira, o início da década de 1930, como temos visto no debate historiográfico aqui; apesar disso, o momento histórico não parece ter sido suficiente para rever suas leituras sobre a população negra, que de fato não se reuniam somente para “dançar”. A carta que recebera exemplifica muito bem o fato.

---

<sup>99</sup> Ver Hebe Mattos, “Raça e cidadania no crepúsculo da modernidade escravista no Brasil”, in: Keila Grinberg e Ricardo Salles (org.), *O Brasil Imperial. Volume III: 1870-1889*, (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014).



Figura 9 – Marcos Rodrigues dos Santos, em entrevista para o *Diário da Bahia* em abril de 1933.

Fonte: Jornal *Diário da Bahia*

Após a notícia das atividades mencionadas acima, encontrei novas informações sobre Marcos Rodrigues dos Santos em um artigo seu publicado na edição de 62 de fevereiro de 1937, do jornal *A Voz da Raça*. As condições em que a edição se encontra não permitem fazer uma reflexão mais aprofundada, contudo foi possível extrair alguns fragmentos do texto que também suscitam uma boa discussão:

#### O QUE PRETENDEM OS NEGROS FRENTENEGRINOS BRASILEIROS COM O NOME DE “FRENTE NEGRA BRASILEIRA”

Do advento revolucionário de 1930 nasceram várias instituições tomando a denominação de Frentes: dentre as quais a Frente Negra Brasileira [...]

A F.N.B. surgiu no Estado de São Paulo, graças à perspicácia da alma paulista, que, desde 1926, já tinha fundado o CENTRO CÍVICO PALMARES, com o mesmo objetivo da aludida organização [...]

A conservação do nome acima, justifica o feito da organização. Porque, longe de qualquer exploração, tem na afirmação o seu ideal de: União Político Social da Raça [...]

O 13 de maio surgiu em prejuízo da própria descendência negra que sentia falta de uma mentalidade capaz de competir com os seus contemporâneos em todos os raios da atividade humana [...]

A Frente Negra, pois, veio, despertar, estimular, empregando todo o esforço para salvar a geração que surge [...]

Ela já conseguiu entre outras cousas: que o Supremo Tribunal de Justiça Eleitoral achasse por bem reconhecê-la como PARTIDO POLÍTICO em todo território nacional; e isto significa um “negro bem

integrado” de uma nação cujo capital de [...] tem sido a capacidade e a boa vontade dos seus componentes.<sup>100</sup> (grifos do autor)

O jornal *A Voz da Raça* é a principal fonte de informações sobre a Frente Negra Brasileira, onde é possível sacar ideias e interpretações, sua pauta, enfim, muito dos anseios da população negra, materializados nessa Associação. A edição 62 foi uma das últimas publicadas pela FNB, e, no artigo, foi traçado um histórico da organização, bem como uma reflexão sobre sua contribuição ao processo de luta por cidadania para a população negra, dado o contexto político pós 1930, finalizando com a expectativa sobre a institucionalização da Associação em partido político.

Mais uma vez, a interpretação e a construção da memória sobre a abolição é destaque. Humberto de Campos afirmou que Marcos Rodrigues dos Santos e ele comungavam da ideia do “prejuízo” da abolição, visto que a população negra ficou abandonada e sem condições de emancipação por si mesma. A diferença entre ambos se dá entre Marcos Rodrigues dos Santos apresentar a Frente Negra Brasileira e seu propósito como redenção para a população negra, ao passo que Humberto de Campos espera que os “apóstolos” os orientem para a “glória”, ou seja, mesmo com a problematização suscitada por Marcos Rodrigues dos Santos – da necessidade de uma aliança cada vez mais efetiva da população negra – não conseguira perceber que a população negra poderia emancipar-se por si só.<sup>101</sup>

Destaque também para a localização do surgimento da FNB como consequência direta das mudanças políticas ocorridas pós-golpe de 1930, ao equipará-la aos antigos e novos grupos, que também se articularam para se posicionar diante do panorama político liderado por Getúlio Vargas, mais uma vez comprovando uma leitura e posicionamento político habilidoso e estratégico.

Lamentavelmente, o golpe de novembro de 1937 e sua dinâmica suprimiu, dentre uma série de direitos, o de agremiação em partidos políticos, tornando o Partido da

---

<sup>100</sup> Esse artigo foi escrito por Marcos Rodrigues dos Santos no Rio de Janeiro. Ainda não foi possível obter informações sobre que atividades o mesmo exercia na cidade naquele momento, além da militância político-racial. Anos depois, na década de 1950, faria referência à necessidade de viajar para a Capital Federal, com o objetivo de acompanhar o filho e a esposa em um tratamento de saúde. O que pretendem os negros frentenegrinos brasileiros com o nome de “Frente Negra Brasileira”, *A Voz da Raça*, 62, fevereiro de 1937, p. 1 e 4.

<sup>101</sup> Ver Petrônio Domingues, “Cidadania leva a sério: republicanos de cor no Brasil”, in: Flávio Gomes e Petrônio Domingues (org.), *Políticas da Raça: experiências e legados da abolição e do pós-emancipação no Brasil*, (São Paulo: Selo Negro, 2014).

Frente Negra Brasileira também ilegal, minimizando significativamente a atuação da mesma. Momento interessante também na trajetória de Marcos Rodrigues dos Santos, que se tornou funcionário da Escola Politécnica da Bahia, experimentando uma nova fase e velhos problemas.<sup>102</sup> A recorrência ao emprego no serviço público como meio de sobrevivência, e também como espaço da sua contínua luta por direitos e cidadania, também sucedeu em sua biografia, realidade que historicamente tem ocorrido com a população negra na América Afro-Latina.<sup>103</sup>

A trajetória de Marcos Rodrigues dos Santos pós-década de 1930 continua tão intensa quanto a parte apresentada até o presente. O Professor Cid Teixeira, em entrevista para Jeferson Barcelar, por ocasião da escrita do seu artigo sobre a Frente Negra da Bahia, afirmou a necessidade de se fazer “estudos biográficos aprofundados e sistemáticos” de sujeitos como Marcos Rodrigues dos Santos.<sup>104</sup> Entretanto, o objetivo do texto é dar conta da sua militância político-racial, que de fato se manifestou através do associativismo negro vivenciado por ele e por seus contemporâneos, os “discípulos já maduros”.

## 2.1 Os Frentenegrinos

Ainda que a cobertura dos jornais, bem como a documentação encontrada sobre a Frente Negra da Bahia tenha concentrado e relacionado em muito a Associação a sua principal liderança, quase sempre foi possível observar que a mobilização e a atuação desses “discípulos já maduros” foram intensas e constantes. O jornal *A Tarde*, ao se referir aos mesmos na reportagem do jornal do dia 04 de abril de 1933, a mesma matéria que continha a charge de Marcos Rodrigues dos Santos, deu algumas pistas sobre esses sujeitos, como as suas experiências no associativismo na Bahia, e também sobre suas faixas etárias, visto que talvez não tenha sido um movimento de trabalhadores tão jovens, como de fato vimos no registro fotográfico no início do capítulo.

---

<sup>102</sup> Nomeação de Marcos Rodrigues dos Santos, Secretaria de Educação e Saúde, Dossiê Marcos Rodrigues dos Santos, Universidade Federal da Bahia, Escola Politécnica, Memorial Arlindo Fragoso, 20 de novembro de 1939.

<sup>103</sup> Ver: Andrews, Op. Cit., (2014).

<sup>104</sup> Ver: Barcelar, Op. Cit., (1996).

Mesmo possuindo sua sede, a Frente Negra da Bahia realizou muitos dos seus encontros em vários outros espaços, como temos visto, União Caixeiral, Associação dos Empregados do Comércio, Centro Operário da Bahia, Casa Santo Antônio, Cine-Teatro Olímpia.<sup>105</sup> Encontros que versavam, por exemplo, sobre formação intelectual, político-partidária, sociabilidades, enfim, sobre o que fosse conveniente à manutenção da Associação e seus objetivos.

Alguns fatores são fundamentais para entender melhor o porquê desses encontros: muitas dessas reuniões pareciam não caber ou não serem adequados em sua sede, como a conferência apresentada por Dom Martins Barrios, por exemplo, que ocorreu na Associação dos Empregados, junto com a apresentação de uma banda de música, ou a reprodução de filmes; além disso, a sede abrigava os processos formativos ministrados pela Associação; esses encontros, para além da habilidade política em dar sentido à discussão da pauta da Frente Negra da Bahia nesses espaços, denotam também uma certa identidade entre essas Associações e sujeitos que a compunham, fruto justamente de experiências em comum partilhadas na cidade da Bahia. De maneira que conhecer os sujeitos, ou algum deles, nos ajudará a melhor entender e estruturar nossa discussão.

### **2.2.1 Durval Dionisyo da Silva**

Durval Dionisyo da Silva foi o nome mais mencionado dentro da história da Frente Negra da Bahia, depois de Marcos Rodrigues dos Santos. Desde as primeiras atividades da Associação, passando pela elaboração do Regimento Interno da Associação, que constava apenas a sua assinatura, como secretário geral e a de Marcos Rodrigues dos Santos, como inspetor geral, até as eleições, sua atuação foi efetivamente destacada.

---

<sup>105</sup> Sobre os encontros nas Associações e espaços mencionados ver: União Caixeiral, *A Tarde*, 17/12/1932, p. 10; Associação dos Empregados no Comércio, *O Imparcial*, 11/08/1933, p. 3; Casa Santo Antônio, *O Imparcial*, 03/06/1933, p. 2; Cine-Teatro Olímpia, *O Imparcial*, 18/03/1933, p. 8.





Figura 10 – Durval Dionysio da Silva, na ocasião da sua aclamação como presidente da Liga de Ação Social Proletária.

Fonte: Jornal *Diário de Notícias*

Em praticamente todas as ações executadas pela FNBa voltadas para as eleições, comícios, *meetings*, encontros, sua atuação foi notificada, logicamente, pelo fato de ter sido o candidato da FNBa. Interessante foi não ter encontrado uma maior referência sua, como ocorreu mais intensamente com Marcos Rodrigues dos Santos, aludindo à Frente Negra da Bahia, após a votação, fato que, juntamente à notícia publicada no *A Tarde* no dia 01 de maio de 1933, informando o fim do apoio da Associação a sua candidatura, denota algum rompimento político que fatalmente marcou essa relação.<sup>106</sup>

Segundo as informações obtidas, Durval Dionisyo era um reconhecido professor, ente os trabalhadores de Salvador e suas Associações, por volta da década de 1930:

**Reuniu-se a Ação Social Política e Proletária  
Aclamação do Diretório e outras deliberações**

Às 16 horas de ontem realizou-se, no Colégio Raymundo Freixeiras, a primeira reunião da Ação Social e Política Proletária”. Compareceram diversas comissões de sindicatos operários, estivadores, trabalhadores das Docas, empregados em bondes, tecelões, agricultores, etc...

---

<sup>106</sup> Não é mais candidato da Frente Negra, *A Tarde*, 01 de maio de 1933, p. 2.

Tomaram-se várias deliberações, aclamando-se, ao fim das mesmas, o Diretório, que se segue: - Presidente (eleito por unanimidade) Durval Donysio da Silva...<sup>107</sup>

A reportagem do *Diário de Notícias*, ao fazer a cobertura da primeira reunião da Ação Social Política e Proletária, apontou a liderança do professor Durval Dionisyo, como referência para comandar parte do proletariado baiano através dessa nova Associação. Segundo Consuelo Novais e José Raimundo Fontes, a Ação Social Política Proletária foi uma Associação criada com uma relativa influência política do interventor Juracy Magalhães sobre os trabalhadores e alguns de seus sindicatos em Salvador para o pleito de maio de 1933.<sup>108</sup>

A presença de muitas categorias de trabalhadores no encontro atesta, mais que a sua inserção nos mundos do trabalho de Salvador, um pleno reconhecimento e legitimidade para representá-las, mesmo que, segundo José Raimundo Fontes, a eleição na qual Durval Dionisyo havia sido eleito presidente da Ação Social Política Proletária, tenha sido para uma diretoria provisória.

Foi encontrada a presença da militância de Durval Dionisyo também junto ao professorado baiano, em um telegrama assinado por dezenas de professores, enviado ao Interventor e ao diretor do Departamento de Instrução, protestando contra constantes perseguições políticas de um delegado escolar do Departamento de Instrução.<sup>109</sup> Todavia, independentemente das querelas que marcaram sua militância na Frente Negra da Bahia e na Ação Social Política e Proletária, o objetivo em comum de lutar por melhores condições de vida para a classe trabalhadora, é de fato um ponto fundamental a se destacar na vida de Durval Dionisyo, ainda que sua biografia não seja amplamente conhecida.

## 2.2.2 Outros “discípulos já maduros”

---

<sup>107</sup> Reuniu-se a Ação Social Proletária, *Diário de Notícias*, 28 de março de 1933, p. 2.

<sup>108</sup> Sampaio, Op. Cit., (1985). Ver também: Fontes, Op. Cit., (1996).

<sup>109</sup> Telegrama ao Exmº Snº Interventor Federal e ao Exmº Snº Diretor Geral do Departamento de Instrução, 12/02/1933, APEB, Secretaria de Governo, Sessão Republicana, Ofícios Recebidos e Expedidos, cx. 1877, maço 2073, doc. 9.

De posse de fontes relativamente dispersas, também foi possível obter informações de mais alguns sujeitos que fizeram parte da Frente Negra da Bahia, como foi o caso de Américo Bispo da Silveira, segundo presidente da Associação. A partir de setembro de 1933, as notícias sobre a Frente Negra da Bahia o mencionavam como presidente, dada a ausência de Marcos Rodrigues dos Santos no Estado. Além da informação dos jornais que o identificavam como professor, foi encontrado um Habeas Corpus de outubro de 1931, em seu favor e de mais dois sujeitos, devido à prisão destes acusados de estarem “praticando Candomblé”. O documento não os apresenta profissionalmente, apenas como residentes da Estrada da Liberdade.<sup>110</sup>

Já em 1934, as notícias sobre a Frente Negra da Bahia mencionavam que a presidência da mesma estava com Plácido da Costa (1877-1939), terceiro presidente identificado. Seu inventário o apresenta como estivador, de cor preta, falecido em 1939, aos sessenta e dois anos, deixando para sua viúva e filhos “uma pequena casa à rua Vasco da Gama”.<sup>111</sup> A região da Vasco da Gama foi um dos locais onde Marcos Rodrigues morou, e também foi um dos locais onde a Frente Negra da Bahia tentou instalar uma Escola Noturna, fatos que, somados às suas experiências em comum, ou seja, identidade social e de cor, como exemplos, dão sentidos à aproximação entre ambos, e também a uma relação de cumplicidade com o local e suas demandas.

Alexandre Vieira dos Santos (1854-1937) foi outro componente da Frente Negra da Bahia. Este inclusive, fez parte do Centro Operário da Bahia, reconhecido também como “o artista”.<sup>112</sup>

Este capítulo se dedicou a apresentar, ainda que sumariamente, pontos pertinentes das trajetórias de alguns sujeitos que compuseram a FNBa. Ao apresentar momentos cruciais da biografia de Marcos Rodrigues dos Santos, e ao observar determinados episódios de alguns sujeitos que fizeram parte da Frente Negra da Bahia, é possível concluir que havia de fato uma rede social consolidada entre esses trabalhadores. Encontros e reuniões em várias associações e sindicatos, assim como em diversos bairros e espaços, se tornam mais compreensíveis na medida que, independente das

---

<sup>110</sup> Habeas Corpus em favor de Américo Bispo da Silveira, José Boaventura e Isidoro de Tal, 16/10/1931, APEB, Tribunal de Justiça, Sessão Judiciária, Habeas Corpus, est. 220, cx. 185, doc. 48.

<sup>111</sup> Inventário de Plácido da Costa (1941), APEB, Judiciária, Inventários, nº 06/2572/3072/05.

<sup>112</sup> Inventário de Alexandre Vieira dos Santos, Arquivo Público do Estado da Bahia, Judiciária, Inventários, nº 03/895/1364/08.

diferenças e divergências, o reconhecimento da condição de operários, assim como da sua condição racial, fatalmente determinou a integração e ação desses sujeitos.

Sobre a classe operária baiana, Aldrin Castellucci já apontara aspectos consideráveis, como sua pauta e composição racial, “em sua maioria, pretos, pardos e mestiços”<sup>113</sup>. Esses elementos que compuseram a Frente Negra da Bahia, ainda que boa parte de suas biografias sejam desconhecidas, e ainda que sejam apenas alguns atores desse universo, se apresentam como exemplos imprescindíveis para entender melhor a dinâmica de ativistas da classe operária baiana, que protagonizaram o combate ao racismo e a luta por direitos.

Para além da defesa e luta por cidadania, e a ênfase na participação política, na instrução e no protagonismo nos rumos da nação, esse capítulo estabelece laços consolidados entre os *mundos do trabalho* e as suas questões raciais durante a década de 1930 na Bahia. Ainda que não pareça estranho uma associação de trabalhadores com recorte racial, assim como a defesa da bandeira antirracista, trazer à tona este debate tem sido um desafio para a historiografia no Brasil:

Estudos sobre os mundos do trabalho permanecem desafiados pela urgência de dar conta de sentimentos e aspectos além do processo de trabalho e da revolta contra a exploração. Não precisam se livrar dos sindicatos, lideranças ou partidos, mas carecem de reconhecer e refletir sobre aquilo que acaba sendo minimizado. O que não é pouco.<sup>114</sup>

Antônio Luigi Negro e Flávio Gomes refletiram de maneira instigante sobre as lições que a história social pode nos propor, ao nos desafiar a tentar captar aspectos que de fato têm sido “minimizados” em pesquisas sobre os mundos do trabalho no Brasil. Desse modo, acreditamos que esse capítulo tenta, em certa medida, apresentar alguns sujeitos e seus espaços, dando sentido às suas noções de cidadania, muito bem explanadas nos seus associativismos e suas bandeiras, como foi na Frente Negra da Bahia.

---

<sup>113</sup> Castellucci, Op. Cit., (2015), p. 231.

<sup>114</sup> Antônio Luigi Negro e Flávio Gomes, “Além das senzalas e fábricas: um certo número de ideias para uma irrestrita história social do trabalho”, in: Gomes e Domingues, Op. Cit., (2014), p. 31.

## CAPÍTULO 3

### “CONTRIBUIÇÃO DA RAÇA NEGRA NA FORMAÇÃO NACIONAL”: A FRENTE NEGRA DA BAHIA: UMA TRAJETÓRIA

Artº 1º – Fica fundada nesta cidade de São Salvador a Instituição, Sociedade e Partido denominado Frente Negra da Bahia, cujo objetivo é congregar todos os negros a fim de instruí-los e educá-los socialmente para o soerguimento de um Brasil unido e defesa dos direitos da sua principal raça.<sup>115</sup>

O surgimento da Frente Negra da Bahia reverberou nacionalmente. A defesa da ideia de uma nação fraterna e igual foi o argumento quase sempre utilizado pelos opositores para questionar seu surgimento e as suas ações, especialmente as ações que questionavam o *status quo* em certa medida. Neste capítulo, que se dedica especificamente a tratar da trajetória da FNBA, sua pauta, suas ações e seu vocabulário, apresento de modo mais detalhado como se deu esse processo e a sua dinâmica.

#### 3.1 Frente Negra da Bahia: uma incursão

Até o momento foi identificado que a Frente Negra da Bahia existiu entre os anos de 1932 e 1934, apenas em Salvador, e com filiais nas regiões suburbanas da cidade, ainda que seus propósitos fossem de expansão pelo Estado da Bahia. Um exame do seu Regimento Interno, fonte até o momento desconhecida pela historiografia que tratou do tema, aliado aos registros e repercussões das suas atividades, nos possibilita responder muitas perguntas, além de conhecer melhor os seus objetivos, sua organização e manutenção.

#### FRENTE NEGRA DA BAHIA REGIMENTO INTERNO

Artº 2º – A Frente Negra da Bahia se incumbirá de alfabetizar os seus coirmãos ministrando-lhes instrução geral e educação social

---

<sup>115</sup> FRENTE NEGRA DA BAHIA, REGIMENTO INTERNO, 27/12/1932, APEB, Seção Republicana, Secretaria de Governo, cx. 2772, doc. 1774.

conjuntamente à assistência médica, dentária, jurídica, industrial, comercial, agrícola e econômica.

Artº 3º – É dever de todos os Frentenegrinos intensificar a propaganda dos ideais nobres desta Instituição a fim de torná-los conhecidos e atrair outros para, se filiando, engrossar as colunas desta Instituição de tão benéficos intuitos.

Artº 4º – Enquanto não estiverem elaborados os Estatutos da Frente Negra da Bahia, ela será dirigida por um Diretório composto de 5 membros (diretores executores e dirigentes da ação social).

§ Único – Aos membros que compõem o Diretório não será permitida a execução de qualquer ato social, sem prévio exame e aquiescência do Snr. Inspector Geral da “Frente Negra da Bahia”.

Artº 5º – Cada membro do Diretório será executor de uma ou mais ação social a juízo do Inspector Geral o qual, na qualidade de primeiro membro do Diretório, exercerá a função de orientador e fiscalizador dos atos sociais.

Artº 6º – Constituirá a Assembleia Geral da Frente Negra da Bahia um número ilimitado de indivíduos que, se apresentando à sede Social desta Instituição, se queira alistar como adesista à mesma causa; assim como as Instituições que legalmente constituídas venham a essa se filiar para vulgarização do mesmo ideal. [...]

Artº 9º – O Patrimônio Social será constituído pelos auxílios dos Governos, Instituições irmanadas a esta e pecúlios angariados em listas e outro qualquer meio lícito, que possa reverter em auxílio econômico para a sociedade.

Artº 10º – O Diretório é responsável por todos os atos desta Instituição dando cabal conhecimento à Assembleia de seus feitos até ulterior deliberação pelos seus Estatutos.

Artº 11º – Haverá reuniões periódicas do Diretório seções ordinárias e extraordinárias desta e da Assembleia Geral, tantas vezes quantas o requererem os assuntos Sociais.

§ Único – A cada reunião precederá convites e avisos públicos.

Artº 12º – Revogam-se as disposições em contrário.

BAHIA, 27 de Dezembro de 1932

O Diretório

Durval Dionisyo da Silva  
(Secretário Geral)

Marcos Rodrigues dos Santos  
INSPECTOR GERAL<sup>116</sup> (grifos do autor)

O envio do Regimento Interno da Frente Negra da Bahia à Secretaria de Governo da Interventoria no final do ano de 1932 comprova que esta não agiu clandestinamente, buscando legitimar-se oficialmente. A observância do seu regimento, aliada às repercussões da sua atuação, seguramente nos dão uma noção melhor das suas

---

<sup>116</sup> FRENTE NEGRA DA BAHIA, REGIMENTO INTERNO, 27/12/1932, op. cit. fl.10.

expectativas para a comunidade negra. Dada a importância do documento, será analisado aqui, e também retomado tematicamente ao longo do capítulo.

Conforme vimos anteriormente, o primeiro registro de atividade da FNBA foi a palestra ocorrida na sede do Centro Operário da Bahia, no dia 10 de julho de 1932, intitulada “O negro e seus serviços prestados ao Brasil”. Palestras, comícios para as eleições de maio de 1933, processos formativos de instrução, como a alfabetização, atividades de assistência social, atividades culturais e recreativas, como exibição de filmes, podem ser elencadas como as atividades que a Frente Negra da Bahia executou, ao longo da sua existência.

São exemplos de ações que atendiam às demandas pautadas logo nos dois primeiros artigos do Regimento, entendidos aqui como necessariamente colocados na condição de primeiros, dadas as lastimáveis condições de vida da população negra da Bahia e o reconhecimento da urgência de mudanças daquele quadro, com a sua integração política e social.

O nível de organização que a Associação possuía foi um fator fundamental para a execução e sucesso, em certa medida, das suas atividades. O Regimento Interno previa uma organização administrativa até a estruturação dos Estatutos, talvez com uma estrutura um pouco mais complexa, apesar de, ao longo da sua história, ter sido identificada como uma organização mais setORIZADA que as pretensões elencadas no Regimento, e ao mesmo tempo variável, com relação à ocupação dos cargos.

A estrutura era verticalizada e concentrada na Inspetoria Geral, liderada por Marcos Rodrigues dos Santos, durante toda a existência da Associação. Além da Inspetoria Geral, existiu a presidência; a Secretaria Geral, chefiada por Durval Dionisyo da Silva até as eleições de maio de 1933, quando o mesmo foi candidato a deputado à Constituinte da Frente Negra da Bahia, além da Primeira e da Segunda Secretaria, ocupadas por outros componentes; o Diretório e o Grande Conselho, também ocupados variavelmente por alguns sujeitos ao longo da sua trajetória; Comissão de Imprensa; Consultores; além do Departamento Feminino, setor ligado às atividades de Assistência Social.<sup>117</sup>

---

<sup>117</sup> Além dos órgãos apresentados no Regimento Interno, os outros foram registrados nos jornais de grande circulação de Salvador.

Trata-se de um modelo de organização que não se distanciava da sua principal referência, a Frente Negra Brasileira, em São Paulo, especialmente no quesito da concentração de poder.<sup>118</sup> Um aspecto pertinente a se destacar foi a variação da ocupação dos setores e cargos da Associação pelos participantes, o que denota um certo dinamismo e habilidade por parte dos componentes em exercer as atividades da mesma. Entretanto a dificuldade de acesso às fontes não nos permitiu aprofundar uma reflexão maior em torno das lideranças, suas gestões e a dinâmica desse processo.

Contudo, essa variação na ocupação dos cargos e setores revela também uma tentativa de aglutinação de forças políticas, ao buscar agrupar sujeitos que possivelmente também ocupavam outros espaços nos *mundos do trabalho* de Salvador e que compartilhavam de experiências em comum. Além disso, ao ampliar a participação de sócios na Instituição, além de barganhar peso político e social, logicamente aumentaria o “auxílio econômico” para sua manutenção, fator que se tornou um dos seus grandes problemas, publicamente apresentado nos jornais de grande circulação de Salvador a partir do segundo semestre de 1933, e talvez uma das principais razões para o fim da sua atuação.

#### Comunicações da “Frente Negra”

A Frente Negra da Bahia está convidando todos os seus associados em atraso a pagarem os seus débitos até o próximo dia 3 de fevereiro.

O presidente da Frente está também comunicando que se acha fixado na portaria daquela instituição o orçamento de receita e despesa correspondente ao ano findo de 1933.

Segunda-feira, às 20 horas, haverá sessão do Grande Conselho.<sup>119</sup>

O Regimento previa alguns meios de arrecadação de fundos para a sua manutenção, porém, o pagamento de mensalidades dos sócios pareceu a principal fonte de renda da Associação. A partir de novembro de 1933 a Associação enfrentou uma Ação Executiva, onde ocorreu a penhora e arrematação de alguns móveis adquiridos para o seu funcionamento, na – propícia – Rua da Ajuda. A ação se deu entre o mês de novembro de 1933 até abril de 1934, onde o credor, Leão Lerman, recuperou os bens vendidos para a Associação.

---

<sup>118</sup> Questão ricamente discutida em: Domingues, Op. Cit., (2006).

<sup>119</sup> Comunicações da “Frente Negra”, *O Imparcial*, 02/02/1934, p. 5.



Um grupo de couro escuro, composto de um sofá e duas poltronas; três dúzias de cadeiras, tipo 14; com assento de palha, envernizadas com cor escura; dois porta-chapéus com espelhos no centro; duas estantes para livros com quatro prateleiras; um bureau com quatro gavetas, envernizado de escuro; uma carteira tipo americano com três gavetas de lado, uma no fundo, envernizada de escuro digo de claro; uma cadeira giratória; três mesas para centro de sala; doze galerias para janelas [...].<sup>120</sup>

A Ação Executiva nos trouxe algumas informações interessantes, como a data da compra desses materiais. Segundo a nota fiscal, emitida em nome da Frente Negra da Bahia e assinada por Marcos Rodrigues dos Santos, as compras foram efetuadas em julho de 1932, momento em que encontrei a primeira notícia sobre a Associação. As compras alcançaram dois contos, seiscentos e oitenta mil reis, com a indicação do pagamento de prestações mensais de cento e cinquenta mil reis. Os bens comprados dão uma boa noção das suas pretensões: a montagem de uma estrutura significativa para administração da Associação, bem como para executar seus processos formativos.

O processo apontou também o endereço da FNBa, que inclusive foram dois, um provisório na Rua Ruy Barbosa, e um permanente, na Rua Da Ajuda, ruas muito próximas do centro *efervescente* da Salvador dos 1930. A escolha desses locais para sediar a Associação pareceu bastante significativo e estratégico, uma vez que a região representava o “coração” da cidade, centro administrativo, político e econômico, local onde se localizavam os principais prédios administrativos, sedes de sindicatos e associações, sedes de jornais, como a do jornal *A Tarde*, local de muita convergência populacional, enfim, um local onde as repercussões políticas poderiam tomar contornos muito mais impactantes.<sup>121</sup>

O processo ocorreu sem nenhuma intervenção ou interferência mais significativa por parte da Frente Negra da Bahia, que preferiu o silêncio e a ausência nas audiências. Naquele momento, a liderança estava com Antônio Américo Bispo da Silveira, que apenas firmou o mandado e a penhora dos bens.

---

<sup>120</sup> Ação Executiva de Penhora e Remoção, APEB, Seção Judiciária, Tribunal de Justiça, *Executiva*, Caixa 270, Documento 26.

<sup>121</sup> Ver Isis Freitas dos Santos. “Gosta dessa baiana? Crioulas e outras baianas nos cartões postais de Lindemann (1880-1920)”, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2014).



Figura 11 – Igreja da Ajuda, dividindo a Rua da Ajuda à esquerda e a Rua do Tesouro, à direita  
Fonte: Wikipedia

### 3.2 “Vai ser fundado um partido político”

O período que vai de julho a dezembro de 1932 pode ser identificado como o primeiro momento da Frente da Negra da Bahia. Como temos visto, foi em julho que ocorreu a sua primeira atividade, no Centro Operário da Bahia. Em setembro, Marcos Rodrigues dos Santos se fez presente nas comemorações do aniversário da Sociedade Protetora dos Desvalidos; e em novembro, aconteceu o seu lançamento oficial, seguido das articulações políticas para o seu fortalecimento na sociedade baiana. Tanto Lucas Campos quanto Aldrin Castellucci, em suas pesquisas sobre SPD e o COB respectivamente, já apontaram para a presença significativa de associados negros, sendo que na SPD, esse era um dos critérios de participação. É nesse sentido que entendemos suas aproximações – geográfica também – ou seja, a identidade racial, como parte da população negra seguramente acrescentava suas identidades sociais.<sup>122</sup>

Quanto à relação entre a Frente Negra da Bahia e a Sociedade Protetora dos Desvalidos, Kim D. Butler identificou duas tentativas de estreitamento entre as duas Associações. Durante as comemorações do aniversário da SPD, em setembro, com a presença de Marcos Rodrigues dos Santos nas comemorações, e também durante o

---

<sup>122</sup> O endereço da SPD ficava no Largo do Cruzeiro São Francisco e o do COB na Rua Direita do Palácio, ruas relativamente próximas entre si e entre os endereços da Frente Negra da Bahia, Rua Ruy Barbosa e Rua da Ajuda Ver: Campos, Op. Cit., (2018). Ver também Castellucci, Op. Cit. (2015).

lançamento da FNBa, em novembro, quando a SPD registrou o convite da Frente Negra da Bahia para o seu lançamento. Desse modo, a autora concluiu que a FNBa buscou se fortalecer politicamente em Salvador entre sindicatos e associações operárias, haja vista não ter encontrado apoio em grupos sociais mais consolidados socialmente e politicamente, como a SPD.<sup>123</sup>

Kim Butler, assim como Jeferson Barcelar, partilham de uma mesma linha de análise sobre a Frente Negra da Bahia. Segundo os autores, ao associarem vigor e dinâmica econômica à consciência político-racial, argumentaram que não seria possível estabelecer uma Associação nos moldes de ação política da FNB, sediada em São Paulo, na Bahia. E como temos visto, a FNBa encontrou espaço para discussão e militância de fato em sindicatos e associações de trabalhadores, muito mais por uma identidade social e de cor, do que por falta de opção ou por serem preteridos pela SPD; ou seja, os trabalhadores baianos, majoritariamente negros e o COB apoiaram a Frente Negra da Bahia porque consideravam sua pauta legítima. Além disso, penso também que o ambiente político e sua dinâmica, como a institucionalização da Justiça Eleitoral no Brasil em fins de 1932, juntamente com a possibilidade da representação classista, fatalmente influenciaram suas estratégias de ação política.<sup>124</sup>

REUNIU-SE ONTEM A FRENTE NEGRA – Vai ser fundado um partido político

Realizou-se ontem, na sede da *União Caixeiral*, no Terreiro uma reunião da *Frente Negra*, para ouvir uma conferência do seu presidente sr. Marcos Rodrigues dos Santos, que discorreu sobre a necessidade da reunião dos homens de cor para a formação de um partido político-social que tenha como programa a defesa da raça e dos direitos de igualdade.

Falaram mais os srs. João Icó, presidente da *União Caixeiral*, o professor Maurício Telles e o bel. Egnaldo Vieira.<sup>125</sup>

Nesse encontro, além da política partidária e do ativismo racial terem sido o destaque, o que não foi diferente em quase todos os outros, mais uma vez foi usada uma estratégia muito importante da FNBa, que era a realização de encontros em vários espaços e com vários grupos e instituições diferentes. O uso dessa estratégia denota, além da habilidade e mobilidade dos sujeitos que a compunham, uma cumplicidade

---

<sup>123</sup> Butler, Op. Cit., (1998), p. 129.

<sup>124</sup> Castellucci, Op. Cit., (2015).

<sup>125</sup> Reuniu-se ontem a Frente Negra. Vai ser fundado um partido político, *A Tarde*, 17/12/1932, p. 10.

bastante significativa entre esses grupos de trabalhadores que seguramente partilhavam de experiências em comum para além da condição de trabalhadores, como veremos em suas biografias no decorrer do trabalho.

\*\*\*

O ano de 1933 foi muito especial para a Frente Negra da Bahia, principalmente por causa do processo eleitoral. Este que foi um dos temas predominantes durante o primeiro semestre de 1933 na cidade, no Estado e na nação, especialmente pela expectativa, pelas campanhas e pela dinâmica do processo eleitoral ocorrido em maio daquele ano. Tal fato mobilizou enormemente os grupos políticos, e obviamente, os trabalhadores, através de suas representações, sendo a FNBa uma das principais protagonistas na cidade de Salvador:

O programa de ação da Frente Negra da Bahia

Foi lançado há dias manifesto da Frente Negra da Bahia.

Por intermédio de seu inspetor Geral, dr. Marcos R. dos Santos, chegou-nos às mãos um exemplar desse programa, que passamos a transcrever:

Tomando a si a grande responsabilidade da evolução cultural social, intelectual, moral e física, defesa da saúde e direitos jurídicos, sociais, políticos, comerciais, agrícolas, desenvolvimento econômico dos negros da Bahia; intenta essa Instituição que ora aqui se apresenta com o nome de FRENTE NEGRA DA BAHIA a elevação, engrandecimento, agremiação, cultura e reivindicação de direitos a essa falange nacional [...]

A Frente Negra da Bahia não conhece inimigos; tem ideais, tem partido, tem desejos, tem obras tem realizações e acima de tudo tem a mais pesada seara que um ideal já pode conceber – *O Negro Civilizado*.

Vede negrinhos, é neste par de palavras em que vem se cifrar todo o ideal da *Frente Negra da Bahia* [...] Se queremos o negro civilizado, também o queremos além de tudo trabalhador, digno, honesto, político, hígido, gozando de seus direitos, usufruindo do comércio, desbravando livremente as nossas matas, ornamentando as nossas Cidades com as Belas Artes e Arquitetura moderna, mantendo relações valiosas extra-Estados e assim o negro completo, puro e puritano, genuinamente Negro também o será Cidadão e Político e direito algum lhe será negado e então as altas posições do Estado e do País até, será chamado a ocupar em honra da Bahia e do Brasil. [...] É nas letras e na política, é nas artes e na indústria, é no comércio, é no esporte, é, enfim, na sociedade em geral que o NEGRO DA BAHIA

dentro em breve provará sua capacidade polimorfa com a demonstração da sua eclética *elite Negra*.  
Vinde hoje mesmo trazer sua adesão a casa que é vossa à Rua Ruy Barbosa n. 49 [...].<sup>126</sup>

Quando do lançamento desse manifesto, em 09 de fevereiro de 1933, o jornal *O Estado da Bahia* estava no segundo mês da sua existência, ou seja, era um periódico muito novo se comparado com os outros jornais de grande circulação do período. E como o periódico se inseria nos moldes da grande imprensa da época, onde a venda era um dos seus principais objetivos, notícias que possibilitassem adentrar no aspecto da polêmica e da possibilidade de potencializar sua venda faziam parte desse processo de barganha por lucros. A cobertura e inclusive a reprodução completa de um manifesto da “novidade” que era a Frente Negra da Bahia poderia se inserir nesse contexto. Além disso, pareceria estranho para mais um representante dos jornais de grande circulação silenciar sobre um tema tão caro que era a questão eleitoral e seus protagonistas.

O argumento central do texto está em torno da composição do que eles chamam de um “Negro Civilizado”, compreendido aqui como um processo de emancipação plena da população negra brasileira. Para tal, o texto, que preza pela qualidade da escrita como sempre, contextualiza o quadro de abandono da população negra e a convida à reflexão e à mobilização em prol de uma mudança significativa da sua condição, formando assim a sua “*elite negra*”.

Termos como “Negro Civilizado” e “elite negra” também chamam bastante atenção na composição do seu vocabulário. O ambiente intelectual “dos 1930” já havia formado uma gramática, em que termos como “civilizado” e “elite” estavam ligados a aspectos positivos de uma sociedade ou grupo. Havia formado também a incompatibilidade entre esses termos e uma certa representação da população negra, especialmente ligada a tradições africanas. De modo que a Frente Negra da Bahia, ao incorporar esse vocabulário, ao passo que mostrava os resultados desses processos, apresentava os seus entendimentos e os seus projetos para a população negra da Bahia.<sup>127</sup>

---

<sup>126</sup> O programa de ação da Frente Negra da Bahia, *O Estado da Bahia*, 09/02/1933, p. 5.

<sup>127</sup> Gomes e Domingues, Op. Cit. (2014), p. 305.

Outro destaque no texto é a sua afirmação de não conhecer “inimigos”, ainda que a repercussão em torno do seu lançamento tenha mostrado o contrário. Afirmar não conhecer “inimigos” soou como estratégia muito sábia diante de uma sociedade marcadamente hierarquizada, na medida que seu discurso não previa um enfrentamento direto às elites políticas e econômicas, ou até a *pregação* de um ódio racial, por exemplo, como algumas notícias previam. Além disso, o que se mostrou estratégico na assertiva foi a perspectiva de ação política, que pensa necessidade de mudanças na sociedade sem, entretanto, questionar sua estrutura social e política, em certa medida.

E a propaganda parece ter surtido efeito. A partir de março até as proximidades das eleições, as notícias sobre os *meetings* e comícios são quase que semanais, informando sobre os encontros e as repercussões destes, que ocorriam em vários pontos da cidade:

#### A “FRENTE NEGRA” EM ATIVIDADE

A realização, ontem, de um concorrido “meeting”

Realizou-se, ontem, às 17 horas, às Docas do Porto, um concorrido comício promovido pela “Frente Negra”, que ora se bate com ardor, não só pela alfabetização do Brasil, como também pela segurança do voto livre, na próxima campanha eleitoral.

Em primeiro lugar, usou da palavra o solicitador Marcos Rodrigues dos Santos, que, em longo improviso concitou a numerosa assistência a se congregarem, no sentido de fazer valer os direitos na constituinte de Maio.

Depois, assomou à tribuna o prof. Durval Dyonisio da Silva, que secundando as palavras de seu colega de comício, disse do dever que se impõe a todos os homens de cor de se alistarem, no sentido de escolherem os seus candidatos na representação federal.

Ambos os oradores foram muito aplaudidos.

O comício terminou às 19 horas, sob aclamações da multidão.<sup>128</sup>  
(grifos do autor)

Comícios como o descrito acima foram o tipo de evento que mais caracterizaram e consolidaram a representação da Frente Negra da Bahia. O encontro registrado acima se deu nas Docas do Porto de Salvador às 17h, fim do dia e do expediente para boa parte da classe trabalhadora. Marcos Rodrigues dos Santos, ao liderar a Frente Negra da Bahia, seguramente influenciou na escolha desse local para a atividade, visto que na década de 1910, ele já tinha trabalhado no Porto de Salvador e conhecia aquela

---

<sup>128</sup> A “FRENTE NEGRA” EM ATIVIDADE, A realização, ontem, de um concorrido “meeting”, *O Imparcial*, 16/03/1933, p. 5

realidade: trabalhadores majoritariamente negros, carentes de instrução e de condições dignas de trabalho.<sup>129</sup>

Ainda foi encontrado registro de encontros no mesmo perfil do *meeting*, ocorrido nas Docas, no Largo da Palha, Sete Portas, Villa América, Mata Escura, Largo do Tanque da Conceição, Largo Dois de Julho e Fazenda Garcia, tradicionais espaços populares da cidade e de concentração populacional negra, o que indica que, além do local de trabalho, havia uma tentativa de alcançar a população nos seus locais de moradia também.<sup>130</sup> O jornal *O Imparcial* deu relativo destaque para a cobertura da campanha e noticiou as atividades realizadas nos bairros, ressaltando a sua pauta e a sua importância no processo eleitoral.

Ocorreu que, em março de 1933, o secretário-geral da Frente Negra da Bahia, e também seu candidato, o professor Durval Dionisyo da Silva, foi aclamado presidente da Liga de Ação Social Proletária, legenda que congregava uma série de associações de trabalhadores para disputar a Constituinte. Mesmo na liderança da Liga de Ação Social Proletária, o candidato escolhido para disputar as eleições pela Liga de Ação Social Proletária foi o líder sindical Agripino Nazareth, transparecendo que a candidatura de Durval Dionisyo da Silva ficou ofuscada nesse processo.<sup>131</sup>

#### O PROF. DURVAL MANTÉM A SUA CANDIDATURA

Em vista da retirada do apoio da Frente Negra ao seu nome, o prof. Durval Dionisyo da Silva veio declarar ao A TARDE manter sua candidatura à Constituinte para provar o que dizia, exibiu-nos avulsos em que figura ao centro o seu retrato com a seguinte legenda: “Homenagem do povo ao presidente da Ação Social Política Proletária”.<sup>132</sup>

---

<sup>129</sup> Aldrin Castellucci e Maria Cecília Velasco e Cruz já refletiram de modo mais incisivo sobre as insalubres condições de vida e trabalho nos Portos de Salvador e Rio de Janeiro respectivamente, no contexto do pós-emancipação no Brasil, elucidando a realidade aqui posta. Ver: Aldrin, “Salvador dos operários”. Ver também Maria Cecília Velasco e Cruz, “Da tutela ao contrato: “homens de cor” brasileiros e o movimento operário carioca no pós-abolição”, *Topoi*, v. 11, n. 20, (2010).

<sup>130</sup> Castellucci, *Op. Cit.*, (2001).

<sup>131</sup> Segundo reportagem do *Diário de Notícias*, em reunião ocorrida no dia 28 de março de 1933, onde compareceu uma série de representantes de sindicatos como “sindicatos operários, estivadores, trabalhadores das Docas, empregados em bondes, tecelões, agricultores, etc.” Renuiu-se a Ação Social e Política Proletária. Aclamação do Diretório e outras deliberações, *Diário de Notícias*, 28 de março de 1933, p. 2. Sobre a Liga de Ação Social Proletária ver: Fontes, “A Bahia”. Quanto à retirada do apoio da Frente Negra da Bahia à candidatura de Durval Dionisyo da Silva, quem afirma é Consuelo Novais Sampaio. Ver Sampaio, *Op. Cit.*, (1985), p. 83. A respeito de Agripino de Nazareth ver: Aldrin Castellucci, “Agripino Nazareth e o movimento operário da Primeira República, *Revista Brasileira de História*, v. 32, n. 64, (2012).

<sup>132</sup> O prof. Durval mantém a sua candidatura, *A Tarde*, 02/05/1933, p. 2.

Como vimos, o jornal *A Tarde* apresentou duas informações interessantes sobre esse episódio, a confirmação da candidatura de Durval Dionisyo da Silva, como candidato avulso, e a retirada do apoio da FNBa a sua candidatura, em prol do apoio à Liga de Ação Social Proletária. Segundo José Raimundo Fontes, a Liga de Ação Social Proletária teve influência significativa do interventor Juracy Magalhães na sua criação, bem como bases fortes entre associações de trabalhadores. Seu candidato, Agripino Nazareth era uma liderança operária de referência nacional, tendo sido um dos principais líderes da primeira greve geral da Bahia, em 1919, cujo nome prevaleceu diante de Durval Dionisyo da Silva. É interessante observar também que, após as eleições de maio de 1933, notícias que relacionaram a Frente Negra da Bahia e Durval Dionisyo da Silva praticamente desapareceram, podendo ser mais um indício de que tenha decorrido dos desentendimentos em torno da disputa eleitoral.<sup>133</sup>

Esse aspecto, a aproximação e caminhada da FNBa com as frações do trabalhismo, junto com a ausência de uma postura de oposição frente ao governo provisório e ao interventor Juracy Magalhães, e mais que isso, seu notório discurso propositivo diante do panorama nacional, mostra que a associação assumiu um posicionamento de apoio ao projeto liderado pelo presidente Getúlio Vargas, assim como ocorreu com a Frente Negra Brasileira.<sup>134</sup>

Ainda faltam informações mais precisas para entender melhor esse cenário (sobre esse possível desentendimento); a quantidade de votos, tanto de Durval Dionisyo da Silva, quanto a de Agripino Nazareth; e porque a Frente Negra da Bahia não se institucionalizou enquanto partido político. Registrado em seu Regimento Interno como partido político, porém, não foi encontrado até o momento nenhuma normatização da Justiça Eleitoral. O que sabemos é que a FNBa fez uma campanha eleitoral, que talvez tenha sido a mais impactante e registrada dentre as campanhas das associações de trabalhadores, pois sua participação no pleito de maio de 1933 foi bastante notória.

Caso a institucionalização do Partido da Frente Negra da Bahia tivesse sido registrada, esta teria sido a primeira experiência de partido político negro da República

---

<sup>133</sup> Fontes, Op. Cit., (1996). Ver também: Castellucci, Op. Cit., (2012).

<sup>134</sup> Para mais informações sobre o apoio da FNB ao governo Vargas ver: Petrônio Domingues, *A Nova abolição*, São Paulo, Selo Negro, 2008.



brasileira. Anos mais tarde, em 1936, o Partido da Frente Negra Brasileira, em São Paulo, obteve o registro na Justiça Eleitoral, tornando-se o primeiro partido político negro do Brasil. George Reid Andrews, ao analisar aspectos do protagonismo da população afro-latina em *América Afro-Latina*, já pontuara sobre as difíceis tentativas nos pleitos eleitorais de partidos políticos racializados: “Nem o Partido Independente de Color nem a Frente Negra Brasileira nem o Partido Autóctono Negro jamais obtiveram sucesso na eleição de um único candidato”.<sup>135</sup>

As experiências de partidos políticos racializados apontadas por Andrews se deram respectivamente em Cuba, Brasil e Uruguai. Ainda que não tenham tido sucesso eleitoral, seguramente contribuíram para ampliar a reflexão sobre as variadas formas de luta e promoções de cidadania para a população afro-latina.

### **3.3 “O que mais satisfaz no momento é a maneira carinhosa com que alfabetiza”**

Uma vez que a Frente Negra da Bahia não conseguiu eleger nenhum candidato para a Constituinte, as outras atividades continuaram acontecendo ao longo do ano, principalmente as ações voltadas para processos formativos, uma das principais bandeiras de luta da Associação, previstas desde seu Regimento. No dia 05 de maio de 1933 foi noticiado que na segunda-feira seguinte, 08 de maio de 1933, os cursos noturnos gratuitos do “Partido Frenenegrino” se iniciariam, ficando abertas as inscrições para quem tivesse a “vontade de aprender”.<sup>136</sup> E ao longo do ano de 1933, foram divulgadas diversas atividades em torno de processos formativos, como a reportagem do *Diário de Notícias*, noticiando e avaliando sumariamente suas ações:

Escola da Frente Negra

A organização frenenegrina vem desenvolvendo extraordinariamente sob todos os pontos de vista.

Entretanto, o que mais satisfaz no momento é a maneira carinhosa com que alfabetiza o grande número de alunos que buscaram sua sede ávidos de educação e instrução.

É tocante ver senhores e crianças em singela promiscuidade, atarefados no desempenho das lições e das escritas, num verdadeiro anseio de aprender.

---

<sup>135</sup> Andrews, Op. Cit., (2014), p. 236.

<sup>136</sup> A abertura dos cursos gratuitos da “Frente Negra”, *Diário da Bahia*, 05/05/1933, p. 2.

Tudo isto vem trazendo a nobre instituição imensamente confortada, o que aliás tem sido um grande estímulo para a fundação dos cursos e ampliação dos existentes.

As inscrições para os cursos: primário, complementar, de música, datilografia e línguas acham-se abertas podendo os candidatos entenderem-se na sede da Frente À Rua da Ajuda 12, 1.º andar de 9 até às 23 horas.<sup>137</sup>

Ao noticiar sobre o funcionamento da escola da Frente Negra da Bahia, o jornal considerou a alfabetização a mais valiosa dentre as ações da Associação. Essa reportagem também mostra a complexidade da cobertura de temas relativos à população negra naquele período, destoando um pouco do tom dos periódicos, que era de criticar as reivindicações por cidadania para a população negra e ações que, em certa medida, questionavam o *status quo*. Outro aspecto a se considerar é a plena atuação da organização mesmo depois das eleições, contrariando as narrativas que em muito associaram a sua existência e ações voltadas apenas para o processo eleitoral de maio de 1933, conforme os autores Thales de Azevedo, Consuelo Sampaio, Jeferson Barcelar e Kim Butler.<sup>138</sup>

É notável na reportagem o empenho da FNBA na escolarização da população negra, assim como a cobertura do *Diário da Bahia* desse processo. Jucimar Cerqueira, em recente pesquisa sobre escolas noturnas para trabalhadores na Bahia entre os anos de 1870 e 1889, apresentou um panorama sobre o envolvimento de boa parte da sociedade política e civil baiana em torno da escolarização de trabalhadores, no contexto do fim da escravidão. Observa-se que, desde o Império, havia uma preocupação com a instrução do trabalhador nacional, como mecanismo de educação dessa comunidade.<sup>139</sup>

Para o período Republicano, Petrônio Domingues analisou os processos formativos da Frente Negra Brasileira em São Paulo. Tendo no Departamento de Educação o órgão mais importante da Associação, esta é seguramente uma das experiências mais importantes de instrução e educação existente na história do movimento negro durante a República brasileira. Alfabetização de crianças e adultos, curso primário, nomeação de professoras pelo Estado, atuação de professoras leigas e postura crítica diante de um

---

<sup>137</sup> Escola da Frente Negra, *Diário da Bahia*, 21/06/1933. p. 3.

<sup>138</sup> Azevedo, Op. Cit., (1996); Sampaio, Op. Cit., (1985); Barcelar, Op. Cit., (1996); Butler, Op. Cit., (1998).

<sup>139</sup> Jucimar Cerqueira dos Santos, “Escolas Noturnas para trabalhadores na Bahia” (1870-1889), (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2017).

currículo e de práticas pedagógicas que ignoravam o protagonismo negro, são alguns exemplos de como a instrução executada pela FNB contribuiu tanto na formação de uma parcela, ainda que pequena, mas significativa da população negra paulista, como na criação de exemplos a serem seguidos, como ocorreu com suas filiais, elucidando em muito o caso de Salvador.<sup>140</sup>

Em pesquisa significativa, Mônica Celestino Santos detectou atividade semelhante em Salvador naquele período desenvolvida pela Liga Bahiana contra o Analfabetismo, sob a liderança de Cosme de Farias (1875-1972). Rábula, vereador, deputado, jornalista, e mais que isso, cidadão descontente com a pobreza e carestia existente na Salvador do início do século XX, incentivou e fomentou a alfabetização da população pobre da cidade, como requisito de melhoria da qualidade de vida desta. Inclusive as “Cartilhas do ABC” eram distribuídas gratuitamente para quem tivesse o interesse em desenvolver essa atividade, especialmente professores leigos, não sendo possível identificar se as classes de Alfabetização da FNBA a usaram também. Em verdade, observando a documentação para a pesquisa e as investigações da pesquisadora Mônica Celestino sobre Cosme de Farias, seu mundo e sua dinâmica, não seria estranho se existisse uma aproximação entre a Frente Negra da Bahia e o Major Cosme de Farias, entretanto essa ligação não foi encontrada nas fontes.<sup>141</sup>

A reflexão de Mônica Celestino é bastante relevante para nosso caso, especialmente porque o grupo social que o Rábula Cosme de Farias atendeu e se dedicou tinha uma cor, afinal de contas a pobreza na Salvador do século XX “tinha” uma cor:

Não há indícios da atuação ativa de Cosme, por exemplo, no movimento organizado contra o preconceito de cor e pela igualdade no tratamento de negros e brancos, apesar de sua condição de mulato. Ele preferiu ações que propiciassem melhores dias para a população geral, sobretudo através do acesso à educação de qualidade e do trabalho e da garantia de direitos básicos como alimentação, o que

---

<sup>140</sup> Ver Domingues, Op. Cit., (2008).

<sup>141</sup> Ver Mônica Celestino Santos. Réus, Analfabetos, Trabalhadores e um Major – a inserção social e política do parlamentar Cosme de Farias em Salvador, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2005). Ver também Mônica Celestino Santos. As trincheiras do Major Cosme de Farias (1875-1972). Interface entre atuação na imprensa e ações de caridade em Salvador (Ba) no alvorecer da República, (Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2011).

consequentemente beneficiaria a maioria afrodescendente moradora de Salvador [...].<sup>142</sup>

Talvez essa questão explique esse aparente silêncio e ou distância em ações tão nobres e similares no mesmo período na cidade, e talvez até nos mesmos bairros, ao passo que dá sentido à possibilidade de atuação e operação das Escolas da Frente Negra da Bahia. Ainda que a FNBA não tenha inaugurado um *modus operandi* de militância político-racial na Bahia – apesar de ineditamente ter apresentado manifestos e comícios em torno dessa militância – esse compromisso, principalmente via ações políticas formais, causou impactos, como temos visto.

Uma das últimas notícias que encontrei sobre a atuação da Associação em processos formativos foi em fevereiro de 1934, quando o periódico *O Imparcial* informou sobre a ampliação do curso elementar e suplementar da Associação, passando a receber estudantes do sexo masculino também, e anunciando que as aulas iniciariam no dia 01 de março de 1934.<sup>143</sup> A partir desse período, as informações sobre a Frente Negra da Bahia em periódicos são muito escassas, o que nos leva a pensar que a sua atuação tenha finalizado ao longo do ano de 1934.

### **3.4 “As Centuriãs e as Decuriãs”: o Departamento Feminino**

Como temos visto, o Regimento da Associação não previa a instalação de um Departamento Feminino, nem foram encontradas notícias sobre a atuação de mulheres, desde a sua fundação até julho de 1933. Apenas a partir de agosto de 1933 apareceram notícias sobre a sua atuação, ficando entendido que esse setor da Associação foi criado nesse período.

A “FRENTE NEGRA” ESTÁ INSTALANDO SUCURSAIS  
Atendendo ao pedido que lhe foi feito por elementos residentes ao Saboeiro, a diretoria da “Frente Negra da Bahia” nomeou uma comissão que instalou uma sucursal da mesma instituição naquele bairro, com o seu respectivo departamento feminino e ficando em organização a escola noturna da dita sucursal.

---

<sup>142</sup> Id., Ibid., p. 83.

<sup>143</sup> Educação e Ensino: Foi ampliado o curso do D. de C. da Frente Negra – As aulas começarão em Março, *O Imparcial*, 21/02/1934, p. 2.

Outra comissão foi designada para, atendendo ao pedido de moradores da Villa América, ali instalar também uma sucursal o que se verificou com a posse da junta governativa constituída de sete membros, devendo ser brevemente inaugurada a sua escola noturna.<sup>144</sup> (grifos do autor)

O jornal *A Tarde*, que costumeiramente se referia à Associação entre aspas, como se fosse algo estranho e anormal, se comparado às costumeiras *frentes políticas* do período, e também compactuando com a ideia e a prática da instrução como meio de progresso para a nação, apresentou as novidades: a atuação do Departamento Feminino e a abertura de filiais, fatos ocorridos devido ao seu notório sucesso, e que também convergiam com o caso da FNB em São Paulo, sendo que em São Paulo existiram filiais no interior do Estado, e na Bahia ainda não foi encontrada essa evidência.

#### **A “FRENTE NEGRA” TRABALHA**

##### **Foi instituída a “semana fretenegrina” em prol da alfabetização**

Sendo um dos seus principais objetivos a alfabetização dos indivíduos da raça, crianças e adultos – A “Frente Negra da Bahia” tem se desvelado nesse sentido e assim é que, não só no núcleo central, mas também nas sucursais estabelecidas nos diversos bairros, vão sendo criadas escolas noturnas.

Para a instalação eficiente dessas escolas é preciso, porém, mobiliário adequado e para consegui-lo foi instituída a “semana fretenegrina”, durante a qual os elementos do departamento feminino trabalharão no sentido de obter donativos.

Trata-se de uma iniciativa digna de amparo, pois, se o homem de cor tem sido útil ao progresso do país, sê-lo-ia muito mais quando liberto da cegueira da ignorância – última e a pior das escravidões.<sup>145</sup> (grifos do autor)

Alfabetização, ensino elementar e complementar, ensino de línguas e datilografia foram alguns dos cursos anunciados nos jornais que a FNBA ofereceu. Pensar na atuação de um processo formativo desses, como a escola noturna nas filiais anunciadas acima, é pensar em algumas questões: que espaços utilizariam para regerem as aulas? A região do Saboeiro, que está inserida na região do Cabula, fazia parte das regiões rurais e suburbanas de Salvador até a metade do século XX, e a presença nessa região denota sua habilidade e preocupação em estar presente não só na Salvador urbana.

---

<sup>144</sup> A FRENTE NEGRA ESTÁ INSTALANDO SUCURSAIS, *A Tarde*, 16/08/1933, p. 2.

<sup>145</sup> A “FRENTE NEGRA” TRABALHA. Foi instituída a semana “fretenegrina” em prol da alfabetização, *A Tarde*, 21/08/1933, p. 2.

Quem seriam os professores e que conteúdos seriam utilizados em suas práticas pedagógicas? A liderança da Associação pelos professores Marcos Rodrigues dos Santos e Durval Dionisyo da Silva, bem como a contribuição do Departamento Feminino também dão o “tom” de eficiência e efetividade dos sujeitos envolvidos na atividade, de maneira que reger as classes poderia ser mais uma das atividades desses sujeitos.

Quanto ao título desta seção, foi extraído do jornal *O Imparcial*, quando da apresentação de mais uma atividade promovida pelo Departamento Feminino:

#### FRENTE NEGRA

Departamento Feminino

O sr. Américo Bispo da Silveira, na recente reunião promovida pelo Departamento Feminino da Frente Negra, falou sobre a divisa frentenegrina: Deus, Pátria, Raça e Família.

Tratou das condições atuais da mulher negra no Brasil e explicou a divisão efetuada pelo prof. Marcos Santos naquele Departamento:

Foram designadas: d. Argemira Bispo de Carvalho, 1º centuriã; D. Hermínia Luz, 1ª decuriã; d. Diva Daltro, 2ª; e d. Maria Antônia 2ª.<sup>146</sup>

Apesar de não ter sido nomeada como conferência, a atividade promovida pelo Departamento Feminino não se distancia de uma das atividades mais marcantes da Frente Negra da Bahia, que foram as conferências organizadas pela Associação, evento ocorrido mesmo antes da sua fundação. No caso em questão, para tratar do lema da Frente Negra Brasileira, “Deus, Pátria, Raça e Família”. Não é possível saber, devido aos limites de acesso às fontes, se a FNBa adotou outros símbolos, como o hino, da FNB, mas a atividade demonstra que estavam sintonizadas.

O presidente da Frente Negra da Bahia, Américo Bispo da Silveira, além de ter tratado do tema da condição da mulher negra no Brasil, apresentou a estrutura do Departamento Feminino, cujas participantes eram chamadas de centuriãs e decuriãs. Não são títulos tão estranhos para a historiografia que trata do tema da Ação Integralista Brasileira, que apresenta o setor das centúrias e decúrias, como parte do corpo organizacional da AIB.<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> FRENTE NEGRA, Departamento Feminino, *O Imparcial*, 22/09/1933, p. 8.

<sup>147</sup> Ver debate em: Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro. “Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas”, (Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2007).

*O Imparcial* foi o jornal que mais cobriu as atividades da Associação ao longo da sua trajetória. Desde o seu lançamento, as notícias não assumiram o tom caloroso nem sensacionalista, como ocorreu com os outros jornais de grande circulação de Salvador, mas muito mais informativa. Ainda em novembro de 1932, momento do lançamento da FNBa, o mesmo cobriu uma reunião ocorrida entre a Frente Negra da Bahia e a Ação Integralista para tratar dos Estatutos da “Frente”.

Mais uma reunião da “Frente Negra”

A “Frente Negra Brasileira da Bahia”, reuniu-se mais uma vez, ontem, às 19:30h, em sua sede, à Rua Ruy Barbosa, 49.

Usaram da palavra o inspetor Marcos Rodrigues dos Santos, e o sr. Inocêncio Cesimbra, representando a “Ação Integralista”.

Em seguida falaram o sr. Astério dos Prazeres e o consultor Antônio Conceição Barbosa. Uma comissão composta do professor Lydio Gomes e do bacharel José de Lima foi encarregada de estudar o projeto do Estatuto da “Frente”. Ficou assentado que amanhã realizariam nova sessão.<sup>148</sup>

Inocêncio Cesimbra, além de presidente da União Caixeiral no período, era uma das principais lideranças da AIB na Bahia, esta que durante o final do ano de 1932 também articulava seu estabelecimento em Salvador. A aproximação entre lideranças negras na década de 1930, e da própria Frente Negra Brasileira com a AIB não é novidade, a “novidade” seria essa aproximação entre as organizações aqui na Bahia, visto que até então não sabíamos desse fato.<sup>149</sup> Outro fato interessante na notícia é a exposição de um quadro de disputa ideológica. O encontro foi noticiado apenas no jornal *O Imparcial*; e ao longo da existência da Associação também não foram encontradas notícias em outros periódicos que tratassem da aproximação das duas organizações. Laís Ferreira, ao pesquisar as ações educacionais e assistenciais realizadas pela Ação Integralista Brasileira na Bahia, noticiadas pelo *O Imparcial* na década de 1930, concluiu que

Na década de trinta, a Bahia assistia ao surgimento e expansão do movimento integralista. Em poucos anos, havia núcleos espalhados

---

<sup>148</sup> Mais uma reunião da “Frente Negra”, *O Imparcial*, 30/11/1932, p. 8. Importante destacar a presença de Astério dos Prazeres, liderança sindical de referência no período, atuante no Sindicato dos Marceneiros. Ver: Castellucci, Op. Cit., (2015).

<sup>149</sup> Ver: Domingues, Op. Cit., (2006).

por quase todo o estado [...] Nesse processo de expansão, os integralistas tiveram ao seu favor um dos mais importantes órgãos de imprensa local, o matutino *O Imparcial* [...] *O Imparcial* foi progressivamente abrindo espaço ao integralismo, tornando nítida a linha editorial pró-integralista [...].<sup>150</sup>

A autora traz considerações bastante pertinentes acerca do Integralismo na Bahia e o envolvimento do jornal *O Imparcial* na cobertura e no trato das disputas ideológicas da década de 1930. A pesquisa deu ênfase à cobertura efetuada pelo periódico das ações dos integralistas na educação e na assistência social, justamente os setores aos quais a Frente Negra da Bahia também se dedicou. O encontro ocorrido no dia trinta de novembro de 1932, o acerto para encontro seguintes, termos como “centuriãs e decuriãs e Departamento Feminino”, utilizados por ambas, se mostram como indícios pertinentes da aproximação entre a FNBa e a AIB, assim como de suas pautas. Porém, para além da aproximação de uma pauta, ambas partilhavam de algumas concepções ideológicas muito próximas: concepções políticas, como o cooperativismo; e concepções religiosas, como a confissão do Catolicismo. Todavia, independente de uma aproximação alicerçada ou não, deve ter sido muito proveitosa a assistência jurídica que os integralistas lhes propuseram.<sup>151</sup>

Petrônio Domingues analisou alguns aspectos das “frentenegrinas”, as mulheres que compunham a Frente Negra Brasileira, em São Paulo, que atuavam principalmente nas atividades recreativas e de assistência social.<sup>152</sup> Nesse sentido, não houve tantas discrepâncias quanto à atuação do Departamento Feminino da Frente Negra da Bahia, com relativo destaque aos homens e predomínio do patriarcado, como referência de protagonismo. Participando dos processos formativos da Associação, realizando atividades educacionais e de assistência, o Departamento Feminino da Frente Negra da Bahia seguramente contribuiu na dinamização das suas ações.

---

<sup>150</sup> Ferreira, Op. Cit., (2006), p. 118.

<sup>151</sup> A década de 1930 é marcada por uma intensa mobilização de trabalhadores, contexto também de uma crescente polarização ideológica, dominada principalmente pela Ação Integralista Brasileira e pela Aliança Nacional Libertadora. De modo que a disputa por espaços de influência na sociedade civil e política se apresentava como eixo estruturante desse processo, sendo a aproximação entre a Aliança Integralista Brasileira na Bahia e a Frente Negra da Bahia, órgão de aglutinamento de trabalhadores, parte desse processo também. Petrônio Domingues aponta aspectos pertinentes para entender melhor a relação entre a Frente Negra Brasileira e a Ação Integralista Brasileira em: Domingues, Op. Cit., (2006). Discussão deveras pertinente também em: Graham, Op. Cit., (2014), p. 353.

<sup>152</sup> Domingues, Op. Cit., (2006).



Se até as eleições de maio de 1933 as atividades da Associação se concentraram em torno da campanha política, após esse momento, as atividades mudaram de foco. Práticas formativas, recreativas e de assistência social, ou seja, de construção de uma cultura política antirracista, através da positivação da contribuição da população negra como protagonista da nação passaram a ser as principais atividades no contexto, justamente, do surgimento do Departamento Feminino e da sua determinante contribuição.

### 3.5 “CONTRIBUIÇÃO DA RAÇA NEGRA NA FORMAÇÃO NACIONAL”

Artº 7º – Será admitido sócio todo aquele que de cor Preta declarar perante a Secretaria da sede Social subordinar-se às deliberações desta Sociedade e respeitá-las com acatamento e carinho.

Artº 8º – Serão admitidos na qualidade de sócios adesistas todos aqueles que desejando auxiliar essa Instituição, declarar, acatar e respeitar as suas deliberações.

§ Único – A esta espécie de sócios não será permitido nenhum cargo ou incumbência social, assistindo-lhes apenas, o direito de tomar parte nas reuniões da Assembleia Geral.<sup>153</sup>

O título da presente seção está ligado a uma cultura política adotada e executada pela Frente Negra da Bahia, que se materializa em muito seus projetos e sentidos de nação. É desse modo que os artigos sétimo e oitavo do Regimento Interno refletidos à luz da “contribuição da raça negra na formação nacional” se encaixam em nossa reflexão, ao admitir apenas aos sujeitos “de cor Preta” à condição de sócios.

Admitir esse fato se apresentava como resposta à narrativa nacional de *harmonia racial* brasileira que escamoteava condições de cidadania da população negra. Por outro lado, consentir a participação de outros sujeitos na condição de “sócios adesistas”, reservando a estes o direito de participação das assembleias, mostra um certo tom de *harmonia racial*, ou como afirmou Marcos Rodrigues dos Santos, “a Frente Negra não conhece inimigos”. Nesse sentido parece bastante plausível que os sócios adesistas poderiam ser brancos.<sup>154</sup>

---

<sup>153</sup> FRENTE NEGRA DA BAHIA, REGIMENTO INTERNO, 27/12/1932, Op. Cit. fl.10.

<sup>154</sup> O programa de ação da Frente Negra da Bahia, *O Estado da Bahia*, 09/02/1933, p. 5.

A comemoração de datas cívicas foi um exemplo muito interessante para observar a cultura política da associação. Eram comemoradas a abolição da escravidão, a independência do Brasil e a proclamação da República, *coincidentemente* no dia da comemoração do primeiro aniversário da Associação em Salvador, ocorrendo nesses dias passeatas, encontros e atividades de sociabilidade. Os fretenegrinos se incluíam na narrativa nacional, apresentando a sua própria interpretação acerca dos principais eventos políticos da história brasileira.

COMEMORANDO O 13 DE MAIO- A Frente Negra realizou uma romaria fúnebre e uma sessão cívica  
Comemorando a data consagrada à abolição da escravatura, a “Frente Negra”, entusiasta agremiação de classe, visitou ontem os túmulos do prof. Dr. Maxwell Porphírio de Assunção, Manoel Querino e prof. Ascendino Bispo dos Anjos, depositando nos mesmos flores naturais.  
À noite realizou uma sessão cívica, em sua sede, à rua Ruy Barbosa, falando o prof. Marcos Rodrigues, que evocou as personalidades de Luiz Gama, Joaquim Nabuco, José do Patrocínio, Castro Alves e outros.<sup>155</sup> (grifos do autor)

#### FRENTE NEGRA

Com o dia da República, fez o seu primeiro aniversário a Frente Negra da Bahia, cuja vitória vai se acentuando, no programa que traçou para fins altamente nacionais.

A Frente Negra tem feito o seu dever, apesar das imensas dificuldades que tem encontrado em seu caminho. A alma heroica do negro, que soube construir, em grande parte, a alma da pátria do Brasil, tem tido a persistência no trabalho, que lhe vai dar a vitória na consecução dos seus nobres ideais.

A Frente Negra tem caminhado firme nos seus princípios, atenta sempre a seu credo, que é o levantamento dos ideais da raça. Devagar, mas seguramente, vai ela marchando para o cumprimento da sua finalidade.

Coincidência interessante: faz anos a Frente Negra no próprio dia da Proclamação da República, quando ela lembra mais saudosamente o império que a libertou [...] o império que caiu, em grande parte por causa de a ter levantado!

A lembrança do império vive na alma agradecida dos negros. Poucos deles sabem, talvez, quanto custou à coroa a liberdade que lhes deu [...] mas sabem que o tempo do império era bom, tanto que dele se lembram com saudades [...].<sup>156</sup>

---

<sup>155</sup> COMEMORANDO O 13 DE MAIO. A “Frente Negra” realizou uma romaria fúnebre e uma sessão cívica, *O Imparcial*, 14/04/1933, p. 3.

<sup>156</sup> FRENTE NEGRA, *O Imparcial*, 18/11/1933, p. 4.

Ao referenciar e positivar o treze de maio e sujeitos que tiveram uma relação direta com o processo de extinção da escravidão na nação, a Frente Negra da Bahia demarcava uma posição política estratégica de manutenção da memória do protagonismo da população negra, especialmente no caso das referências a Maxwell Porphírio de Assunção, Manoel Querino e Ascendino Bispo dos Anjos. Além disso, essa discussão se torna mais profunda porque corrobora com a discussão historiográfica que vem apontando o impacto da manutenção da ideia da abolição como dádiva. Os episódios onde a Guarda Negra se fez presente foram cruciais para potencializar essa ideia, especialmente por parte da *grande imprensa* do período, que contribuiu significativamente para a construção dessa memória, a da “saúde” do império.<sup>157</sup>

Segundo Jeferson Barcelar, Maxwell Porphírio era um africano, advogado e professor de inglês, o que lhe assegurava certa projeção social no início do século XX na Bahia. Barcelar ainda destaca o seu relevo político e social na Bahia da Primeira República, no episódio do lançamento do projeto de lei para a proibição da imigração negra no Brasil, de autoria do deputado Cincinato Braga, durante a década de 1920, ao manifestar sua posição contrária ao projeto na imprensa baiana.<sup>158</sup> Quanto a Manoel Querino, é um dos principais nomes da campanha abolicionista, da militância operária baiana e do associativismo negro baiano também, tendo atuação relevante no Centro Operário da Bahia, além de ter sido professor, artista, etnógrafo dos costumes africanos na Bahia, e ter atuado no serviço público e intelectual.<sup>159</sup> Menos conhecido, mas também muito importante foi o professor Ascendino Bispo dos Anjos, liderança negra de referência na Bahia dos 1920, a quem Paulina Alberto identificou uma notável contribuição na militância político-racial na Bahia na década de 1920.<sup>160</sup>

Dito isto, torna-se mais compreensível o porquê das homenagens póstumas a esses três sujeitos, pensados à luz da Frente Negra da Bahia – e do associativismo negro – e suas percepções de nação e inclusão. Instrução, educação, cultura política em aspectos formais, como a tentativa de criar um partido, assim como ocupar a política formal

---

<sup>157</sup> Ver: Gomes, Op. Cit., (2005). Ver também: Albuquerque, Op. Cit., (2003).

<sup>158</sup> Barcelar, Op. Cit., (1996).

<sup>159</sup> Maria das Graças Andrade Leal, “Manuel Querino: um intelectual negro no contexto do pós-abolição na Bahia”, Gomes e Domingues (org.), Op. Cit., (2011), p. 63.

<sup>160</sup> Alberto, Op. Cit., (2017).

podem ser elencados como exemplos de elementos em comum, tanto da militância desses sujeitos, quanto da FNBa, obviamente influenciada por estes.

O lançamento da Associação, *coincidentemente* no dia da proclamação da República também contribui para entender melhor o seu vocabulário político. Sabe-se que mesmo antes do seu lançamento, a Frente Negra da Bahia já desenvolvia atividades e que seu lançamento, em 15 de novembro de 1932, face ao panorama político do final daquele ano foi bastante habilidoso. O artigo foi publicado, sem autoria, no jornal *O Imparcial*, periódico “amigo”.

Ainda que não tenha apresentado uma autoria, não seria estranho o fato de o artigo ter sido publicado no referido periódico, o mais influente instrumento de difusão do Integralismo na Bahia. Além da Aliança Integralista Brasileira, outros grupos de inspiração fascista também existiram no Brasil na década de 1930, como a Ação Imperial Patrianovista, esta, que tinha como uma das principais lideranças o fretenegrino e monarquista Arlindo Veiga dos Santos.<sup>161</sup> De modo que existia um ambiente favorável para a discussão de tais temas, conforme a reportagem, onde a abolição foi representada como benção da Coroa, e com isso fazia falta, segundo tal ponto de vista.

No entanto não é possível afirmar que a Frente Negra da Bahia era monarquista a partir desse artigo, mas é notório que o texto atesta um certo desencanto com a República. E esse histórico desencanto soma, junto com alguns outros movimentos, como a Guarda Negra e alguns exemplos da imprensa negra, a um conjunto de expressões da militância negra que eram monarquistas e ou referenciava o império e a abolição como dádiva da Coroa.<sup>162</sup>

O título desta seção é uma referência a uma das conferências promovidas pela associação. Dessa vez, no segundo semestre de 1933, na Associação dos Empregados do Comércio, mostrando mais uma vez que a busca, tanto por sócios em várias categorias, quanto pelo fomento da sua agenda, foi uma constante em sua trajetória.

#### CONTRIBUIÇÃO DA RAÇA NEGRA PARA A FORMAÇÃO NACIONAL

---

<sup>161</sup> Domingues, Op. Cit., (2006).

<sup>162</sup> Gomes, Op. Cit., (2005). Ver também: Domingues, Op. Cit., (2008).

A Conferência de D. Martins Barrios na A. dos E. do Comercio  
Realizou-se na terça-feira a conferência do sr. Martins Barrios sobre a “Contribuição da raça negra na formação nacional”. À solenidade abrilhantou uma banda de música tendo sido cantado o hino da “Frente Negra”.

O sr. Marcos dos Santos apresentou o conferencista à numerosa assistência e fala demoradamente sobre os propósitos e realizações da “Frente Negra” pedindo aos presentes um óbulo para confecção de bancos escolares, tendo sido muito aplaudido.

Começando a sua conferência o intelectual paraguaio D. Martins Barrios fez interessantes considerações gerais sobre o momento que atravessa o mundo e diz: “Estamos assistindo às violentas convulsões agônicas de uma civilização que se despede. Uma nova era, a era da máquina, já assoma no horizonte, carregada de eletricidade como as auroras polares. A humanidade anda perdida numa floresta de doutrinas paradoxais: Por toda parte sente-se um acentuado mal-estar: o ambiente é deletério, culmina a desordem, impera o egoísmo! Ante a vida que os sistemas filosóficos têm complicado ao extremo, os nossos sentidos amotinam-se, atirando-nos à confusão”. Passou então a estudar “as três raças que formam as plataformas étnico-espiritual da nacionalidade brasileira, dizendo que os seus primeiros lampejos se manifestaram depois da independência em que começa a vida intelectual.”<sup>163</sup> (grifos do autor)

Ainda faltam informações mais sistemáticas sobre Francisco Martins Barrios, poeta, músico e estudioso da língua guarani. Muito marcado pela identidade guarani e como um dos elementos mais essenciais da identidade paraguaia, nessa conferência, a formação da identidade nacional brasileira foi um dos pontos centrais da sua explanação, com destaque para a contribuição da raça negra, e destaque para a mestiçagem.

A reportagem apresentou dois momentos da sua explanação, começando pela sua crítica ao horror e às convulsões trazidas pelo mundo moderno, dando um tom bastante fatalista ao momento em que viviam, com a ascensão de regimes políticos totalitários e nacionalismos exacerbados e beligerantes.<sup>164</sup> No segundo, se dedicou a discutir o tema raça, apresentado como elemento determinante para a constituição da nação brasileira. Minimizando a africanidade e maximizando a mestiçagem, ressaltou o quanto esta tinha

---

<sup>163</sup> CONTRIBUIÇÃO DA RAÇA NEGRA PARA A FORMAÇÃO NACIONAL, *O Imparcial*, 11/08/1933, p. 3.

<sup>164</sup> Maio e Cytrynowicz, Op. Cit., (2015).

sido positiva para a formação nacional, com destaque para a contribuição da raça negra, recebendo os aplausos dos presentes na Associação dos Empregados do Comércio.<sup>165</sup>

Em seguida, depois de explicar a intervenção das raças europeias, portuguesas, francesas e holandesas, estendeu-se sobre as raças autóctones, fazendo demonstrações gráficas sobre os idiomas indígenas ainda hoje subsistentes no continente.

Referindo-se à raça negra, explicou que não tratava, precisamente, da raça africana, senão do negro brasileiro que constitui uma parcela considerável da nossa sociedade. E diz que a sociedade não é uma mera abstração senão, pelo contrário, que ela constitui um órgão real e positivo. Neste sentido falou demoradamente na contribuição da raça negra ao progresso nacional, material e artístico. “Os maiores homens na esfera do pensamento e das artes nasceram da mestiçagem”. Faz citações: Patrocínio, Tobias Barreto, Gonçalves Dias, Alencar e tantos outros. Concluiu dizendo, que a quase totalidade dos habitantes do continente tem ascendência mestiça.

O sr. Martins Barrios foi muito aplaudido.

Na próxima semana haverá uma outra conferência do intelectual argentino em lugar e dia que serão noticiados pela imprensa.<sup>166</sup> (grifos do autor)

A explanação do artista e intelectual paraguaio diz muito sobre o ambiente intelectual e cultural da América Latina da década de 1930, especialmente para o caso da mestiçagem e da ideia de harmonia racial, ideais políticos então bastante valorizados, em detrimento da sua crítica, assim como da crítica às políticas de branqueamento, ainda fortes até a década de 1920 na região.<sup>167</sup> No Brasil, a situação não era diferente, e mais que isso, a reportagem na verdade pautava *a solução para o problema* racial no Brasil, aliás, esse foi o argumento que os periódicos baianos apresentaram quando do lançamento da Frente Negra da Bahia, para questionarem uma associação de trabalhadores com o critério racial.<sup>168</sup>

---

<sup>165</sup> Encontrei pouquíssimas informações sobre Francisco Martin Barrios, nascido em 1893 e falecido em 1939. Natural do Paraguai, sua identidade guarani foi uma das suas principais influências na sua trajetória como poeta, escritor e músico. Nos idos do segundo semestre de 1932 estava em turnê musical no Brasil com seu irmão, também músico, Augustín Pio Barrios, quando apresentou a palestra em Salvador. Para mais informações ver <http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/abc-revista/enterese-1104128.html>. Ver também <http://www.musicaparaguaya.org.py/fmbarrios.html>. Acesso em 30/01/2017.

<sup>166</sup> CONTRIBUIÇÃO DA RAÇA NEGRA PARA A FORMAÇÃO NACIONAL, *O Imparcial*, 11/08/1933, p. 3.

<sup>167</sup> Andrews, Op. Cit., (2014), p. 187.

<sup>168</sup> A discussão de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior fazem parte da síntese mais famosa de interpretação do Brasil pelas ciências sociais, especialmente a contribuição de Freyre em torno da mestiçagem e do debate sobre raça no Brasil do século XX. Ainda que esses trabalhos tenham

É nesse ponto que a cobertura da conferência feita pelo periódico mais uma vez confirmou suas posturas política e racial mestiças e generalizantes, ao salientar a “fala demorada” de Marcos Rodrigues dos Santos, sobre os propósitos da associação, sem dizer exatamente nada sobre sua “fala demorada”. A conferência também mostrou que essas ideias também circulavam entre os populares, e como temos visto ao longo do trabalho, esse processo não era somente vertical, haja vista um conjunto de práticas entre os populares, que forjou expectativas e projetos de nação, onde a mestiçagem e a valorização da identidade negra também foram pautadas, conforme argumento de Tiago de Melo Gomes. O autor já apontara esse processo para o caso do Rio de Janeiro na década de 1920, através do Teatro de Revista, onde raça, identidade e nação eram preocupações de toda a sociedade.<sup>169</sup>

Esse foi o primeiro momento em que a FNBa “abraçou” publicamente a causa da mestiçagem. Seguramente esse “abraço” não foi tão caloroso, e foi justamente o tema raça, no qual Martins Barrios apresentou, e como sabemos foi um assunto deveras dissimulado na Bahia dos 1930, foi a estratégia utilizada para, mais uma vez, escancarar e potencializar essa discussão entre os trabalhadores baianos. O nacionalismo da Frente Negra da Bahia foi um nacionalismo que apregoava a participação do negro, ressaltando a sua condição racial “de cor preta”, bem como contribuição na formação nacional como tal, sem uma certa dissipação, tal qual os partidários da mestiçagem defendiam e a tencionaram constantemente.

Este capítulo se dedicou a explorar de modo mais detalhado a Frente Negra da Bahia, sua história, seus projetos, seu vocabulário e cultura política. A aliança entre organização, instrução e educação e ação política mostra o quão sofisticado era o seu projeto de integração da população negra.

Naquela terça-feira à noite, a FNBa contou mais um episódio da história da luta antirracista da Bahia. Ter cantado o hino da Frente Negra da Bahia, salientando a importância dos símbolos da Associação, como elementos de construção de representações positivas para a população negra; ter discutido o tema da mestiçagem

---

side publicados durante e depois da atuação da Frente Negra da Bahia, ou seja, a partir de 1933, é notório o ambiente cultural e intelectual de promoção da harmonia racial e cooperativismo social, que dialogava com seus postulados, como temos visto nas publicações da imprensa aqui apresentadas. Debate elencado em: Guimarães, Op. Cit., (2009) e também em Viana, Op. Cit., (2007).

<sup>169</sup> Gomes, Op. Cit., (2004).

com os trabalhadores baianos, ressaltando a contribuição da raça negra na formação nacional; ter referenciado sujeitos quem, com todas as particularidades, mostraram que uma outra história de lutas e vitórias precisava ser contada para a população negra da Bahia, como a Frente Negra da Bahia, na medida do possível, fez.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo as suas leituras sobre o regime político que se instaurava no Brasil a partir da década de 1930, e dando continuidade a uma rica tradição de associativismo de classe e de cor, a Frente Negra da Bahia escreveu uma parte importante da história do protagonismo negro na Bahia. Esse processo se deu através de hábeis e estratégicas tentativas de negociações e promoção de cidadania dentro das condições possíveis, com destaque para o entendimento de que era preciso construir e/ou consolidar a consciência político-racial dos trabalhadores baianos, com vistas à potencialização da sua constante luta por direitos.

Nesse sentido, a instrução, a assistência social e a participação direta no sistema político foram algumas das estratégias utilizadas pela FNBa para, ao menos, tentar minorar suas condições de vida. Através de um projeto de integração da população negra baiana, tendo a instrução formal como redenção, junto com um modelo de educação e civilização, onde alguns valores, como o catolicismo e a salvaguarda das hierarquias políticas através de ideias da direita daquela década, a FNBa demonstrou o quanto essa história é complexa e dinâmica.

A pesquisa ainda se apresentou como um avanço qualitativo nos estudos sobre a Frente Negra Brasileira, obviamente sobre a FNBa, e também contribuiu significativamente para os estudos sobre o pós-abolição, ao refletir sobre dois quesitos bastante caros para o campo: as trajetórias e o associativismo negro. As reflexões sobre as reações dos periódicos, diante da possibilidade de uma associação de trabalhadores sob o critério da cor e de tentativa de disputa política nos espaços formais, mostraram o quanto a sociedade baiana da década de 1930 era marcadamente racializada. Questão que, de algum modo, esclarece ou dá um certo sentido a suas dificuldades de manutenção e ou tentativas de subvenção. Ao atestar a existência de atividades do Departamento Feminino, assim como a atuação e mudança de alguns dos componentes nos cargos, a FNBa reforça suas habilidades administrativas.

Ainda sobre suas habilidades e contribuições, as conexões com vários grupos e sindicatos, como o Centro Operário da Bahia, além das suas tentativas de enraizamento

nos bairros dos trabalhadores, bem como em seus *mundos do trabalho*, como o Porto de Salvador, explicita o quanto a agenda racial foi fomentada e demandada.

Neste sentido, a tentativa de construção de uma narrativa nacional que exaltasse líderes negros ainda desconhecidos da maioria da população, e de construir uma imagem positiva desses, como ocorreu com o Manuel Querino e o professor Maxwell Porphírio – que havia poucos meses de falecido quando recebeu a homenagem da FNBA – também é um grande exemplo da colaboração dessa Associação nesse processo.

Além disso, sua aproximação com a Aliança Integralista Brasileira, assim como sua leitura acerca da história do Brasil e a difícil empreitada assumida em erigir um discurso de afirmação e identidade racial em um ambiente político e ideológico de exaltação da harmonia racial, como era a Bahia dos anos 1930, também integram as suas leituras e projeto de nação.

## **FONTES**

### **Biblioteca Pública do Estado da Bahia:**

A Tarde (1932-1934)

Diário da Bahia (1932-1934)

Diário de Notícias (1932-1934)

O Estado da Bahia (1933-1934)

O Imparcial (1932-1934)

### **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional:**

Imprensa Negra

A Voz da Raça (1933-1937)

O Clarim da Alvorada (1931)

### **Arquivo Público do Estado da Bahia**

Seção Republicana, Secretaria de Governo, Ofícios Recebidos e Expedidos (1932-1934)

Seção Judiciária, Inventário nº 06/2572/3072/05; nº 03/895/1364/08

Seção Judiciária, Habeas Corpus, est. 220, cx. 185, doc. 48

Seção Judiciária, Executiva 270 /26

Diário Oficial do Estado da Bahia (1932-1934)

### **Laboratório Eugênio Veiga**

Atas, 1926

### **Memorial Arlindo Fragoso**

Dossiês

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTO, Paulina L. *Termos da Inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação: Abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDREWS, George Reid. *América Afro-Latina 1800-2000*. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

AZEVEDO, Thales de. *As Elites de Cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social, classes sociais e grupos de prestígio*. Salvador: Edufba: EGBA, 1996.

BARCELAR, Jeferson. A Frente Negra Brasileira na Bahia. *Afro-Ásia*, n. 17, (1996), pp. 73-85.

BATALHA, Cláudio H. M. Relançando o debate sobre o mutualismo: as relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos à luz da produção recente. *Revista Mundos do Trabalho*, v. 2, n. 4 (2010), p. 12-22.

BUTLER, Kim D. *Freedom given, freedom won: Afro-Brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick/Londres: Rutgers University Press, 1998.

CARNEIRO, Márcia Regina da Silva Ramos. Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas, (Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2007).

CARVALHO, Patrícia Carneiro Santos Moreira de. Juracy Magalhães e a construção do Juracisismo: um perfil da política baiana, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2005)

CASTELLUCCI, Aldrin A. S. *Trabalhadores e política no Brasil: do aprendizado do Império aos sucessos da Primeira República*. Salvador: EDUNEB, 2015.

\_\_\_\_\_. Salvador dos operários: Uma História da Greve Geral de 1919 na Bahia, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2001).

\_\_\_\_\_. Agripino Nazareth e o movimento operário da Primeira República. *Revista Brasileira de História*, v. 32, n. 64, (2012).

CRUZ, Maria Cecília Velasco e. Da tutela ao contrato: “homens de cor” brasileiros e o movimento operário carioca no pós-abolição, *Topoi*, v. 11, n. 20, (2010).

DELGADO, Lucília e FERREIRA, Jorge (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo, do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

DOMINGUES, Petrônio. *A Nova Abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

\_\_\_\_\_. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 2014, vol. 34, n.67.

\_\_\_\_\_. “Esses intemoratos homens de cor”: o associativismo negro em Rio Claro (SP) no pós-abolição. *História Social*, n. 19, (2010).

\_\_\_\_\_. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, v. 12 n. 23, (2007).

\_\_\_\_\_. “O messias negro?” Arlindo Veiga dos Santos (1902-1978). *Varia História*, v. 22, n. 36, (2006).

\_\_\_\_\_. O recinto sagrado: educação e antirracismo no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 138, (2009).

\_\_\_\_\_. “Um templo de luz”: Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13. n. 9, (2008).

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. (2 volumes). 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1978.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. Educação e Assistência Social: as estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em O Imparcial, 1933-1937. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2006).

FONTES, José Raimundo. *A Bahia de todos os trabalhadores: classe operária, sindicato e política (1930-1947)*, (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 1996).

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

GOMES, Flávio. *Negros e Política (1888-1937)*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GOMES, Flávio dos S.; DOMINGUES, Petrônio (orgs.). *Da nitidez e Invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2013.

\_\_\_\_\_. *Experiências da emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

\_\_\_\_\_. *Políticas de Raça: experiências e legados da abolição e do pós-emancipação no Brasil*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

GOMES, Tiago de Melo. *Um espelho no Palco: identidades sociais e massificação da cultura no Teatro de Revista nos anos 1920*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

GRINBERG, Keila e SALLES, Ricardo. (orgs.). *O Brasil Imperial. Volume III: 1870-1889*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Racismo e Antirracismo no Brasil*. São Paulo: 34, 2009.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos, o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LONER, Ana Beatriz. *Classe Operária: Mobilização e organização em Pelotas (1888-1937)*, (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999).

MARQUES, Rita de Cássia. *A caridade criando hospitais em Minas Gerais (Brasil) – séculos XVIII-XX*. *Dynamis*, v. 31, n. 1, (2011).

MATA, Iacy Maia. *Conspirações da raça de cor: escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

MATA, Iacy Maia. *Os Treze de Maio: ex-senhores, polícia e libertos na Bahia pós-abolição (1888-1889)*”, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2002).

NUNES, Giovanna Ferreira. *História de ingênuos e órfãos tutelados na Bahia (1871-1900)*, (Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado da Bahia, 2016).

PASSOS, Elizete. *Henriqueta Catharino, 1886-1969*. Salvador: EDUFBA FACED, 2010.

PEREIRA, Amilcar Araújo. *O mundo negro: a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)*, (Tese de Doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2010).

REIS, Meire Lúcia Alves dos. *A Cor da Notícia: discursos sobre o negro na imprensa baiana (1888-1937)*. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2000).

ROCHA, Alexandre Caroli. *“O caso Humberto de Campos: autoria literária e mediunidade”*, (Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2008).

SAMPAIO, Consuelo Novais. *Poder e Representação: o legislativo na Bahia na segunda República, 1930-1945*. Salvador: AleBa, 1985.

SANTOS, Isis Freitas dos. “Gosta dessa baiana?” Crioulas e outras baianas nos cartões postais de Lindemann (1880-1920)”, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2014).

SANTOS, Israel Silva dos. Igreja Católica na Bahia, a reestruturação do arcebispado primaz, 1890-1930, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2006).

SANTOS, José Weliton Aragão dos. Formação da Grande Imprensa na Bahia. (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 1985).

SANTOS, Jucimar Cerqueira dos. Escolas noturnas para trabalhadores na Bahia (1870-1889). (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017).

SANTOS, Lucas Ribeiro. “Sociedade Protetora dos Desvalidos: mutualismo, política e identidade racial em Salvador (1861-1894) ”, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2018).

SANTOS, Mônica Celestino. Réus, Analfabetos, Trabalhadores e um Major – a inserção social e política do parlamentar Cosme de Farias em Salvador, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2005).

\_\_\_\_\_. As trincheiras do Major Cosme de Farias (1875-1972). Interface entre atuação na imprensa e ações de caridade em Salvador (Ba) no alvorecer da República, (Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2011).

SANTOS, Thiago Alberto Alves dos. A liberdade e outras ilusões: a militância de Ismael Ribeiro dos Santos (1880-1912), (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2015).

Thiago Alberto Alves dos Santos. Ismael Ribeiro: “Abram-se escolas!”. <<http://www.bvconsueloponde.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=192>>, acessado em 01/07/2017.

SILVA, Cláudia Neves da. LANZA, Fábio. São Vicente de Paulo: caridade católica aos problemas sociais? *História*, v. 29, n. 1, (2010).

SILVA, Fátima Aparecida. A Frente Negra Pernambucana e sua proposta de educação para a população negra na ótica de um dos seus fundadores: José Vicente Rodrigues Lima – Década de 1930, (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará), 2008.

SOUZA, Edinéia Maria Oliveira. Pós-abolição na Bahia: hierarquias, lealdade e tensões sociais em trajetórias de negros e mestiços de Nazaré das Farinhas e Santo Antônio de Jesus (1888-1930), (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012).

SOUSA, Ana Cristina. Povoados de Cachoeirinha e Massaranduba (Vale do Jequitinhonha, Bahia): a relação entre espaço, agentes e contexto sócioeconômico, (Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia, 2006).

SOUZA, George Evergton Sales. Entre o Religioso e o Político: uma história do Círculo Operário da Bahia”, (Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 1996).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VIANA, Larissa. *O Idioma da mestiçagem, As irmandades de homens pardos na América Portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. O estudo do mutualismo: algumas considerações historiográficas e metodológicas. *Revista Mundos do Trabalho*, nº 4 (2010).

Cláudia Viscardi. *O Teatro das Oligarquias: uma revisão da política do café com leite*. Belo Horizonte, 2012.

ZORZO, Francisco Antônio. *Ferrovia e Rede Urbana na Bahia: Doze cidades conectadas pela Ferrovia no Sul do Recôncavo e Sudoeste Baiano (1870-1930)*. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001.